



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



ROGÉRIO MEDEIROS SILVA

Rock de Combate:

**A música do grupo *The Clash* como objeto de estudo em sala de aula no Ensino
Médio (décadas de 1970 e 1980)**

Uberlândia/MG 2024



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



Rock de Combate:

**A música do grupo *The Clash* como objeto de estudo em sala de aula no Ensino
Médio (décadas de 1970 e 1980)**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA/UFU, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Ensino de História

Linha de pesquisa: Linguagens e narrativas históricas: Produção e Difusão

Orientador: Professor Doutor Newton D'Ângelo

Uberlândia/MG 2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586
2024

Silva, Rogério Medeiros, 1976-
Rock de Combate [recurso eletrônico] : A música do
grupo The Clash como objeto de estudo em sala de aula no
Ensino Médio (décadas de 1970 e 1980) / Rogério Medeiros
Silva. - 2024.

Orientador: Newton D' Ângelo.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Mestrado Profissional em Ensino de História.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.650>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. História. I. Ângelo, Newton D', 1963-, (Orient.).
II. Universidade Federal de Uberlândia. Mestrado
Profissional em Ensino de História. III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, 2º piso, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4395 - profhistoria@inhis.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Ensino de História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, 22, PPGEH				
Data:	vinte e nove de agosto de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	14h05	Hora de encerramento:	16h30
Matrícula do Discente:	12212HRN015				
Nome do Discente:	Rogério Medeiros Silva				
Título do Trabalho:	Rock de Combate: A música do grupo <i>The Clash</i> como objeto de estudo em sala de aula no Ensino Médio (décadas de 1970 e 1980)				
Área de concentração:	Ensino de História				
Linha de pesquisa:	Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Cidade, Nação e Cultura Popular: apropriações e tensões em torno de linguagens, identidades e patrimônio histórico no mundo contemporâneo				

Reuniu-se, por meio de webconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ensino de História, assim composta: Professores Doutores: Newton Dângelo - INHIS/UFU, orientador do candidato; Nara Rúbia de Carvalho Cunha - INHIS/UFU e Martha Victor Vieira - UFNT.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, o Prof. Newton Dângelo, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Newton Dangelo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/08/2024, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nara Rúbia de Carvalho Cunha, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/08/2024, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Martha Victor Vieira, Usuário Externo**, em 29/08/2024, às 16:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5649485** e o código CRC **170316B7**.



Agradecimentos

Em primeiro lugar aos meus pais, Irene e Lázaro. Por terem feito (e ainda fazem) todo o possível para verem os filhos em condições muito melhores do que eles puderam ser e ter. Não tiveram a oportunidade de continuar seus estudos, mas sempre nos incentivaram a continuar. A eles que, quando raramente aparecia um professor ou uma professora para lecionar lá na “roça”, este era chamado de “Mestre”, nos idos da década de 1950. Obrigado por tudo. Sem vocês eu não teria chegado ao que me tornei, professor e ser humano ético.

À Cláudia, meu amor, minha esposa, minha companheira. Aquela que sempre me incentivou quando eu quis desistir, que sempre me tolerou quando eu mesmo não me tolerei. Te amo, meu amor.

Ao meu orientador Professor Newton D’Ângelo, que foi meu orientador na graduação há 17 anos, e agora, mais uma vez, demonstrou toda parceria, paciência, flexibilidade e apoio necessários para continuar nesta jornada, obrigado Professor.

Ao meu grande amigo-irmão de longa data Me. Luiz Fernando Martinelli (professor, filósofo, educador, humanista, grande admirador de boa música), que mesmo passando por todos estes percalços dos últimos anos, sempre esteve ao meu lado, incentivando e apoiando.

Ao amigo Me. Flávio Christian, que entrou na primeira turma do ProfHistória UFU (que não consegui entrar), e me incentivou e apoiou para tentar novamente. Muito válidas as trocas de experiências. Bem como aos outros poucos amigos de longa data.

Aos professores e professoras das disciplinas cursadas no ProfHistória/UFU, todos muito compreensivos e solícitos em relação à nossa realidade de professor e mestrando. Muitas experiências enriquecedoras.

Aos colegas do curso, sempre parceiros e companheiros nas trocas de ideias, experiências, conhecimentos.

Aos professores colegas de trabalho das duas escolas que leciono (E.E. de Uberlândia e CTPM Uberlândia). Obrigado por compartilhar experiências e angústias.

Agradeço à CAPES, por ter me proporcionado uma bolsa de estudos.

De antemão agradeço à Prof^ª. Dra. Nara Rúbia de Carvalho Cunha (que também fez parte da Banca de Qualificação deste trabalho, junto ao Prof. Dr. Luiz Carlos de



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



Laurentiz) e à Prof^a. Dra. Martha Victor Vieira, que farão parte da Banca de Defesa desta Dissertação. Meus sinceros agradecimentos.

Ao The Clash, por ter existido. Que ouço desde os meus 16 anos, e que, agora aos quase 50 anos, e em homenagem à banda, me permiti fazer minha primeira e única tatuagem com o nome da banda no braço esquerdo. Esquerdo.

Enfim, a todos que de alguma maneira me auxiliaram nesta empreitada. Obrigado.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



As vozes na tua cabeça estão te chamando
Pare de perder o teu tempo, daí não vem nada
Só um tolo pensaria que alguém pode te salvar
Os homens da fábrica são velhos e ardilosos
Você não deve nada a eles, então garoto, saia correndo
Eles querem te roubar os melhores anos da tua vida
(THE CLASH, 1979)



Resumo

O presente trabalho, tendo como referência as premissas e habilidades da Base Nacional Comum Curricular, aborda a utilização das músicas da banda punk inglesa The Clash como ferramenta para aperfeiçoar e atualizar metodologias do ensino de História no Ensino Médio. A proposta inclui o uso de podcasts como um recurso pedagógico inovador, possibilitando a criação de conteúdos pelos próprios estudantes, o que favorece o engajamento e o desenvolvimento de habilidades comunicativas, digitais e críticas. Por meio dessa estratégia, temas da história do presente, como a xenofobia, a imigração, o racismo, além de problemas econômicos e sociais, são discutidos a partir das letras e melodias da banda, fomentando o pensamento crítico e proporcionando um espaço para o debate de inquietações contemporâneas trazidas pelos discentes. A interdisciplinaridade entre História e Língua Inglesa também se destaca nesse processo, promovendo uma aprendizagem mais ampla e contextualizada.

Palavras-Chaves: Música; Ensino de História; Cidadania e Direitos Humanos; *Punk*; *The Clash*; Antifascismo; *podcast*.



Abstract

This work, having as a reference the premises and skills of the National Common Curricular Base, addresses the use of the songs of the English punk band The Clash as a tool to improve and update methodologies for teaching History in High School. The proposal includes the use of podcasts as an innovative pedagogical resource, enabling the creation of content by students themselves, which favors engagement and the development of communicative, digital and critical skills. Through this strategy, themes from the history of the present, such as xenophobia, immigration, racism, as well as economic and social problems, are discussed through the band's lyrics and melodies, encouraging critical thinking and providing a space for debate of contemporary concerns brought by students. The interdisciplinarity between History and the English Language also stands out in this process, promoting broader and more contextualized learning.

Keywords: Music; Teaching History; Citizenship and Human Rights; Punk; The Clash; Antifascism; Podcast.



Sumário

Introdução	9
Capítulo 1: Straight to Hell	17
Capítulo 2: London Calling	36
2.1 Gates Of The West	43
2.2 The Last Gang In Town	58
Capítulo 3: This Is Radio Clash	70
3.1 The Call Up	74
3.2 Lost In The Supermarket	88
3.3 Time Is Tight	96
Considerações Finais	122
Fontes	125
Referências Bibliográficas	128
Anexos	133



Introdução

Escrever. Para muitos colegas historiadores ou professores de História, essa tarefa pode ser tão natural quanto respirar, especialmente para professores que lidam diariamente com leitura e escrita, como nós, docentes de História da Educação Básica. A elaboração de aulas, provas, correção de exercícios e discussões sobre os temas propostos nos planejamentos fazem parte da nossa rotina escolar. Essas atividades são oportunidades valiosas de contribuir para o aprendizado dos alunos e aprimorar nosso próprio domínio da matéria.

O distanciamento do universo acadêmico e a falta de prática constante na escrita me deixaram desafiado em relação ao processo de produção textual. À época da graduação, a escrita parecia fluir com mais naturalidade, mas agora sinto a necessidade de um esforço extra para expressar com clareza e fluidez minhas ideias. Embora haja um novo desafio, vejo isso como uma oportunidade de crescimento e aprimoramento, buscando maneiras de tornar minha comunicação ainda mais eficaz.

Devo reconhecer que a prática da escrita acadêmica se tornou menos frequente ao longo do tempo, à medida que fui envolvido pelas vivências escolares. É um reflexo natural da evolução do meu percurso profissional e pessoal. Enxergo esta produção do ProfHistória como uma oportunidade de retomar caminhos, experiências e vivências para reacender a chama do aprendizado e da produção acadêmica, mesmo após mais de dezesseis anos desde o término da graduação.

Entretanto, ao reconhecer a importância da escrita como ferramenta essencial no exercício da docência é possível perceber que o desafio do Mestrado Profissional proporciona uma grande maturidade intelectual e profissional. Ao longo do curso, pude compartilhar conhecimentos, experiências e perspectivas com meus alunos e colegas, enriquecendo assim o processo de ensino e aprendizagem. Percebo que é hora de enfrentar meus receios, superar os obstáculos e redescobrir o prazer da pesquisa e da escrita acadêmica.

Aceitar esse desafio dentro do ProfHistória, de retomar a prática da escrita é também um ato de autodescoberta e crescimento pessoal. Ainda que o caminho possa ser árduo, acredito que ao mergulhar nas palavras, poderei reencontrar o prazer de projetar



minha voz e contribuir para a construção do conhecimento no campo do ensino de História.

Ao longo dos últimos dezessete anos, atuar como professor de História no Ensino Básico da Rede Pública de Minas Gerais tem sido uma jornada gratificante, apesar dos inúmeros obstáculos que, por vezes, me desanimaram e diminuíram minha motivação. Quando tomei a decisão de ingressar no Mestrado Profissional em Ensino de História, sabia que enfrentaria um desafio significativo. Lidar com o trabalho em duas escolas e equilibrar as disciplinas do curso, as leituras, discussões e trabalhos foram extenuantes. No entanto, as diversas experiências compartilhadas com os professores docentes e suas disciplinas, bem como as ricas discussões com meus colegas discentes/docentes, me mostraram um horizonte de inúmeras possibilidades e caminhos a serem trilhados no âmbito do Ensino de História. Essa jornada tem me inspirado e reforçado meu compromisso em aprimorar minha prática como educador e contribuir para uma educação histórica cada vez mais enriquecedora e significativa.

Nesse sentido, a escolha do objeto de pesquisa e estudo não poderia ser outro senão a música. Pessoalmente, minha relação com música remonta a adolescência e quando começamos a construir nossos gostos pessoais. Do *rock*, do *metal*, do *punk*, entre tantas outras vertentes musicais fascinantes. Dos primeiros discos de vinil comprados ainda na primeira metade da década de 1990, dos primeiros de muitos *shows*, das viagens para ver bandas ao vivo (que tornaram-se uma das poucas formas de entretenimento até hoje), a gratificante experiência de ter feito parte de um programa na Rádio Universitária de Uberlândia (Rádio Transporte, entre 2002 e 2006, especialmente pela parceria com Luiz Fernando e Rodrigo), a surreal e inesquecível experiência como proto-baterista da Banda de Blues/Dub de Joe Strume (com o visionário e idealizador Elmiro), da humilde coleção de discos de vinil acumulada ao longo dos últimos trinta anos. E claro, a monografia de conclusão da graduação em História pela UFU: Independência artístico-fonográfica e cenário musical alternativo no Brasil (1980-1995), de 2007 (orientada por este mesmo que agora, depois de tanto tempo, também me orienta no ProfHistória, Prof. Dr. Newton D'Ângelo).

Profissionalmente, enquanto professor de História na Educação Básica, utilizo a música como recurso didático em algumas oportunidades, buscando relacionar os temas



abordados pelas bandas com o conteúdo trabalhado. Durante o período da pandemia essa possibilidade tornou-se mais presente, visto que estar na frente de um computador nos possibilitou explorar recursos audiovisuais de uma forma mais dinâmica, tendo em vista que esses recursos nem sempre estão acessíveis em nosso cotidiano da sala de aula na rede pública.

Enfim, as experiências profissionais e pessoais supracitadas desempenharam um papel crucial na formação e definição do objeto de pesquisa deste trabalho. Elas não apenas moldaram minha perspectiva crítica e analítica, mas também despertaram um interesse profundo e duradouro pela banda britânica *The Clash*. Combinando elementos de minha formação acadêmica, meu envolvimento em discussões culturais e meu amor pessoal pela música, este trabalho se concentra na análise detalhada das letras e da musicalidade desta banda icônica. A escolha da *The Clash* como objeto de estudo reflete tanto a influência significativa que a banda exerceu em minha vida quanto o impacto duradouro de seu trabalho na cena musical global. Assim, exploraremos como a combinação de letras incisivas e uma sonoridade inovadora ajudaram a moldar a identidade e a relevância da banda ao longo das décadas. Além disso, este estudo busca oferecer uma abordagem didática e engajante para o ensino de História no Ensino Médio, utilizando a obra de *The Clash* como um recurso para conectar eventos históricos, movimentos sociais e contextos culturais com a experiência dos alunos, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica dos temas abordados no currículo escolar.

The only band that matters. Em tradução livre, a única banda que importa. Começar por este “*slogan*” talvez seja um chamariz para, já na introdução, trazer à cena a relevância do objeto deste trabalho: o grupo *The Clash*, bem como suas letras e melodias. O lema, que passou a ser cunhado após o sucesso de público (alcançando o 9º lugar nas listagens de vendas britânicas e 27º nas listagens estadunidenses) e crítica, do terceiro álbum *London Calling*, lançado em dezembro de 1979 no Reino Unido e em janeiro de 1980 nos Estados Unidos, não deixa de ser também uma provocação, visto que seria quase improvável uma banda originada no movimento *punk*¹ inglês alcançar tal

¹*Punk* é um movimento artístico de contracultura, disseminado principalmente através da música e da sua ideologia que defendia o antiautoritarismo, a liberdade anárquica, a oposição ao consumismo, entre outros pensamentos revolucionários. Além do *The Clash*, outros grupos tiveram grande destaque, como *Sex Pistols*, *Ramones*, *Buzzcocks*, *The Damned*, entre outros.



patamar mercadológico. O título deste trabalho faz uma alusão ao quinto álbum de estúdio da banda, intitulado *Combat Rock*, lançado em 1982.

Formada na segunda metade da década de 1970, em meio ao contexto de crise econômica e política do Reino Unido, a banda The Clash se tornou um dos principais expoentes do movimento punk. Suas letras abordam questões como a luta de classes, o racismo, a violência policial, a guerra, entre outros temas relevantes para o período. Através de sua música, o grupo se posicionou de forma contundente contra as injustiças sociais e políticas de seu tempo, tornando-se um símbolo da contracultura e do ativismo político.

Nessa perspectiva, a presente dissertação tem como objetivo apresentar metodologias de ensino em torno do trabalho com as letras da banda The Clash de forma a aperfeiçoar o ensino de História em turmas do Ensino Médio. Através de uma abordagem interdisciplinar, que articula a música, a história e a cultura, busca-se explorar os diferentes aspectos políticos, sociais e culturais que permeiam as letras e a musicalidade da banda. Partindo de uma revisão bibliográfica sobre o tema e da análise das letras de algumas das principais músicas da banda, pretende-se discutir como as letras do The Clash podem ser utilizadas como recurso pedagógico para o ensino de História, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva nos alunos.

A utilização da música como ferramenta pedagógica no ensino de História tem se consolidado como uma prática cada vez mais comum em sala de aula. Através da música, é possível estimular a reflexão crítica, a criatividade e a empatia nos alunos, além de contribuir para a compreensão de diferentes contextos históricos e culturais. Nesse sentido, historiadores como Júlio Bentivoglio (2016), Luiz Fernando Vianna (2014), Marcos Napolitano (2017) e José Geraldo Vinci de Moraes (2010) têm defendido a importância da música como recurso didático para o ensino de História, destacando a sua capacidade de mobilizar emoções e sensações, além de possibilitar o diálogo entre diferentes saberes.

Ao explorar as músicas do *The Clash*, um dos elementos marcantes é a conexão com temas históricos e sociais relevantes. As letras da banda abordam questões como a Guerra Fria, a Guerra Civil Espanhola, a Revolução Cubana e a Revolução Sandinista, permitindo uma reflexão profunda sobre esses eventos históricos e suas implicações no



mundo contemporâneo.

Em "*Spanish Bombs*", por exemplo, o The Clash traz à tona a Guerra Civil Espanhola, um conflito devastador que dividiu a Espanha entre 1936 e 1939. A música evoca a memória das batalhas e das vítimas dessa guerra, ao mesmo tempo em que critica o uso da violência como meio de resolver conflitos.

Em "*The Magnificent Seven*", a banda aborda a complexidade social e os desafios enfrentados durante a Guerra Fria. A música reflete sobre as tensões entre o bloco capitalista e o bloco comunista, além de abordar questões como o consumismo, o vício em drogas e o descontentamento social. "*Washington Bullets*" nos conduz à Nicarágua, onde a Revolução Sandinista lutava por mudanças políticas e sociais. A música questiona o papel dos Estados Unidos na política internacional e denuncia o envolvimento do país em conflitos ao redor do mundo.

A Guerra Fria também é um tema recorrente nas músicas do The Clash. Em "*London Calling*", a banda critica a paranoia e o medo que permeavam a sociedade durante esse período de tensões globais entre as superpotências.

Assim, ao utilizar as músicas do *The Clash* em sala de aula, os alunos têm a oportunidade de conectar-se com a história de uma forma única e emocionante, enxergando-a não apenas como algo distante, mas como um legado vivo e pulsante que molda nossa realidade atual. Através dessa abordagem interdisciplinar, é possível ampliar o horizonte de compreensão dos eventos históricos, promovendo a reflexão crítica e a construção de uma consciência histórica mais profunda e informada.

Através das letras e da musicalidade do *The Clash*, somos convidados a mergulhar nas complexidades e nuances desses eventos históricos, e a refletir sobre como eles ecoam em nossa sociedade contemporânea. As músicas da banda nos inspiram a olhar além dos fatos e das datas, para compreender as motivações e os impactos desses acontecimentos em nossa história coletiva.

Buscamos estabelecer uma conexão com a proposta estética da banda *The Clash* e seu lirismo de combate, municiando a temporalidade estilística da banda na sala de aula, relacionando-a com a atualidade e as inquietações que levam os alunos a enfrentarem diferentes problemas e dilemas em seus cotidianos, a partir de reflexões proporcionadas pelas letras e melodias da banda. Aliadas às premissas e habilidades da Base Nacional



Comum, especialmente no que diz respeito ao Ensino Médio, os caminhos desta pesquisa trilharam momentos de dificuldades e descobertas. Buscaremos, assim, revelar por meio das letras e musicalidade da banda punk britânica *The Clash*, diálogos com temas atuais, tais como: como xenofobia, imigração, refugiados, desigualdade, neoliberalismo, bem como temáticas históricas que fazem parte do currículo escolar de História, como Guerra Fria, Guerra Civil Espanhola, Revolução Cubana, Revolução Sandinista entre outros.

Encontra-se no repertório da banda um imenso legado e produção para a realização deste trabalho acadêmico e sua repercussão nas aulas. Ressaltamos aqui, fatores a serem explorados, e que obviamente não estão desvinculados das letras, que é a sonoridade, e a própria estilística da banda e suas origens e atitudes. A banda, que se iniciou na inquietude do *punk* britânico, ao longo de sua curta carreira foi incorporando influências musicais de diferentes tendências e lugares, em especial das várias vertentes da música jamaicana (*reggae*, *dub*, *ska*²).

Portanto, o desenrolar dessa dissertação seguirá em um primeiro capítulo onde buscaremos explorar os debates, reflexões e perspectivas sobre o Ensino de História e o uso da música como instrumento pedagógico e suas possibilidades nas aulas de História. A articulação de autores que exploram a relação entre o Ensino de História e o uso da música é uma abordagem valiosa para enriquecer a prática pedagógica nessa disciplina. Diversos estudiosos têm destacado a importância da música como recurso didático no ensino da História, proporcionando aos alunos uma experiência de aprendizado mais engajadora e significativa.

Ao utilizar a música como uma forma de acesso à história, os professores podem estimular a criatividade, a empatia e o pensamento crítico dos alunos. A música possibilita uma experiência imersiva e emocional no passado, conectando-o de maneira significativa com o presente.

No segundo capítulo, procuramos discutir pensadores que possibilitaram explorar

² O *ska* é uma música surgida na Jamaica na segunda metade do século XX e no Brasil ele se tornou popular nos anos 1980 com bandas como Os Paralamas do Sucesso e em músicas como a intitulada “*Ska*” que foi lançada em 1984 no seu segundo álbum. O *ska* é precursor do *reggae* que se popularizou internacionalmente nos anos 1970 principalmente com o trabalho de Bob Marley. O *dub* surge associado ao *reggae* e consiste na discotecagem com mixagem e uso de efeitos como, por exemplo, o *delay* (repetição) ao vivo ressaltando a bateria e o contrabaixo, e tal procedimento é tão marcante esteticamente que acabou sendo considerado um gênero musical.



a banda e seu contexto histórico e cultural. O The Clash, banda punk britânica formada em 1976, destacou-se não apenas pela sua música enérgica, mas também por seu engajamento político e abordagem de temáticas sociais em suas letras. Com letras questionadoras e contundentes, a banda refletiu as tensões e desigualdades da época, tornando-se um símbolo de resistência e luta contra as injustiças sociais. Seu compromisso político era evidente, abordando questões como desigualdade, racismo, opressão policial e crises econômicas. Eles usavam sua plataforma musical para falar sobre problemas locais e globais, denunciando injustiças e incentivando a ação e a solidariedade em comunidades marginalizadas.

Ao longo de sua carreira, o The Clash mostrou que a música pode ser uma poderosa ferramenta para a conscientização e mobilização social. Sua abordagem corajosa inspirou gerações de fãs a pensar criticamente sobre questões políticas e sociais, e seu legado continua a ressoar nas lutas contemporâneas por justiça e igualdade. O The Clash demonstrou que a música não precisa ser apenas entretenimento, mas uma forma de expressão artística e política que pode influenciar positivamente a sociedade e impulsionar mudanças significativas. Eles provaram que a música pode transcender fronteiras e se tornar uma voz poderosa para a mudança e a resistência.

No terceiro capítulo, além de dialogar com autores que discutem o universo das tecnologias decorrentes do uso das tecnologias e da internet, elaboramos uma sequência de seis *podcasts* explorando em cada episódio uma das músicas da banda. São elas: *The Magnificent Seven*, *Spanish Bombs*, *London Calling*, *Guns of Brixton*, *Washington Bullets* e *Know Your Rights*. Em uma sequência de *podcasts* sobre a banda The Clash, podemos explorar cada uma de suas músicas icônicas de forma aprofundada, destacando seu engajamento político e suas temáticas sociais.

A sequência de *podcasts* sobre essas músicas do The Clash permitiu uma análise mais aprofundada de suas letras e musicalidade, conexões históricas e o impacto político e social que a banda teve em sua época e além. Seria uma oportunidade de mergulhar na rica história do The Clash e entender como sua música continua a inspirar e influenciar gerações até os dias de hoje, sendo possível, inclusive, sua utilização como objeto de estudo nas aulas de História, bem como poderá ser utilizado tanto por professores como por estudantes.



Antes que os títulos dos capítulos gerem qualquer tipo de confusão, gostaria de esclarecer que todos são inspirados em músicas icônicas da banda *The Clash*, escolhidas com o intuito de capturar a essência do que cada capítulo pretende abordar. Esses títulos e subtítulos não foram selecionados ao acaso; eles desempenham um papel simbólico e metafórico, ajudando a conectar a estrutura da dissertação com o tema central da pesquisa. Por exemplo, "*Straight to Hell*" (Direto Para o Inferno) simboliza as inúmeras dificuldades que encontrei ao tentar articular a parte metodológica da pesquisa. Esse título evoca as complicações e desafios que surgiram durante o desenvolvimento do trabalho, problemas que, ao longo desta dissertação, espero ter abordado e resolvido de maneira satisfatória. O capítulo intitulado "*London Calling*" (Londres Chamando) reflete a escolha dos autores que julgamos necessário para dialogar com as temáticas e as mensagens transmitidas pela banda *The Clash*, colocando o grupo como o foco central e principal protagonista do segundo capítulo. Por último, "*This Is Radio Clash*" (Esta é a Rádio Clash) alude ao processo criativo e técnico por trás da elaboração e execução da sequência de podcasts que constituem o produto final deste trabalho, conectando a prática da produção cultural com a teoria que sustenta este projeto acadêmico. Esses títulos, portanto, não apenas homenageiam a música da banda, mas também refletem as diferentes etapas e desafios envolvidos na construção desta pesquisa.



Capítulo 1: Straight to Hell³

O ensino de História na Europa é uma jornada intrincada que remonta aos primórdios da civilização. Nas civilizações grega e romana, por exemplo, a transmissão de conhecimento histórico ocorria principalmente por meio de narrativas orais e tradições, cimentando as bases para uma compreensão inicial do passado. No entanto, foi na Idade Média que a História começou a emergir como uma disciplina formal, muitas vezes entrelaçada com a teologia e o entendimento do divino. Universidades medievais, como as de Paris e Bolonha, foram centros cruciais para o desenvolvimento de cursos que exploravam tanto a História Sagrada quanto a História Civil.

Contudo, desde a Antiguidade, a ciência histórica, reunindo documentos escritos e fazendo deles testemunhos, superou o limite do meio século ou do século abrangido pelos historiadores que dele foram testemunhas oculares e auriculares. Ela ultrapassou também as limitações impostas pela transmissão oral do passado. A constituição de bibliotecas e de arquivos forneceu assim os materiais da história. Foram elaborados métodos de crítica científica, conferindo à história um dos seus aspectos de ciência em sentido técnico, a partir dos primeiros e incertos passos da Idade Média (Guenée), mas sobretudo depois do final do século. XVII com Du Cange, Mabillon e os beneditinos de Saint-Maur, Muratori, etc. Portanto, não se tem história sem erudição. Mas do mesmo modo que se fez no século XX a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento (Foucault e Le Goff). Ao mesmo tempo ampliou-se a área dos documentos, que a história tradicional reduzia aos textos e aos produtos da arqueologia, de uma arqueologia muitas vezes separada da história. Hoje os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto. Constituem-se arquivos orais; são coletados etnotextos. [...] ⁴

³ Tradução: Direto para o inferno. Referência à música do álbum *Combat Rock*, de 1982.

⁴ LE GOFF, 1996.



O Renascimento trouxe consigo uma redescoberta das obras clássicas antigas, estimulando um interesse renovado na História Antiga. A visão do passado se expandiu, incorporando elementos da cultura clássica e influenciando a abordagem europeia no ensino da História. O Renascimento não apenas revigorou as fontes históricas, mas também remodelou a maneira como as sociedades europeias percebiam e ensinavam sua própria história.

Os séculos XVII e XVIII viram uma expansão no acesso ao conhecimento histórico, graças à consolidação das monarquias nacionais e à invenção da impressão. A História Moderna começou a ocupar um lugar de destaque, e o Iluminismo introduziu ideias fundamentais de crítica histórica e análise racional. No século XIX, em meio à ascensão das nações-Estado e à necessidade de construir identidades nacionais, a História foi incorporada aos currículos escolares. Mais uma vez destacamos as referências de Le Goff:

Ao fazer a história de suas cidades, povos, impérios, os historiadores da Antiguidade pensavam fazer a história da humanidade. Os historiadores cristãos, os historiadores do Renascimento e do Iluminismo (não obstante reconhecessem a diversidade dos "costumes") pensavam estar fazendo a história do homem. Os historiadores modernos observam que a história é a ciência da evolução das sociedades humanas. Mas a evolução das ciências levou a pôr-se o problema de saber se não poderia existir uma história diferente daquela do homem. Já se desenvolveu uma história do clima; contudo, ela apresenta um certo interesse para a história só na medida em que esclarece certos fenômenos da história das sociedades humanas (modificação das culturas, do habitat, etc.). Agora se pensa numa história da natureza (Romano), mas ela reforçará sem dúvida o caráter "cultural" – portanto, histórico – da noção de natureza. Assim, através das ampliações do seu âmbito, a história se torna sempre coextensiva em relação ao homem.⁵

A trajetória do ensino de História na Europa nos séculos XIX e XX reflete uma metamorfose complexa, moldada por eventos históricos cruciais e transformações sociais e políticas. No século XIX, com o advento das nações-Estado e o fervor nacionalista que varreu o continente, o ensino de História assumiu um papel central na construção das

⁵ LE GOFF, 1996.



identidades nacionais. Os currículos escolares foram adaptados para narrar as grandiosas histórias de cada nação, muitas vezes sob a influência de abordagens positivistas que buscavam objetividade e alicerçavam a prática histórica na pesquisa documental.

O Iluminismo e sua ênfase na razão e no progresso influenciaram fortemente o ensino de História nos séculos XIX e XX. A crítica histórica tornou-se uma ferramenta essencial para compreender o passado, desafiando interpretações tradicionais e estimulando uma abordagem mais analítica. Este período também testemunhou o surgimento de historiadores, como Leopold von Ranke, cuja metodologia positivista impactou a forma como a História foi ensinada, enfatizando a imparcialidade e a rigidez metodológica.

As duas Guerras Mundiais do século XX geraram uma reconfiguração fundamental no ensino de História. Após a Primeira Guerra, o questionamento das causas e consequências dos conflitos se tornou central, provocando uma reflexão crítica sobre a narrativa histórica. Após a Segunda Guerra, a História tornou-se uma ferramenta para abordar questões de direitos humanos e cidadania na reconstrução pós-guerra. A Guerra Fria introduziu uma nova dinâmica, moldando narrativas históricas de acordo com as agendas ideológicas da bipolaridade política.

A Escola dos Annales desempenhou um papel significativo na redefinição do ensino de História na Europa nos séculos XIX e XX. Surgindo na França no início do século XX, essa abordagem historiográfica revolucionária, liderada por historiadores como Marc Bloch e Lucien Febvre, propôs uma visão mais ampla e interdisciplinar da História. A Escola dos Annales desafiou as tradições positivistas predominantes, destacando a importância de incorporar elementos da vida cotidiana, estruturas sociais e mudanças de longo prazo nas narrativas históricas. Ao fazê-lo, ela expandiu as fronteiras do conhecimento histórico, influenciando não apenas a pesquisa acadêmica, mas também a maneira como a História foi ensinada nas instituições educacionais. A ênfase na contextualização, na multiplicidade de fontes e na análise das estruturas sociais transformou a Escola dos Annales em uma força motriz na evolução do ensino de História, contribuindo para uma compreensão mais rica e complexa do passado europeu.

Considera-se a fundação da revista "*Annales*" ("*Annales d'histoire économique et sociale*") em 1929, "*Annales. Économies, Sociétés,*



Civilisations" em 1945), obra de Marc Bloch e Lucien Febvre, como o ato que fez nascer a nova história [cf. Revel e Chartier, 1978; Allegra e Torre, 1977; Cedronio e outros, 1977]. As ideias da revista inspiraram a fundação, em 1947, por Lucien Febvre (morto em 1956) (Marc Bloch, resistente, tinha sido fuzilado pelos alemães em 1944) de uma instituição de investigação e de ensino de investigação em ciências humanas e sociais, a sexta seção (das ciências econômicas e sociais) da *École Pratique des Hautes Études*, prevista por Victor Duruy no momento da fundação da escola, em 1868, mas que não tinha podido concretizar-se. Em 1975, transformado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, este estabelecimento, em que a história tinha um lugar importante, ao lado da geografia, economia, sociologia, antropologia, psicologia, linguística e semiologia, assegurou a difusão, na França e no estrangeiro, das ideias que tinham estado na origem dos "Annales".⁶

A história do ensino de História no Brasil é um fascinante percurso que remonta à colonização e à influência europeia. Nos períodos colonial e imperial, a educação estava acessível apenas a segmentos privilegiados da sociedade, com uma ênfase notável na História da Europa, especialmente de Portugal. Com a Proclamação da República em 1889, houve uma reformulação significativa na estrutura educacional, influenciada por ideias positivistas. Nesse contexto, o ensino de História emergiu como uma ferramenta essencial para forjar a identidade nacional e promover a cidadania, sintonizando-se com as correntes intelectuais da época.

Ao longo do século XX, o ensino de História no Brasil refletiu as mudanças políticas e sociais. Durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, a disciplina foi moldada para servir como um instrumento de controle ideológico. Com a redemocratização do país nas décadas de 1980 e 1990, houve uma revisão crítica do currículo, incorporando perspectivas mais diversas e enfatizando a importância de uma História conectada às experiências e à diversidade do povo brasileiro.

Esse movimento (de construção da disciplina escolar de História) consolida-se com a Revolução de 1930, no bojo do movimento de defesa da importância da educação para a formação do cidadão e o desenvolvimento do país. Entre as bandeiras de luta dos educadores brasileiros deste período,

⁶ LE GOFF, 1996



estavam a necessidade da difusão da escola, principalmente a escola pública; a formação profissional dos novos mestres e a renovação pedagógica. Este tripé, difusão da escola, formação de professores e renovação pedagógica, em função das demandas nacionais, embasa e estimula a produção e difusão de elementos constitutivos de uma cultura escolar, como os manuais didáticos para alunos e manuais de didática da História destinados à formação renovada de professores. Essas publicações destinadas a professores consolidar-se-ão como documentos importantes para orientação das práticas pedagógicas escolares, de modo geral, e de História, em particular.⁷

A emergência de uma nova perspectiva no ensino de História no Brasil, pós-ditadura militar, foi marcada por uma significativa reconfiguração nos paradigmas educacionais. Com o advento do período democrático, iniciado nos anos 1980, ganharam força debates e reformas no campo educacional, refletindo diretamente na abordagem do ensino de História. Uma das mudanças notáveis foi a busca por uma abordagem mais crítica e reflexiva, afastando-se do modelo tradicional centrado na memorização de fatos isolados. Nesse contexto, houve uma valorização do pensamento histórico e da capacidade dos estudantes de compreenderem o passado a partir de diferentes perspectivas. Questões como a pluralidade de vozes históricas, a diversidade cultural e a análise crítica das fontes foram incorporadas ao currículo, visando formar cidadãos mais conscientes e participativos. Essa transformação, embora enfrentando desafios, representou um avanço na promoção de uma educação histórica mais contextualizada e reflexiva no Brasil. Ao priorizar uma compreensão contextualizada e crítica dos eventos passados, essa abordagem contribuiu para uma visão mais abrangente da História, fugindo de uma narrativa exclusivamente centrada em datas e eventos.

No final dos anos (19)70, com a crise do regime militar, o processo de redemocratização e o advento de novas possibilidades de se pensar a realidade brasileira, ficou mais clara a necessidade de se promoverem mudanças no ensino de História. Esse processo foi iniciado no princípio dos anos (19)80 em alguns estados brasileiros, resultando na elaboração de novos programas e novas propostas metodológicas para o ensino de História acabaram por condensar anseios mais generalizados, principalmente no que

⁷ SCHMIDT, 2012.



diz respeito à elaboração de projetos educacionais que estivessem inseridos no processo de construção – ou de reconstrução – da democracia no Brasil.⁸

O movimento que buscava uma nova perspectiva no ensino de História no Brasil, pós-ditadura militar, é frequentemente referido como a "Nova História" ou "Nova História Crítica". Este movimento emergiu a partir da década de 1980 e foi influenciado por abordagens teóricas e metodológicas da historiografia francesa, especialmente da Escola dos Annales, bem como por correntes críticas dentro das ciências sociais e da educação.

A Nova História no Brasil destacou-se por uma série de características e objetivos, entre os quais se incluem⁹:

- Interdisciplinaridade: Integração de conhecimentos de diferentes disciplinas, como sociologia, antropologia, economia e literatura, no ensino de História.
- Contextualização: Enfoque na contextualização dos eventos históricos, considerando os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos.
- História do Cotidiano: Valorização da história do cotidiano e das experiências de grupos sociais anteriormente marginalizados pela historiografia tradicional, como mulheres, trabalhadores, minorias étnicas e raciais.
- Diversidade de Fontes: Utilização de uma ampla gama de fontes históricas, incluindo fontes orais, iconográficas, materiais e audiovisuais.
- Crítica à Memória Oficial: Questionamento das narrativas oficiais e do papel da História na formação da memória coletiva, promovendo uma visão mais crítica e pluralista do passado.

Nesse mesmo sentido, e apenas para enfatizar o pioneirismo de nossa Universidade Federal de Uberlândia, destaco que o I Encontro de Pesquisadores da Área do Ensino de História foi realizado na UFU, em 1993. Destaco inclusive que meu orientador Prof. Dr. Newton D'Ângelo foi um dos organizadores de tal evento. Por não

⁸ FONSECA, 2003.

⁹ FICO, 1994.



ter encontrado nenhuma referência online, exceto por citações sobre os encontros subsequentes, destaco o seguinte fragmento que ratifica o prosseguimento de tais estudos em nossa Universidade:

Os debates sobre Ensino de História, no Brasil, desde os anos de luta contra a ditadura e de inquietações e movimentos anteriores, contribuíram para um alargamento diversificado nas/das concepções sobre esse campo de pensamento e trabalho. Exemplo disso pode ser apreendido nos Anais do [até então] último Encontro Nacional “Perspectivas do Ensino de História”, realizado na Universidade Federal de Uberlândia em novembro de 2009. O campo do ensino de História, como um componente curricular, não é mais uma instância burocrática e repetitiva de soluções prévias, inclusive das mais refinadas. As respostas para suas necessidades são formuladas de muitas maneiras, com base nas concepções de História, escola, ensino e mundo de cada professor, autor, debatedor, pesquisador.¹⁰

O século XXI trouxe desafios significativos para o ensino de História no Brasil, exigindo respostas inovadoras. Questões como a inclusão de diferentes perspectivas históricas, a utilização de novas tecnologias no processo educacional e a necessidade de uma abordagem mais crítica e reflexiva têm moldado o cenário educacional. Neste contexto, o ensino de História no Brasil continua a evoluir, enfrentando desafios e oportunidades em meio a um panorama educacional em constante transformação. Essa trajetória complexa é fundamental para compreender como as narrativas históricas foram moldadas e reinterpretadas ao longo do tempo, contribuindo para a formação da identidade nacional e o entendimento do passado brasileiro.

É nesse sentido que o advento do Novo Ensino Médio trouxe consigo uma série de incertezas e desafios para as disciplinas de Ciências Humanas, especialmente para a área de História. As mudanças curriculares propostas demandam uma reestruturação significativa dos conteúdos e abordagens pedagógicas. A flexibilização curricular, embora possa potencialmente ampliar as possibilidades de ensino, também traz o desafio de encontrar um equilíbrio entre a profundidade do conhecimento histórico e a diversidade de áreas de conhecimento que agora podem ser exploradas. Além disso, a

¹⁰ SILVA, FONSECA, 2010.



inserção de competências gerais e específicas no currículo, aliada à necessidade de conexão com a realidade dos estudantes, requer uma reflexão cuidadosa sobre como as Ciências Humanas, e a História em particular, podem manter sua relevância e contribuir efetivamente para a formação integral dos alunos diante dessas mudanças.

Uma das transformações mais notáveis trazidas pelo Novo Ensino Médio é a reconfiguração da carga horária. Com a introdução da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), houve uma redução na quantidade de aulas das disciplinas tradicionais, permitindo uma maior flexibilidade para a incorporação dos Itinerários Formativos. Esses itinerários, que contemplam áreas de conhecimento específicas e aprofundadas, proporcionam aos estudantes uma oportunidade única de direcionar seus estudos de acordo com seus interesses e aptidões. Além disso, a inclusão de disciplinas eletivas amplia ainda mais a gama de possibilidades, permitindo que os alunos explorem tópicos variados que podem complementar e enriquecer sua formação. Essa reorganização da carga horária busca promover uma educação mais personalizada, que estimule a autonomia dos estudantes e os prepare para os desafios do mundo contemporâneo de forma mais abrangente e alinhada com suas aspirações individuais.

A perspectiva crítica em relação ao Novo Ensino Médio (NEM) no Brasil reflete um conjunto de preocupações profundas entre pesquisadores e educadores. Dentre as principais críticas, destacam-se as abordagens fragmentadas e a redução das cargas horárias para disciplinas da área de humanidades, incluindo História. Autores críticos apontam que essa diminuição de espaço para as disciplinas de humanidades pode comprometer a formação integral dos estudantes, minando a compreensão crítica da sociedade, cultura e história.

A precarização da formação na área de humanidades também é uma questão central nas críticas ao NEM. A formação técnica para trabalhadores é frequentemente destacada em detrimento de uma formação mais abrangente nas disciplinas humanísticas. Essa abordagem, segundo os críticos, pode resultar em uma visão mais instrumental e utilitarista do ensino, desvalorizando a importância das humanidades na construção de cidadãos reflexivos e críticos. Ademais, a discrepância na oferta de escolas em tempo integral entre as classes sociais levanta preocupações sobre a perpetuação de desigualdades, com formação integral privilegiada para as elites, enquanto a maioria



enfrenta condições mais precárias. Essas críticas, fundamentadas na análise da estrutura e objetivos do NEM, constituem um chamado à reflexão sobre as prioridades educacionais no Brasil e suas implicações para o desenvolvimento integral dos estudantes. Destaco a abordagem feita por Hernandez:

Essa medida estabelecida à sociedade brasileira poderá levar a profundas desigualdades nas escolas. Alunos de escolas mantidas pelo Poder Público terão de se contentar com que o Estado, em tempos de ajuste fiscal, puder, quiser ou pretender lhes oferecer, excetuando-se português, matemática e inglês. Essa flexibilização pode empobrecer o currículo das escolas públicas no tocante ao conjunto de saberes das diversas ciências, da filosofia e da arte. Estudos de química, física, biologia, filosofia, história, geografia, artes, sociologia e educação física, poderão ficar de fora do currículo do Ensino Médio ou ter sua carga horária reduzida a doses incipientes. Esses conteúdos, segundo a teoria histórico-crítica, quando integrados à prática, deveriam proporcionar formação teórica e prática sobre os modos de produção da existência na sociedade capitalista. A escola fundamental de nível médio tem o papel “de recuperar a relação entre conhecimento e prática. Trata-se de explicitar, no Ensino Médio, como as ciências, a química e a física, por exemplo, potências espirituais, saberes eruditos, tornam-se, na produção, potência material” (SAVIANI, 2007, p. 160). Esses estudos proporcionam o desenvolvimento das funções psíquicas superiores para a aprendizagem e elaboração de conceitos complexos. Por meio dos processos educativos, também, na transmissão de conhecimentos científicos, os estudantes assimilam um universo de signos e significações, elaboram conhecimentos científicos, abstratos, desenvolvem o raciocínio lógico e a atenção, “e podem ir além do entendimento imediato e aparente dos fenômenos” (MARTINS, 2013, p. 272).¹¹

Por mais que o ano de 2023, tenha apontado possibilidades de alteração no Novo Ensino Médio, tais mudanças provavelmente só ocorrerão após o término deste trabalho. Portanto, devemos trabalhar tendo como referência a Base Nacional Comum Curricular, o Novo Ensino Médio e seus preceitos para o Ensino de História, assim se apresentam suas práticas e desdobramentos:

¹¹ HERNANDES, 2019.



A dinâmica social contemporânea nacional e internacional, marcada especialmente pelas rápidas transformações decorrentes do desenvolvimento tecnológico, impõe desafios ao Ensino Médio. Para atender às necessidades de formação geral, indispensáveis ao exercício da cidadania e à inserção no mundo do trabalho, e responder à diversidade de expectativas dos jovens quanto à sua formação, a escola que acolhe as juventudes tem de estar comprometida com a educação integral dos estudantes e com a construção de seu projeto de vida. (BNCC, 2018, p. 464)

Nessa perspectiva, buscamos destacar alguns preceitos pedagógicos e habilidades estruturantes que irão alicerçar este trabalho:

- 1 - (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos. (BNCC, 2018, p. 572)
- 2 - (EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (BNCC, 2018, p. 572)
- 3 - (EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018, p. 572)

Nesse sentido, cabe aqui também fazer uma breve reflexão sobre as mazelas que nós, professores de História da Educação Básica temos passado em decorrência dessas mudanças. Em especial no meu caso, que leciono em duas escolas públicas de Minas Gerais, uma regular e uma militar.

No primeiro caso, neste ano de 2024, a disciplina de História foi reduzida a módicas quatro aulas semanais no Ensino Médio (antes eram seis), sendo duas aulas no primeiro ano, uma no segundo ano e uma no terceiro ano. Me vi obrigado a trabalhar com a disciplina de História somente na série que manteve duas aulas semanais, e como complemento da carga horária, optei por trabalhar com a disciplina de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (que foi implementada com duas aulas semanais para cada ano do Ensino Médio). Para se ter ideia do impacto dessas mudanças, os estudantes dos três anos passaram a ter vinte e uma disciplinas no currículo, e seis aulas diárias.

Na escola militar, onde temos uma carga horária maior, até 2022 tínhamos dez aulas semanais no Ensino Médio, sendo três no primeiro ano, três no segundo e quatro



nos terceiros anos. Com as mudanças tivemos uma redução para duas aulas nos segundos anos e para três aulas nos terceiros anos.

Em suma, foram retiradas aulas da base curricular (não somente História, mas também Geografia, Física, Química, por exemplo) para dar espaço às tais novas disciplinas dos Itinerários Formativos. Essas novas demandas só nos deixam mais inseguros e apreensivos sobre qual será o futuro da disciplina de História na Educação Básica, em especial no Ensino Médio. Algumas leituras apontaram para críticas contundentes ao novo modelo:

Infelizmente o ensino de história totalmente desarticulado e completamente esvaziado colabora para a hegemonização da educação pela burguesia capitalista brasileira operando contrariamente à escola unitária abordada por Gramsci que possibilita o conhecimento por meio de conjuntos das disciplinas escolares e possibilita a autonomia necessária para os jovens pensarem sobre as relações existentes na sociedade (FERRETTI, 2018). Um ensino de história reduzido implica diretamente na ausência da emancipação dos jovens, cerceando a capacidade de emancipação desses estudantes e impedindo um futuro diferente para os filhos da classe trabalhadora.¹²

Mas para além da educação formal e tradicional, de como se ensina e o que se aprende é necessário romper, (des)educar, profanar, a fim de questionar o estabelecido que inevitavelmente se torna uma zona de conforto nos hábitos, costumes e valores que mais tarde se tornam preconceitos, nas ações educativas (quem ensina) e o resultado dela: a experiência de mundo (quem aprende). Nesse sentido, destacamos a reflexão de Ana Maria Monteiro:

A definição do conceito a ser ensinado pressupõe a atribuição de um significado pelas professoras que servirá de referência para a criação de situações de aprendizagem, num processo que apresenta similaridade com aquele utilizado no trabalho com os tipos-ideais de Weber. Esses conceitos são referências que não determinam que a apropriação dos alunos será aquela esperada pelo professor. Essa construção é realizada num espaço onde existe liberdade para que as leituras e intervenções dos diferentes alunos possam se efetivar e, inclusive, aprofundar as análises e ampliar os significados. É a troca entre os diferentes sujeitos históricos envolvidos na rede intertextual que possibilita a emergência do significado do conceito em estudo naquele momento.¹³

¹² BARUFFI, 2023.

¹³ MONTEIRO, 2003.



Um dos vários requisitos da disciplina de história é por excelência educar para o questionamento e a formação do espírito crítico, através de elementos que compõem nossa memória, senso de pertencimento cultural e de valores estéticos, dentro de uma linha temporal, e também extemporânea. Sua presença e forma pedagógica na sala de aula não pode ser outra coisa, que não reveladora ou desveladora de um mundo no qual fazemos parte, e fazemos escolhas de forma passiva ou combativa. No primeiro caso aceitamos uma condição já posta ou imposta pela tradição, no segundo caso, nos permite a luta e a fazer rupturas com o já estabelecido, independente das ações que se desdobraram daí, mas tomando como forma e referência a nossa experiência histórica vivida e vivenciada através de como vemos e sentimos as coisas. A sala de aula, a experiência histórica pode e deve ser fonte catalisadora dessas experiências, municiadas pelas diferentes formas e fontes que ensinam a disciplina de história.

A utilização da música como recurso didático e fonte histórica no ensino de História marcou uma mudança significativa na abordagem pedagógica. No século XX, movimentos culturais e sociais estimularam uma apreciação renovada pela música como expressão artística e cultural, levando educadores e historiadores a reconhecer seu potencial educacional. A música transcende barreiras linguísticas, oferecendo uma linguagem acessível e envolvente para explorar eventos históricos, movimentos sociais e a experiência humana ao longo do tempo. Além de fornecer contextos emocionais e culturais, as letras das músicas muitas vezes incorporam narrativas poderosas que refletem perspectivas históricas e sociais.

A integração da música como recurso didático e fonte histórica no ensino de História é um fenômeno enriquecedor que amplia as possibilidades de engajamento dos alunos com o passado. A música, ao evocar emoções e oferecer uma narrativa única, proporciona uma experiência sensorial que vai além das palavras e dos fatos. No contexto educacional, essa abordagem permite que os estudantes se conectem de maneira mais pessoal e significativa com eventos históricos, movimentos culturais e questões sociais.

Enfatizamos também que a música pode ser não só um recurso didático, como também um importante veículo difusor de mensagens aos estudantes, ao mesmo tempo que a banda (que vivenciaram a implementação do regime neoliberal na Inglaterra de fins dos anos 1970) aborda em suas canções questões que já eram inquietações ao seu tempo,



e que, infelizmente, continuam atuais, como as já citadas questões de xenofobia, imigração, racismo, problemas econômicos e sociais. Circe Bittencourt, em seu livro "Música e História", afirma que a música pode ser utilizada como um recurso didático para a compreensão de questões históricas, políticas e culturais. A autora destaca que, além de servir como fonte para a análise de contextos sociais, políticos e culturais, a música também é uma importante expressão artística e cultural que permite entender aspectos da subjetividade e das experiências cotidianas dos indivíduos. Segundo Bittencourt, a música pode ser usada em sala de aula para promover o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação, bem como para estimular a reflexão crítica sobre o mundo.

Marcos Napolitano (2010), aborda a relação entre música e política no contexto brasileiro. O autor destaca que, ao longo da história, a música popular brasileira teve um papel fundamental na construção de uma identidade nacional e na expressão de lutas sociais e políticas. Napolitano afirma que a música pode ser utilizada como uma ferramenta para a compreensão de aspectos sociais e políticos de um período histórico específico, bem como para a análise das contradições presentes em uma sociedade. Além disso, o autor ressalta que a música pode ser utilizada como um meio para a reflexão crítica sobre a realidade, possibilitando aos indivíduos uma compreensão mais profunda dos problemas sociais e políticos do mundo em que vivem. Ainda que o referido trabalho enfoque a Música Popular Brasileira, tais ponderações vêm ao encontro ao propósito de utilização da música em sala de aula. Tal premissa vem alicerçada na reflexão de Moraes:

Aqueles que se arriscam em trabalhar com a canção popular como fonte documental, também apontam sua suposta condição excessivamente subjetiva como dificuldade adicional. Inicialmente porque a música, além de seu estado de imaterialidade, atinge os sentidos do receptor, estando, portanto, fundamentalmente no universo da sensibilidade. Por tratar-se de um material marcado por objetivos essencialmente estéticos e artísticos, destinado à fruição pessoal e/ou coletiva, a canção também assume inevitavelmente a singularidade e características especiais próprias do autor e de seu universo cultural. Além disso, geralmente uma nova leitura é realizada pelo intérprete/instrumentista.¹⁴

¹⁴ MORAES, 1999.



A reflexão sobre a utilização da canção popular como fonte documental ressalta desafios significativos que os pesquisadores e educadores enfrentam ao incorporar esse tipo de material nas análises históricas. A primeira dificuldade destacada é a natureza supostamente excessivamente subjetiva da música. Por ser uma forma artística que transcende o tangível, a música atinge os sentidos de maneira única, ancorando-se no universo da sensibilidade. Essa imaterialidade não apenas torna a música uma fonte documental distinta, mas também ressalta sua capacidade de evocar emoções e sentimentos, adicionando uma camada complexa à interpretação histórica.

A condição estética e artística intrínseca à música é outro ponto de consideração. A canção popular é concebida, em sua essência, para fruição pessoal e/ou coletiva, buscando expressar uma narrativa por meio de elementos artísticos. Isso a diferencia de outras formas de documentação histórica que têm objetivos predominantemente informativos. A singularidade e as características especiais do autor e de seu contexto cultural são imbuídas na canção, tornando-a uma representação íntima da subjetividade e experiência humana em um determinado momento histórico. Assim, podemos considerar a observação de Chartier:

Definido como uma <outra produção>, o consumo cultural, por exemplo a leitura de um texto, pode assim escapar à passividade que tradicionalmente lhe é atribuída. Ler, olhar ou escutar são, efetivamente, uma série de atitudes intelectuais que – longe de submeterem o consumidor à rodopoderosa mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o deve modelar – permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência. Essa constatação deve levar a repensar totalmente a relação entre um público designado como popular e os produtos historicamente diversos (livros e imagens, sermões e discursos, canções, fotonovelas ou emissões de televisão). [...] ¹⁵

Além disso, a interpretação da canção não se limita ao momento de sua criação. Cada vez que um músico a interpreta, uma nova leitura é realizada, incorporando a perspectiva única do intérprete ou instrumentista. Essa multiplicidade de interpretações

¹⁵ CHARTIER, 1993.



pode adicionar complexidade à análise histórica, destacando como uma mesma canção pode adquirir diferentes significados ao longo do tempo, dependendo do contexto social, político e cultural em que é revisitada.

Apesar desses desafios, a abordagem da canção popular como fonte documental também oferece uma riqueza de perspectivas que outras formas de documentação podem não proporcionar. Ao abraçar a subjetividade, a estética e a multiplicidade de interpretações, os pesquisadores podem capturar nuances e emoções que enriquecem a compreensão histórica, proporcionando uma visão mais completa e sensível do passado.

Ao explorar músicas em sala de aula, os educadores podem abordar uma variedade de tópicos históricos, desde revoluções e guerras até movimentos sociais e mudanças culturais. As letras das músicas muitas vezes expressam perspectivas individuais e coletivas, oferecendo um insight valioso sobre as experiências e as emoções das pessoas em determinados momentos da história. Artistas como The Clash, cujas letras muitas vezes abordam questões sociais e políticas, tornam-se veículos poderosos para entender o espírito de uma época.

Além disso, a música pode ser utilizada como uma ferramenta para explorar as mudanças na linguagem, nos estilos musicais e nas tendências culturais ao longo do tempo. Isso não apenas enriquece a compreensão dos alunos sobre diferentes períodos históricos, mas também os incentiva a desenvolver habilidades analíticas e críticas na interpretação das mensagens e significados subjacentes nas composições.

No entanto, é crucial abordar a música com uma lente crítica, reconhecendo que ela é uma forma de expressão artística e, portanto, subjetiva. Além disso, é necessário contextualizar as músicas dentro de seu ambiente histórico, considerando as condições sociais, políticas e culturais que as moldaram.

Neste sentido, é a falta de conscientização por uma parcela cada vez maior dos estudantes (que como eu costumo dizer em sala de aula, são os futuros cidadãos e cidadãs desse país e do mundo), com relação aos problemas de nossa sociedade, tais como desigualdade social, falta de oportunidades, preconceitos, violência, entre outras. Uma apatia que aparentemente foi potencializada neste momento em que passamos por uma pandemia de Coronavírus (COVID-19). Onde acreditamos, que a música pode ser um elemento motivador de uma consciência coletiva, de poder trazer um sentido de



pertencimento, inseridos em nossa contemporaneidade.

A interdisciplinaridade também se destaca ao utilizar as letras de música do The Clash no ensino de História. Ao trabalhar com as letras, os educadores têm a oportunidade de explorar conexões com outras disciplinas, como a literatura, a sociologia e os estudos culturais. Por exemplo, é possível analisar as referências literárias presentes nas letras, como citações de poetas e escritores, e relacioná-las a obras literárias clássicas ou contemporâneas. Além disso, a análise sociológica das letras pode revelar aspectos das relações sociais, das estruturas de poder e das dinâmicas culturais da época em que foram escritas.

A utilização das letras do The Clash no ensino de História também possibilita um rico diálogo com a disciplina de Língua Inglesa. Ao trabalhar com as músicas em seu idioma original, os alunos têm a oportunidade de desenvolver suas habilidades de compreensão auditiva e leitura em inglês, enriquecendo seu vocabulário e entendendo expressões idiomáticas que são próprias do contexto cultural britânico. Além disso, o contato com as letras abre espaço para discussões sobre variações linguísticas, como o uso de gírias e dialetos presentes no punk rock da época, o que permite uma compreensão mais profunda das nuances da língua e dos elementos culturais envolvidos. Esse trabalho interdisciplinar fortalece o aprendizado de língua estrangeira, ao mesmo tempo em que conecta a linguagem ao contexto histórico e social, aproximando os alunos de uma perspectiva globalizada e crítica.

A fim de possibilitar a inserção dos estudantes em atividades que promovam nossa instituição e ao mesmo tempo ir de encontro com as premissas e valores relevantes desta, tais como, o protagonismo juvenil, a excelência acadêmica em conformidade com o que se espera dos conhecimentos da BNCC, no que tange a área de Ciências Humanas e a disciplina de História.

Nessa perspectiva, partimos da premissa de algumas leituras e análises de textos que abordam questões relevantes à proposta do trabalho. Uma das mais importantes, e já referência nas análises e discussões sobre História e Ensino de História no Brasil é Selva Guimarães Fonseca, onde destacamos:

Trata-se de duas tarefas contraditórias. Ao mesmo tempo que a escola e um espaço de "difusão", "socialização" "democratização", ou, conforme o termo empregado pelo autor, de "distribuição" de um conhecimento produzido



em outras instâncias, tais como a Universidade, ela se constitui, também, num espaço de produção de "agentes" e de "conhecimento técnico-administrativo". Em outras palavras: a escola serve a reprodução das relações capitalistas, prepara conhecimento e mão-de-obra dócil ao capital, além de transmitir os valores da ideologia dominante. Porém, como espaço de produção e acumulação, e um campo de lutas e por isso não há uma adesão "cega" aos interesses do capital e sim um conjunto de práticas que dependendo da correlação de forças, pode se constituir em um outro poder detentor de um projeto alternativo.¹⁶

A reflexão aponta para uma ambiguidade na natureza da escola, sugerindo que, embora ela sirva à reprodução das relações capitalistas, não é uma instituição totalmente subserviente aos interesses do capital. Pelo contrário, é apresentada como um campo de lutas, onde diferentes atores e práticas coexistem. Dependendo da correlação de forças, a escola pode se tornar um espaço de resistência, detentor de um projeto alternativo. Essa visão ressalta a complexidade do papel da escola na sociedade, sugerindo que sua natureza é moldada por uma interação dinâmica entre diversos agentes e ideologias, refletindo as lutas e contradições inerentes ao sistema educacional e à sociedade como um todo.

Bittencourt (2004) nos mostra que "o uso da música é importante por situar os jovens diante de um meio de comunicação próximo de sua vivência, mediante o qual o professor pode identificar o gosto, a estética da nova geração. Apesar de todas as vantagens, o uso da música gera algumas questões". No entanto, o uso da música como recurso didático também levanta algumas questões. A diversidade de preferências musicais pode tornar desafiadora a escolha de músicas que agradem a todos os alunos, exigindo sensibilidade e equilíbrio por parte do professor. Além disso, é fundamental abordar as questões de representatividade cultural e social nas músicas escolhidas, garantindo que o conteúdo não exclua nem marginalize grupos específicos. Soma-se a isso o fato que optamos por trabalhar com músicas na língua inglesa, o que pode dificultar a penetração entre os estudantes, a depender do interesse dos estudantes em relação ao idioma estrangeiro. O que, em nosso entendimento, não deve ser uma barreira

¹⁶ FONSECA, 1993.



intransponível, visto que contamos hoje com vários recursos digitais que facilitam não só a tradução como também a interação com a língua inglesa.

As incursões de José Geraldo Vinci de Moraes na intersecção entre história e música também foram de suma importância para o trabalho, e revelam-se como uma jornada fascinante que transcende os limites convencionais das disciplinas. Seu enfoque não apenas reconhece a música como uma expressão cultural intrinsecamente valiosa, mas também destaca como essa forma de arte pode ser aproveitada como uma fonte extraordinariamente rica para compreender os contextos históricos e os movimentos sociais que a permeiam. Vinci de Moraes mergulha profundamente nas composições e nas letras musicais, desvendando camadas de narrativas subjacentes e expondo representações simbólicas que capturam reflexos históricos marcantes. Sua abordagem única, ao explorar meticulosamente a complexa relação entre história e música, não apenas revela a influência recíproca dessas duas formas de expressão, mas também proporciona uma visão inovadora e sensível das maneiras pelas quais a música se entrelaça com a trama social, registrando e transmitindo narrativas que enriquecem nossa compreensão da história e da cultura.

A relação entre memória e história representa um dos aspectos mais fundamentais e intrincados do trabalho dos historiadores. Enquanto a história busca uma compreensão objetiva e crítica do passado, a memória traz consigo subjetividade e experiência pessoal. A interação entre essas duas dimensões muitas vezes lança luz sobre as complexidades da representação histórica. A memória, moldada por experiências individuais e coletivas, influencia a percepção do passado, dando-lhe nuances emocionais e perspectivas diversas. Os historiadores, portanto, enfrentam o desafio de reconciliar essas duas abordagens, navegando entre os registros objetivos e as narrativas pessoais. A compreensão da memória como uma construção dinâmica e fluida, sujeita a influências culturais e sociais, enriquece a prática histórica, permitindo uma análise mais abrangente e inclusiva das narrativas do passado. Essa interação entre memória e história revela a natureza intrinsecamente humana da construção do conhecimento histórico, onde os relatos pessoais se entrelaçam com os eventos registrados, dando forma à riqueza e complexidade da compreensão histórica. Se faz presente, portanto, a análise feita por Vinci no trato com a música popular:



No caso específico da música popular, essa relação entre memória e história imprime uma tonalidade tão forte e característica que parece se tornar seu eixo estruturante e permanente, tornando-se ainda um problema atual a ser percebido, analisado e discutido. Aparentemente, a distinção primária e necessária entre memória e história não se estabeleceu entre os primeiros historiadores da música popular urbana e, de certo modo, ela permaneceu como um problema nas gerações seguintes. Nessa primeira geração composta por memorialistas, cronistas, jornalistas e colecionadores diletantes, que predominaram até a passagem dos anos 1950-1960, a dinâmica prevalente foi a de manter a opacidade e confusão entre os dois universos. [...] ¹⁷

Em última análise, a história se apresenta como uma narrativa que não apenas revela, mas também desvela o mundo no qual estamos imersos. Ela transcende a mera exposição de eventos passados, tornando-se um espelho que reflete as complexidades e nuances da condição humana. Ao explorar os anais do tempo, os historiadores lançam luz sobre as escolhas que moldaram sociedades, culturas e indivíduos. Nesse contexto, os atores históricos, sejam eles agentes de mudança ou observadores passivos, são confrontados com a dimensão de suas ações e decisões. A história, portanto, não é apenas um registro neutro, mas um instrumento de reflexão que nos desafia a compreender nosso papel no tecido da existência. A consciência histórica, seja alcançada de maneira passiva ou combativa, é essencial para a construção de um entendimento mais profundo de nós mesmos e do mundo ao nosso redor, alimentando a capacidade de fazer escolhas informadas e participar ativamente na formação do futuro. É a partir do uso de letras e audições de músicas, bem como da análise de letras e melodias do *The Clash*, que em ambas as situações buscará instigar a curiosidade e a empatia entre os estudantes e educadores envolvidos, no principal objetivo desse trabalho, que é a elaboração dos seis *podcasts* como forma de produto, que foram produzidos para a conclusão desse Mestrado Profissional em Ensino de História.

¹⁷ MORAES, 2010.



Capítulo 2: London Calling¹⁸

As leituras de autores contemporâneos que discutem a História Cultural desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento deste trabalho, oferecendo insights valiosos e perspectivas inovadoras que enriqueceram significativamente minha compreensão do objeto de estudo. Forneceram um arcabouço teórico sólido e uma abordagem metodológica abrangente para analisar a interação dinâmica entre cultura, sociedade e história. Suas obras destacaram a importância de examinar as práticas culturais cotidianas, os símbolos, os rituais e as representações simbólicas como formas de compreender profundamente os contextos históricos e as experiências humanas. Além disso, a relação direta entre as teorias discutidas e o objeto de estudo deste trabalho permitiu uma aplicação prática dos conceitos abordados, enriquecendo a análise e fornecendo uma base sólida para a interpretação dos dados. Essa interação entre teoria e prática revelou-se essencial para a construção de um quadro analítico robusto e para a formulação de conclusões substanciais e significativas ao longo da pesquisa.

O trabalho de Stuart Hall foi importante para relacionar as questões identitárias do The Clash com a parte teórico-metodológica. Nesse sentido, gostaria de abordar aqui seis possibilidades que consegui levantar ao longo da pesquisa.

A análise das letras e musicalidade do The Clash, em especial a influência da música jamaicana que o grupo absorve ao longo da carreira, à luz das discussões de Stuart Hall sobre identidade e representação revela nuances significativas na construção de identidades culturais. As letras da banda não apenas refletem as experiências da juventude e da classe trabalhadora, mas também questionam e desafiam as normas estabelecidas. O uso de imagens e narrativas nas músicas cria uma representação cultural que vai além dos estereótipos, oferecendo uma visão mais autêntica e complexa das identidades em jogo.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos

¹⁸ Tradução: Londres Chamando. Uma referência à música e ao álbum de mesmo título, de 1979.



definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.¹⁹

Em um segundo momento a aplicação do modelo de codificação e decodificação de Stuart Hall nas letras do The Clash revela a natureza interativa e dinâmica do processo de comunicação musical. Enquanto a banda codifica suas mensagens através de letras provocativas e politicamente carregadas, a audiência desempenha um papel fundamental na decodificação dessas mensagens, influenciada por suas próprias experiências, valores e perspectivas. Essa interação entre codificação e decodificação contribui para a riqueza de significados atribuídos às músicas, tornando-as um terreno fértil para interpretações diversas e personalizadas.

[...] Os códigos de codificação e decodificação podem não ser perfeitamente simétricos. Os graus de simetria – ou seja, os graus de "compreensão" e "má-compreensão" na troca comunicativa – dependem dos graus de simetria/assimetria (relações de equivalência) estabelecidos entre as posições das "personificações" – codificador-produtor e decodificador-receptor. Mas isso, por sua vez, depende dos graus de identidade/não-identidade entre os códigos que perfeitamente ou imperfeitamente transmitem, interrompem ou sistematicamente distorcem o que está sendo transmitido.
[...]²⁰

Com a aplicação da teoria da construção de sentido de Stuart Hall às letras do The Clash, procuro destacar como a banda habilmente utiliza elementos culturais para criar uma tapeçaria de significados. A intertextualidade entre música, literatura e história, por exemplo, constrói narrativas que vão além do efêmero. As metáforas presentes nas letras não apenas comunicam, mas também desafiam, convidando o ouvinte a uma participação ativa na construção de significados, alinhando-se à visão participativa de cultura de Hall. Sob essa ótica, destacamos:

¹⁹ HALL, 2006.

²⁰ HALL, 2003.



[...] Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. [...]²¹

Ao empregar a lente da teoria pós-colonial de Stuart Hall, a análise das letras e musicalidade do The Clash revela uma sensibilidade aguda para as complexidades das relações culturais em contextos pós-imperiais. As músicas abordam temas relacionados à resistência, identidade e poder em sociedades que emergem do domínio colonial. A consciência crítica da banda sobre o legado colonial se manifesta nas letras, proporcionando uma reflexão profunda sobre as dinâmicas culturais e sociais em evolução. Não por coincidência, a presença da musicalidade jamaicana nas cidades inglesas, em especial Londres, ocorre também pela forte presença da comunidade caribenha no país, genericamente, e porque não pejorativamente, chamadas de subculturas. Exemplo dos *mods*, *skinheads* e dos *rudes boys* e é claro, o *punk*, onde extraímos a seguinte reflexão:

As antigas relações de colonização, escravidão e domínio colonial, que ligaram a Grã-Bretanha ao Império por mais de 400 anos, marcaram os rumos seguidos por esses imigrantes. Contudo, essas relações históricas de dependência e subordinação foram reconfiguradas - sob a forma pós-colonial clássica - quando reunidas no solo doméstico britânico. Na esteira da descolonização, disfarçadas na amnésia coletiva ou em um sistemático repúdio ao "Império" (que desceu como uma Nuvem do Não-Saber nos anos 60), esse

²¹ HALL, 2006.



encontro foi interpretado como "um novo começo". [...] ²²

Ao inserir as músicas do The Clash na matriz da cultura popular sob a ótica de Stuart Hall, torna-se evidente como a banda não apenas reflete, mas também desafia as estruturas de poder culturalmente arraigadas. As letras e a sonoridade do The Clash não são meros reflexos da cultura popular, mas agentes de resistência que confrontam normas e oferecem uma expressão autêntica da luta contra desigualdades sociais. O poder da cultura popular, conforme interpretado por Hall, é explorado de maneira crítica e transformadora pelas mensagens da banda. Tal perspectiva pode ser observada no fragmento:

É certo que outras forças também têm interesse em definir “o povo” que precisa ser mais disciplinado, melhor governado, mais efetivamente policiado, cuja forma de vida precisa ser protegida das “culturas estrangeiras”, e daí por diante. Existe um pouco dessas duas alternativas dentro de cada um de nós. [...] podemos ser constituídos como uma força contra o bloco de poder: esta é a abertura histórica pela qual se pode construir uma cultura genuinamente popular. [...] A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada: é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. ²³

Por último, não menos relevante, a perspectiva de ativismo e posicionamento crítico de Stuart Hall, a análise das letras do The Clash evidencia não apenas uma crítica social, mas um chamado à ação. As músicas não são meros comentários sobre as injustiças percebidas, mas catalisadores para a mudança. O ativismo cultural da banda não apenas ressoa com as ideias de Hall sobre a cultura como agente transformador, mas também demonstra como a música pode ser um meio eficaz de engajamento social, despertando a consciência e motivando a participação ativa na esfera política e social.

Outro autor relevante ao longo desta pesquisa foi o historiador José Vinci de Moraes. Talvez possa soar estranho tal conexão entre os estudos feitos por ele sobre a cultura e a musicalidade do Rio de Janeiro, em especial no período conhecido como a Era do Rádio, porém ao analisar a forma como ele desenvolveu suas pesquisas, em especial

²² HALL, 2003.

²³ *Ibid.*



no livro *Música e História no Brasil*²⁴, organizado em conjunto com Elias Saliba.

Embora José Geraldo Vinci de Moraes seja mais conhecido por suas pesquisas sobre história social e cultural do Brasil, suas abordagens metodológicas e perspectivas teóricas podem ser aplicadas de forma relevante ao estudo das músicas da banda The Clash. Vinci de Moraes é reconhecido por sua habilidade em investigar os aspectos cotidianos e populares da vida urbana, bem como sua análise sensível das dinâmicas sociais e culturais. Ao abordar as músicas do The Clash, podemos utilizar as lentes conceituais e metodológicas desenvolvidas por Vinci de Moraes para explorar as mensagens sociais, políticas e culturais transmitidas pela banda através de sua música.

Ao estudar as letras e a musicalidade do The Clash, podemos nos inspirar na abordagem de Vinci de Moraes para analisar o contexto sócio-histórico em que as músicas foram produzidas e recebidas. Assim como Vinci de Moraes investigou as ruas do Rio de Janeiro para compreender as dinâmicas urbanas e culturais, podemos examinar as músicas do The Clash como expressões culturais que refletem e influenciam as experiências da juventude urbana na Grã-Bretanha e em outros lugares. Da mesma forma que Vinci de Moraes analisou as festas populares brasileiras para compreender a identidade nacional e as relações sociais, podemos explorar as músicas do The Clash como expressões de resistência, identidade e solidariedade dentro do contexto do movimento punk e das lutas sociais e políticas da época.

Além disso, a abordagem interdisciplinar de Vinci de Moraes, que combina métodos da história social, cultural e antropológica, pode ser aplicada ao estudo das músicas do The Clash. Podemos empregar uma variedade de métodos e teorias, incluindo análise de conteúdo, estudos culturais, sociologia da música e teoria crítica, para compreender as complexidades das mensagens transmitidas pelas músicas da banda. Dessa forma, ao articular as abordagens de José Vinci de Moraes com o estudo das músicas do The Clash, podemos enriquecer nossa compreensão das conexões entre cultura, sociedade, política e música na história contemporânea. De tal modo, destaco um fragmento que corrobora com a relevância do estudo presente neste trabalho:

Apesar do quadro renovador originário na universidade, o trabalho

²⁴ MORAES, SALIBA, 2010.



investigativo especificamente nessa área da história social e cultural tendo a música popular como eixo, ainda permanece bastante tímido e com avanços apenas residuais. O considerável crescimento e a diversidade da produção acadêmica, inundada por um incontável número de obras e pesquisas, muitas delas inspiradas ou influenciadas por essa categoria bastante genérica e indefinida de História Nova (que pelo menos deu certo reconhecimento acadêmico a diversos e marginalizados temas, entre eles, as recentes pesquisas e investigações sobre a música popular urbana), ainda não significou uma colaboração concreta no aspecto quantitativo e, principalmente, de qualidade nesta área da história cultural. Isso significa, conseqüentemente, que o uso da canção popular urbana como fonte continua bastante restrito e precário, e aparentemente ainda mantém um status de segunda categoria no universo da documentação.²⁵

Outro autor que é uma referência em se tratando de História e Cultura, citado em vários trabalhos utilizados ao longo deste trabalho, em especial dissertações do ProfHistória, e que foi relevante para esta pesquisa é Roger Chartier. Em seu livro *A História Cultural: entre práticas e representações*²⁶. Por mais que possa soar distante as análises feitas sobre a sociedade francesa, em diferentes tempos e em especial ao longo do processo revolucionário, podemos estabelecer uma relação com o objeto de estudo presente nesta pesquisa, onde ele destaca a importância de examinar as práticas culturais cotidianas das pessoas comuns, como forma de compreender os valores, crenças e identidades em diferentes contextos históricos. Ao estudar as músicas do The Clash, podemos analisar como a banda refletia e influenciava as práticas culturais da juventude urbana da época, incluindo questões como resistência, identidade e solidariedade.

Assim como Stuart Hall, o autor discute o papel da recepção e apropriação na história cultural, examinando como as pessoas interpretam, reinterpretem e reutilizam artefatos culturais de maneiras que podem ser diferentes das intenções originais dos criadores. Ao estudar as músicas do The Clash, podemos investigar como suas mensagens foram recebidas, reinterpretadas e apropriadas por diferentes grupos e comunidades ao longo do tempo.

²⁵ MORAES, 2000.

²⁶ CHARTIER, 1993.



Chartier destaca a importância de examinar as práticas culturais cotidianas das pessoas comuns, como forma de compreender os valores, crenças e identidades em diferentes contextos históricos. Além das práticas culturais, ele enfatiza a análise das representações simbólicas presentes em textos, imagens e artefatos culturais, como no fragmento:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social e construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.²⁷

Além disso, Chartier também ressalta a relevância da reflexão crítica sobre as práticas interpretativas e os discursos que moldam a compreensão das fontes culturais. Ele destaca a necessidade de considerar o contexto histórico, social e cultural em que as obras foram produzidas, bem como os diferentes significados que podem ser atribuídos a elas ao longo do tempo. Ao aplicar essas compreensões metodológicas ao estudo das músicas do The Clash, é possível realizar uma análise mais profunda e abrangente das mensagens transmitidas pela banda. Isso envolve não apenas examinar as letras e a musicalidade das canções, mas também contextualizá-las dentro do panorama social, político e cultural da época em que foram criadas. A análise comparativa com outras manifestações culturais e o reconhecimento da diversidade de perspectivas e experiências são fundamentais para uma compreensão mais completa do impacto das músicas do The Clash na cultura e na sociedade. Ao adotar uma abordagem sensível à diversidade cultural, é possível reconhecer as múltiplas vozes e narrativas presentes nas músicas e explorar como elas refletem e moldam as experiências e identidades de diferentes grupos sociais. Essa análise mais contextualizada e sensível proporciona uma compreensão mais rica e nuanceada do papel da banda na cultura popular e nas dinâmicas sociais e políticas

²⁷ CHARTIER, 1993.



de sua época.

Outra leitura fundamental para o desenvolvimento deste trabalho foi o livro *Uma História Social da Mídia: De Gutenberg à Internet*, de Asa Briggs e Peter Burke. Os autores situam o desenvolvimento da mídia dentro de contextos históricos específicos, desde a comunicação oral nas sociedades pré-industriais até a era da internet e das redes sociais. Ele examina como as mudanças tecnológicas, políticas, econômicas e sociais influenciaram a natureza e o alcance dos meios de comunicação ao longo do tempo.

A obra de Briggs e Burke destaca a importância da contextualização histórica para entender a mídia e sua relação com a sociedade. Da mesma forma, ao investigar as letras e a musicalidade das músicas do The Clash, é essencial situá-las dentro do panorama social, político e cultural em que foram produzidas. Isso inclui considerar o contexto da década de 1970 e 1980, marcado por eventos como a Guerra Fria, movimentos sociais, lutas por direitos civis e mudanças culturais significativas.

Além disso, "*Uma História Social da Mídia*" analisa as interações complexas entre os meios de comunicação e a sociedade, destacando como a mídia influencia e é influenciada por questões políticas, culturais e sociais. De maneira semelhante, as músicas do The Clash abordam temas como desigualdade social, injustiça, resistência e ativismo político, refletindo e moldando as preocupações e aspirações de sua época. A obra de Briggs e Burke destaca a importância da contextualização histórica para entender a mídia e sua relação com a sociedade. Da mesma forma, ao investigar as letras e a musicalidade das músicas, bem como o contexto político-social do The Clash, é essencial situá-las dentro do panorama social, político e cultural em que foram produzidas. Isso inclui considerar o contexto da década de 1970 e 1980, marcado por eventos como a Guerra Fria, movimentos sociais, lutas por direitos civis e mudanças culturais significativas.

2.1 Gates Of The West²⁸

Nesse contexto, a utilização das músicas do The Clash (especialmente as que

²⁸ Tradução: Portões do Oeste. Uma referência à música do EP (*extended play*) *The Cost of Living* (O custo de vida), de 1979.



foram escolhidas para compor a sequência dos podcasts), como *"London Calling"*, *"Spanish Bombs"*, *"The Guns of Brixton"*, *"The Magnificent Seven"*, *"Washington Bullets"* e *"Know Your Rights"*, torna-se uma ferramenta poderosa. As letras e a musicalidade dessas canções oferecem ricas narrativas que abordam eventos históricos e questões sociais relevantes, permitindo aos alunos explorar conteúdos de maneira contextualizada e crítica. Por exemplo, *"Spanish Bombs"* pode ser usada para discutir a Guerra Civil Espanhola e os movimentos antifascistas, enquanto *"London Calling"* proporciona uma análise do impacto do punk rock na sociedade britânica durante a crise econômica dos anos 1970. Ao conectar as críticas teóricas dos autores à prática pedagógica inovadora, é possível criar um ensino de História mais engajador e reflexivo, capaz de fomentar a consciência crítica dos estudantes sobre o passado e o presente.

A música **"London Calling"** da banda The Clash é rica em referências históricas, sociais e culturais, que podem ser exploradas em diferentes contextos acadêmicos. Aqui estão algumas referências que podemos considerar ao analisar essa letra e música:

- Contexto Histórico:

Lançada em 1979, a música reflete o clima de crise em Londres, com desemprego, tensões sociais e o medo de uma guerra nuclear durante a Guerra Fria.

A música também se refere a eventos específicos, como a "morte" do Rio Tâmesa e a usina nuclear de Three Mile Island²⁹.

- Musicalidade:

O som da música é mais sombrio e pesado, com uma linha de baixo marcante e riffs de guitarra que evocam uma sensação de desespero.

O estilo punk é misturado com influências de reggae e rockabilly, criando uma sonoridade única.

- História Social e Cultural do Século XX:

Segunda Guerra Mundial: A frase *"London Calling"* evoca as transmissões de rádio da BBC durante a Segunda Guerra Mundial, onde *"This is London calling..."* era

²⁹ Em 28 de março de 1979, um ano após o início das atividades, a central sofreu uma falha de refrigeração que danificou o reator. O problema não gerou vítimas, mas forçou a retirada de 140 mil moradores da região, o fechamento do reator 2 e iniciou um debate sobre o perigo de usinas nucleares.



uma frase frequentemente usada.

Guerra Fria: O clima de medo e incerteza presente na letra remete ao contexto da Guerra Fria, com referências ao medo nuclear.

- Contexto Sociopolítico da Inglaterra nos Anos 1970:

Crise Econômica: Nos anos 1970, o Reino Unido enfrentava uma grave crise econômica, com altas taxas de desemprego e inflação.

- Declínio Urbano: A música faz alusão ao declínio urbano de Londres, com imagens de inundações e desertos, que podem ser interpretadas como metáforas para o estado deteriorado das cidades britânicas.
- Desilusão e Protesto: A letra expressa uma profunda desilusão com a situação política e econômica, característica do movimento punk.
- Influência do Reggae: O som e o ritmo da música têm influências do reggae, refletindo a diversidade cultural e a mistura de gêneros musicais típicos da cena punk londrina.
- Referências Ambientais e Climáticas:
 - Mudanças Climáticas: A menção ao “sun’s zooming in” e “a nuclear error” pode ser vista como uma antecipação das preocupações modernas com o meio ambiente e o desastre nuclear.
 - Imagens distópicas: A letra de "London Calling" cria uma visão distópica de Londres, que pode ser comparada com obras literárias e cinematográficas que exploram temas semelhantes.
 - Subculturas Juvenis: Rebeldia e Identidade: A música reflete a identidade e a rebeldia das subculturas juvenis da época, sendo um manifesto contra o status quo.

➤ Análise da Letra

- London calling to the faraway towns / Now war is declared, and battle come down

Referência às transmissões de rádio durante a Segunda Guerra Mundial, evocando um sentimento de crise iminente.

- The ice age is coming, the sun’s zooming in

Pode ser interpretado como uma referência às mudanças climáticas e ao medo de uma



catástrofe ambiental.

- Engines stop running, but I have no fear

Reflete a resiliência e a resistência contra as adversidades econômicas e sociais da época.

- London calling, yes, I was there too / And you know what they said? Well, some of it was true!

Este trecho sugere um testemunho direto das crises descritas, reforçando a autenticidade e a urgência da mensagem.

Explorar essas referências e contextos pode enriquecer a análise da música "London Calling" no ensino de História, permitindo uma compreensão mais profunda das complexas interações entre música, sociedade e cultura.

- Letra:

"London Calling" aborda temas como crise econômica, a ameaça nuclear, e a alienação urbana. A letra transmite um senso de urgência e desespero diante de um futuro incerto.

A música "**Guns of Brixton**" é rica em referências sociais, culturais e políticas que refletem as tensões e realidades da Inglaterra, especialmente em Londres, durante os anos 1970 e 1980. Aqui estão algumas referências que podemos considerar ao analisar essa letra:

➤ Contexto Histórico e Social

- Distúrbios de Brixton (1981):

Tensões Raciais e Conflito: A área de Brixton em Londres era um epicentro de tensões raciais e sociais, culminando nos distúrbios de 1981³⁰. "Guns of Brixton" antecipa esses eventos, refletindo o clima de descontentamento entre as comunidades afro-caribenhas e as autoridades britânicas.

- Policiamento e Brutalidade Policial: A letra aborda diretamente o tema da brutalidade policial, um problema significativo em Brixton, onde o policiamento intensivo e agressivo exacerbou as tensões raciais.

³⁰ Os distúrbios de 1981 na Inglaterra, também conhecidos como "Brixton Riots" ou "English Riots of 1981", foram uma série de conflitos violentos que ocorreram principalmente em áreas urbanas durante o ano de 1981. Esses distúrbios foram caracterizados por confrontos entre a polícia e a população local, em grande parte composta por jovens negros e de outras minorias étnicas. Esses eventos históricos refletem a profunda insatisfação e a luta por justiça social e igualdade, temas que também são frequentemente explorados nas músicas de bandas como The Clash, incluindo faixas como "The Guns of Brixton".



- Imigração e Comunidade Afro-Caribenha:

Windrush Generation: A imigração de afro-caribenhos para o Reino Unido após a Segunda Guerra Mundial, conhecida como a geração Windrush, trouxe uma nova dinâmica cultural e social, mas também enfrentou discriminação e marginalização.

- Referências Culturais e Musicais

Influência do Reggae:

- Música e Resistência: A música incorpora elementos do reggae, refletindo a influência cultural das comunidades afro-caribenhas em Londres. O reggae frequentemente aborda temas de resistência contra a opressão, que são centrais em "Guns of Brixton".

- Cultura Punk e Contracultura:

Rebeldia e Protesto: A letra exemplifica a atitude de desafio e resistência típica do movimento punk, alinhando-se com a crítica social e a oposição à autoridade.

➤ Análise da letra:

- When they kick at your front door / How you gonna come? / With your hands on your head / Or on the trigger of your gun

Este verso sugere uma escolha entre submissão e resistência armada, refletindo a desesperança e a necessidade de autodefesa entre as comunidades marginalizadas.

- You can crush us, you can bruise us / But you'll have to answer to / Oh, the guns of Brixton

Um grito de resistência e resiliência, este trecho enfatiza a inevitabilidade da retaliação contra a opressão.

- When the law break in / How you gonna go? / Shot down on the pavement / Or waiting in death row

A letra destaca a brutalidade do sistema de justiça e a falta de opções para os oprimidos.

- You know it means no mercy / They caught him with a gun / No need for the Black Maria / Goodbye to the Brixton sun

Este verso menciona "Black Maria," uma gíria para a van de polícia, e "Brixton sun," simbolizando a vida e a esperança que são apagadas pela violência policial.



- Letra:

"Guns of Brixton" aborda a brutalidade policial e a resistência da comunidade de Brixton, uma área de Londres com uma grande população afro-caribenha. A letra é uma narrativa sobre resistência e sobrevivência.

- Contexto Histórico:

Brixton foi palco de intensas tensões raciais e conflitos com a polícia nos anos 1970 e 1980.

A música foi lançada em 1979, pouco antes dos distúrbios de Brixton de 1981, quando as tensões raciais culminaram em violentos confrontos.

- Musicalidade: A canção tem uma forte influência de reggae, refletindo a cultura afro-caribenha de Brixton. A linha de baixo e o ritmo evocam a música reggae, enquanto a guitarra e os vocais mantêm a crueza do punk.

"**Spanish Bombs**" é uma música do The Clash que aborda a Guerra Civil Espanhola e os resquícios do fascismo na Espanha. Ao analisar essa letra, você pode utilizar várias referências históricas, literárias e musicais que ajudam a contextualizar e aprofundar a compreensão dos temas abordados na canção. Aqui estão algumas referências úteis:

- Contexto Histórico

Guerra Civil Espanhola (1936-1939)

Precedentes e Impactos: A guerra foi um conflito entre os republicanos, que defendiam um governo democrático, e os nacionalistas, liderados por Francisco Franco, que defendiam um regime fascista. A vitória dos nacionalistas estabeleceu a ditadura de Franco, que durou até 1975.

- Participação Internacional: Brigadas Internacionais, compostas por voluntários de diversos países, lutaram ao lado dos republicanos, refletindo a dimensão internacional do conflito.

➤ Análise da Letra

- Spanish songs in Andalucia / The shooting sites in the days of '39

A referência a "Spanish songs in Andalucia" evoca a rica herança cultural da Espanha, enquanto "the shooting sites in the days of '39" alude diretamente aos conflitos armados e execuções durante a guerra.



- Spanish bombs rock the province / I'm hearing music from another time

Essa linha captura a violência e a destruição da guerra, enquanto também sugere uma conexão histórica com o passado revolucionário da Espanha.

- The hillsides ring with 'free the people' / Or can I hear the echo from the days of '39?

A menção a "free the people" reflete os ideais republicanos de liberdade e democracia, em contraste com a repressão fascista.

- The freedom fighters died upon the hill / They sang the red flag / They wore the black one
- "Federico Lorca is dead and gone"

Federico García Lorca foi um poeta e dramaturgo espanhol, uma das figuras mais proeminentes da literatura espanhola do século XX. Ele foi assassinado no início da Guerra Civil Espanhola por suas opiniões políticas e sua orientação sexual. Essa linha da música evoca a memória de Lorca e, por extensão, a brutalidade da guerra e a repressão cultural que ocorreu na Espanha durante aquele período.

- "The freedom fighters" refere-se aos combatentes republicanos, enquanto "the red flag" simboliza o comunismo e "the black one" representa o anarquismo, ambos movimentos significativos na Guerra Civil Espanhola.
- Letra: "Spanish Bombs" é uma reflexão sobre a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a luta contra o fascismo. A letra mistura referências históricas com imagens poéticas.

"**The Magnificent Seven**" é uma canção do The Clash que aborda temas como a alienação no trabalho, o consumismo e a rotina opressiva da vida moderna, especialmente no contexto das grandes cidades e do capitalismo. Ao analisar essa letra, podemos utilizar várias referências históricas, sociológicas e culturais para contextualizar e aprofundar a compreensão dos temas abordados na canção. Aqui estão algumas referências úteis:

- Contexto Histórico:

A música foi lançada em 1981, durante um período de recessão econômica e altas taxas de desemprego na Grã-Bretanha. Reflete a desilusão com as promessas de progresso econômico, destacando as condições de trabalho e a exploração dos trabalhadores.

- Musicalidade: A música incorpora elementos de funk e rap, uma inovação



no punk rock na época. A linha de baixo, inspirada no funk, e o ritmo mais dançante contrastam com a seriedade da mensagem.

➤ Análise da Letra

- Ring! Ring! It's 7:00 A.M.! / Move y'self to go again / Cold water in the face / Brings you back to this awful place

Essas linhas capturam a rotina opressiva e a alienação do trabalhador urbano, que acorda cedo para enfrentar um dia de trabalho repetitivo e sem inspiração.

- Knuckle merchants and you bankers, too / Must get up and learn those rules

A menção aos "knuckle merchants" (trabalhadores braçais) e "bankers" (banqueiros) reflete a crítica às diferentes esferas do trabalho sob o capitalismo, todas submetidas às mesmas regras impessoais e alienantes.

- Wave bub-bub-bub-bye to the boss / It's our profit, it's his loss

Esse verso sugere uma subversão da dinâmica tradicional de poder no local de trabalho, onde os trabalhadores reivindicam o valor de seu trabalho.

- Sleepin' on the job, those shots of hall / From the east to the west / From the coast to the coast

A imagem dos trabalhadores dormindo no trabalho destaca a exaustão e a monotonia da rotina diária, comum em várias regiões e ocupações.

- Contexto Histórico e Sociológico

A música ressoa com teorias sociológicas e marxistas sobre a alienação no trabalho, como desenvolvidas por Karl Marx. Marx argumentou que na sociedade capitalista, os trabalhadores são alienados de várias formas:

- Alienação do Produto do Trabalho:

Os trabalhadores não possuem o produto de seu trabalho. Em vez disso, eles produzem bens que pertencem aos capitalistas, resultando em uma desconexão entre o trabalhador e os frutos de seu labor.

- Alienação do Processo de Trabalho:

O trabalho é dividido em tarefas pequenas e repetitivas, desprovidas de criatividade ou significado. Os trabalhadores não têm controle sobre o processo de produção, o que leva a uma sensação de desumanização.



- **Alienação dos Outros Trabalhadores:**

A competição entre trabalhadores e a estrutura hierárquica dentro das empresas promovem a alienação social, ao invés da solidariedade e comunidade.

- **Alienação da Própria Essência Humana:**

O trabalho, que deveria ser uma expressão da criatividade e capacidade humana, torna-se uma atividade opressiva e despersonalizadora.

Reflexão sobre a Musicalidade: Musicalmente, "The Magnificent Seven" incorpora elementos do funk e hip-hop, gêneros que estavam emergindo como vozes da resistência e da crítica social nos anos 1980. A batida pulsante e repetitiva da música pode ser vista como uma representação sonora da própria monotonia e repetição criticada na letra.

"The Magnificent Seven" do The Clash é uma canção que, através de suas letras e musicalidade, oferece uma crítica contundente à alienação no trabalho, refletindo sobre como as condições da sociedade capitalista podem desumanizar e despersonalizar os trabalhadores. Ao conectar essas referências com a teoria marxista da alienação³¹, a música se posiciona como uma peça de resistência cultural e uma chamada à conscientização sobre as condições laborais modernas.

"Washington Bullets" é uma canção do The Clash que aborda a intervenção política e militar dos Estados Unidos em diversos países ao redor do mundo. A letra critica abertamente o imperialismo e a influência dos EUA em eventos como a Revolução Cubana, a Revolução Sandinista na Nicarágua e a Guerra Civil Espanhola, entre outros. A musicalidade da canção, que incorpora ritmos caribenhos, também reflete as influências multiculturais e a solidariedade internacional. Para uma análise detalhada da letra e da musicalidade de "Washington Bullets", podemos utilizar as seguintes referências:

- **Contexto Histórico e Político**

- **Intervenções na América Latina**

³¹ A teoria marxista da alienação, desenvolvida por Karl Marx, é uma crítica ao sistema capitalista e à forma como ele desumaniza os trabalhadores. Marx argumenta que, sob o capitalismo, os trabalhadores se tornam alienados de várias maneiras devido à estrutura e dinâmica do trabalho e da produção. A alienação, nesse contexto, refere-se ao estado de ser separado ou distanciado de algo que deveria ser inerente ou natural ao ser humano.



Cuba e a Revolução Cubana: A letra faz referência ao papel dos Estados Unidos na tentativa de derrubar Fidel Castro e à invasão da Baía dos Porcos em 1961, onde forças apoiadas pela CIA tentaram invadir Cuba. A intervenção americana em Cuba é um exemplo clássico de imperialismo, onde os EUA tentaram moldar a política interna de um país soberano para servir a seus próprios interesses.

Chile e o Golpe de 1973: Embora não mencionado explicitamente na letra, a referência ao "General Pinochet" pode ser implícita, destacando o apoio dos EUA ao golpe militar que derrubou o governo democraticamente eleito de Salvador Allende em 1973. A CIA e outras agências americanas apoiaram os militares chilenos, que instauraram um regime ditatorial liderado por Augusto Pinochet.

Nicarágua e os Contras: A letra menciona a Nicarágua e faz alusão à Contra, um grupo rebelde financiado pelos Estados Unidos durante a década de 1980 para combater o governo sandinista liderado por Daniel Ortega. Os EUA usaram táticas de guerra suja, incluindo mineração de portos e financiamento secreto de forças antigovernamentais.

- Intervenções na Ásia

Afeganistão: "Washington Bullets" também se refere à intervenção soviética no Afeganistão e ao apoio dos EUA aos mujahideen afegãos durante a Guerra Fria. Os Estados Unidos armaram e financiaram grupos de resistência para combater a presença soviética, um esforço que, embora bem-sucedido em seus objetivos imediatos, teve repercussões duradouras na região.

- Outras Referências

Intervenção na África: A letra menciona "Para todos os guerrilheiros do mundo inteiro", indicando uma crítica mais ampla às intervenções americanas e ocidentais em vários conflitos ao redor do globo. Embora a música não cite casos específicos na África, o apoio dos EUA a vários regimes repressivos e sua intervenção em conflitos africanos ao longo do século XX exemplificam esse imperialismo.

➤ Análise da letra

- For the very first time ever / When they had a revolution in Nicaragua

Este verso refere-se à Revolução Sandinista na Nicarágua, que derrubou a ditadura de Somoza em 1979, com forte oposição dos EUA.



- With no more candles in the wind / Of course the bullets of Washington

Uma crítica direta à intervenção militar e à política externa dos EUA, muitas vezes vista como destrutiva e imperialista.

- Sandinista!

Referência direta ao movimento sandinista, que recebeu apoio e solidariedade de movimentos de esquerda ao redor do mundo.

- The Bay of Pigs invasion / The CIA is one hell of a crew

Menciona a fracassada invasão da Baía dos Porcos em Cuba em 1961, orquestrada pela CIA para derrubar Fidel Castro.

- Please remember Victor Jara, In the Santiago Stadium, Es verdad - those Washington Bullets again.

Este verso não apenas comemora o sacrifício de Jara, mas também destaca o papel da política externa dos Estados Unidos no apoio ao regime militar chileno que levou à sua morte.

"Washington Bullets" é uma poderosa crítica às políticas imperialistas dos Estados Unidos e de outras potências ocidentais. A música destaca como essas intervenções foram muitas vezes justificadas em nome da luta contra o comunismo ou do estabelecimento da democracia, mas na prática levaram a violência, repressão e sofrimento para as populações locais. Ao abordar esses eventos históricos, The Clash usa sua plataforma musical para questionar e desafiar as narrativas dominantes sobre a intervenção americana no mundo.

"Know Your Rights" é uma música do The Clash que aborda a injustiça social, os direitos humanos e a crítica ao abuso de poder. A canção, com seu tom incisivo e direto, enfatiza a importância do conhecimento dos próprios direitos como forma de resistência contra a opressão e a manipulação. Para uma análise detalhada da letra e da musicalidade de "Know Your Rights", podemos utilizar as seguintes referências:

➤ Análise da Letra

- This is a public service announcement... with guitars! Know your rights, all three of them

A música começa com uma paródia de um anúncio de serviço público, ressaltando a importância do conhecimento dos direitos básicos em um tom sarcástico.

- Number one: You have the right not to be killed. Murder is a crime! Unless it was done by a policeman



Este verso critica a brutalidade policial e a impunidade, destacando a ironia de que a proteção contra o homicídio não se aplica igualmente a todos.

- Number two: You have the right to food money, providing of course you don't mind a little investigation, humiliation, and if you cross your fingers, rehabilitation

Aborda a questão do direito à assistência social e a dignidade humana, criticando os processos humilhantes muitas vezes associados ao recebimento de ajuda.

- Number three: You have the right to free speech, as long as you're not dumb enough to actually try it

Denuncia a hipocrisia da liberdade de expressão, que é teoricamente garantida, mas frequentemente suprimida na prática.

- Know your rights! These are your rights!

Reforça a necessidade de estar consciente dos próprios direitos como forma de resistência e empoderamento.

Relação com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH):

Artigo 1: Liberdade e Igualdade

A DUDH começa afirmando que "todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos." "Know Your Rights" ressoa com essa premissa, enfatizando a importância de estar consciente dos próprios direitos fundamentais. A música promove a ideia de que todos devem estar informados sobre seus direitos básicos para que possam defendê-los e garantir que sejam respeitados.

Artigo 3: Direito à Vida, Liberdade e Segurança Pessoal

A letra de "Know Your Rights" menciona explicitamente o direito à vida: "You have the right not to be killed. Murder is a crime!" Isso está diretamente relacionado ao Artigo 3 da DUDH, que declara que todos têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. The Clash sublinha a necessidade de que esses direitos sejam reconhecidos e protegidos contra qualquer forma de violação.

Artigo 5: Proibição da Tortura

Embora não seja mencionado diretamente na letra, a ideia de proteção contra a tortura e tratamentos desumanos pode ser inferida do tom geral da música, que critica as injustiças e abusos de poder. A linha "You have the right to free speech. As long as you're



not dumb enough to actually try it" pode ser vista como uma referência às restrições injustas à liberdade de expressão e à repressão, o que pode levar a abusos como a tortura.

Artigo 19: Liberdade de Expressão

A letra também aborda a liberdade de expressão, dizendo: "You have the right to free speech." Isso ecoa o Artigo 19 da DUDH, que afirma que todos têm direito à liberdade de opinião e expressão, incluindo a liberdade de "buscar, receber e difundir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras." The Clash critica a hipocrisia de sociedades que proclamam esses direitos, mas frequentemente os restringem na prática.

Artigo 25: Direito a um Padrão de Vida Adequado

"Know Your Rights" toca na questão da segurança pessoal e condições de vida ao criticar a negligência do Estado em proteger os direitos básicos dos indivíduos. Embora a música não mencione diretamente o direito a um padrão de vida adequado, a crítica subjacente ao tratamento injusto e às condições de vida adversas pode ser relacionada ao Artigo 25, que declara que todos têm direito a um padrão de vida suficiente para garantir saúde e bem-estar.

É uma canção que se destaca pela sua crítica incisiva às injustiças sociais e ao abuso de poder, ao mesmo tempo que enfatiza a importância do conhecimento dos direitos como ferramenta de resistência. Utilizando as referências históricas, políticas e culturais mencionadas, podemos contextualizar a letra e a musicalidade da canção dentro de um quadro teórico mais amplo. Isso permitirá construir uma análise robusta e contextualizada das mensagens transmitidas pela banda, explorando tanto a crítica social quanto a relevância do conhecimento dos direitos na luta contra a opressão.

Serve como uma ferramenta poderosa para explorar temas de direitos humanos e justiça social, bem como a luta dos movimentos sociais e de direitos civis. A música do The Clash oferece uma crítica contundente às falhas do sistema em garantir direitos fundamentais e inspira uma reflexão crítica sobre como esses direitos são aplicados (ou não) na prática. Em uma sala de aula de História, essa música pode ser usada para iniciar discussões sobre direitos humanos, justiça social e os desafios enfrentados pelos movimentos sociais em busca de uma sociedade mais justa e equitativa.

Direitos Humanos e Justiça Social em "Know Your Rights":



A música "Know Your Rights" do The Clash aborda diretamente questões de direitos humanos e justiça social através de sua letra provocativa e crítica. A canção, com seu tom sarcástico e irônico, descreve de maneira crítica os direitos básicos que todos deveriam ter, mas que frequentemente são negados ou ignorados pelas autoridades e pela sociedade.



Layout da capa dos podcasts disponíveis no Spotify



Podcast

Rock de Combate

Rogério

[Seguir](#)

Próximo

ROCK DE COMBATE - Know Your Rights

Rock de Combate

A música do grupo britânico The Clash e sua musicalidade crítica social em tempos turbulentos de Guerra Fria. Esse Podcast e seus 06 Episódios tem como finalidade servir como recurso pedagógico para professores e estudantes de História no Ensino Médio. É resultado do produto final como parte da conclusão do Mestrado Profissional em Ensino de História - ProffHistória...

5 de jan. • 12min 36 s

[+](#)

Todos os episódios



ROCK DE COMBATE - Know Your Rights

Rock de Combate

A música do grupo britânico The Clash e sua musicalidade crítica social em tempos turbulentos de Guerra Fria. Esse Podcast e seus 06 Episódios tem como finalidade servir como recurso pedagógico para professores e estudantes de História no Ensino Médio. É resultado do produto final como parte da conclusão do Mestrado...

5 de jan. • 12min 36 s

[+](#)



ROCK DE COMBATE - Washington Bullets

Rock de Combate

A música do grupo britânico The Clash e sua musicalidade crítica social em tempos turbulentos de Guerra Fria. Esse Podcast e seus 06 Episódios tem como finalidade servir como recurso pedagógico para professores e estudantes de História no Ensino Médio. É resultado do produto final como parte da conclusão do Mestrado...

5 de jan. • 12min 48 s

[+](#)



ROCK DE COMBATE - The Magnificent Seven

Rock de Combate

A música do grupo britânico The Clash e sua musicalidade crítica social em tempos turbulentos de Guerra Fria. Esse Podcast e seus 06 Episódios tem como finalidade servir como recurso pedagógico para professores e estudantes de História no Ensino Médio. É resultado do produto final como parte da conclusão do Mestrado...

5 de jan. • 3min 13 s restante(s)

[+](#)



ROCK DE COMBATE - Spanish Bombs

Rock de Combate

A música do grupo britânico The Clash e sua musicalidade crítica social em tempos turbulentos de Guerra Fria. Esse Podcast e seus 06 Episódios tem como finalidade servir como recurso pedagógico para professores e estudantes de História no Ensino Médio. É resultado do produto final como parte da conclusão do Mestrado...

5 de jan. • Terminado

[+](#)



ROCK DE COMBATE - The Guns of Brixton

Rock de Combate

A música do grupo britânico The Clash e sua musicalidade crítica social em tempos turbulentos de Guerra Fria. Esse Podcast e seus 06 Episódios tem como finalidade servir como recurso pedagógico para professores e estudantes de História no Ensino Médio. É resultado do produto final como parte da conclusão do Mestrado...

5 de jan. • 19min 41 s

[+](#)



ROCK DE COMBATE - London Calling

Rock de Combate

A música do grupo britânico The Clash e sua musicalidade crítica social em tempos turbulentos de Guerra Fria. Esse Podcast e seus 06 Episódios tem como finalidade servir como recurso pedagógico para professores e estudantes de História no Ensino Médio. É resultado do produto final como parte da conclusão do Mestrado...

5 de jan. • 7min 36 s restante(s)

[+](#)

Sobre

A música do grupo britânico The Clash e sua musicalidade crítica social em tempos turbulentos de Guerra Fria.

Esse Podcast e seus 06 Episódios tem como finalidade servir como recurso pedagógico para professores e estudantes de História no Ensino Médio. É resultado do produto final como parte da conclusão do Mestrado Profissional em Ensino de História - ProffHistória - pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU no ano de 2024.

Mestrando: Rogério Medeiros Silva

Orientador: Professor Doutor Newton D'Ângelo

[Mostrar menos](#)

[Sem classificação](#) • [História](#)



2.2 The Last Gang In Town³²

Ressaltamos aqui a obra *The Clash: Return of the Last Gang in Town* de Marcus Gray é um exame abrangente de uma das bandas mais icônicas do punk rock, The Clash. Gray investiga o contexto sociopolítico, a evolução musical e o legado duradouro do The Clash, oferecendo uma análise detalhada que situa a banda no cenário mais amplo da música e política do século XX. Nesta obra o autor, explora as principais ideias e conceitos apresentados por Gray, fornecendo uma perspectiva acadêmica sobre a influência e a importância da banda.

Gray situa o The Clash no ambiente sociopolítico turbulento das décadas de 1970 e 1980. A Grã-Bretanha estava passando por um declínio econômico significativo, altas taxas de desemprego e agitação social. A ascensão da política conservadora sob Margaret Thatcher agravou ainda mais esses problemas, levando a uma insatisfação generalizada entre a classe trabalhadora. Segundo Gray, a música do The Clash foi uma resposta direta a essas condições, incorporando as frustrações e aspirações de uma juventude desiludida (Gray, 2004, p. 58).

As letras da banda frequentemente abordavam temas de justiça social, antifascismo e resistência contra a opressão sistêmica. Canções como "White Riot" e "London Calling" refletem o engajamento da banda com questões políticas contemporâneas e seu desejo de inspirar mudanças. Gray enfatiza que o The Clash não era apenas uma banda, mas um movimento sociopolítico, usando sua plataforma para desafiar o status quo e defender uma sociedade mais justa (Gray, 2004, p. 85).

Gray traça meticulosamente a evolução musical do The Clash, desde seus primórdios no punk rock até suas posteriores experimentações com vários gêneros. O trabalho inicial da banda era caracterizado por sua energia bruta e ethos punk direto, exemplificado em seu álbum de estreia autointitulado. No entanto, à medida que

³² Tradução: A última gangue da cidade. Referência à música do álbum *Give 'Em Enough Rope* (Dê-lhes corda suficiente), de 1978.



progrediam, o The Clash começou a incorporar elementos de *reggae*, *ska*, *rockabilly* e *hip-hop* em sua música, demonstrando uma disposição para inovar e expandir limites.

Álbuns como *London Calling* e *Sandinista!* são particularmente notados por seu ecletismo e ambição. Gray argumenta que essa mistura de gêneros não era apenas uma escolha estilística, mas política, refletindo a crença da banda no multiculturalismo e na solidariedade com povos oprimidos em todo o mundo (Gray, 2004, p. 134). Essa abertura a influências diversas distinguiu o The Clash de seus contemporâneos e contribuiu para seu impacto duradouro na indústria musical.

O legado duradouro do The Clash é um tema central na análise de Gray. Ele discute como a música e a mensagem da banda continuam a ressoar com gerações subsequentes, inspirando inúmeros artistas e ativistas. O compromisso do The Clash com o engajamento político e a justiça social os tornou um ponto de referência para movimentos que defendem mudanças.

Gray também explora as maneiras pelas quais o The Clash foi mitificado ao longo dos anos. Ele reconhece que, embora a história da banda seja frequentemente romantizada, sua influência é inegável. A disposição do The Clash de abordar questões controversas e sua recusa em se conformar às normas da indústria cimentaram seu status como pioneiros do punk rock e defensores da integridade artística (Gray, 2004, p. 178).

Além disso, Gray destaca o papel do The Clash na narrativa mais ampla da evolução do punk rock. Ao transcender as limitações iniciais do gênero e abraçar uma abordagem mais inclusiva e experimental, o The Clash ajudou a expandir as possibilidades da música punk, abrindo caminho para futuras inovações. Seu impacto é evidente no trabalho de inúmeras bandas que se seguiram, que citam o The Clash como uma influência primária em seus próprios empreendimentos musicais e políticos (Gray, 2004, p. 201).

The Clash: Return of the Last Gang in Town de Marcus Gray, fornece uma análise minuciosa e perspicaz do The Clash, capturando a essência de sua contribuição para a música e a cultura. Ao examinar o contexto sociopolítico, a evolução musical e o legado



duradouro da banda, Gray apresenta o The Clash como uma força crucial na história do punk rock e uma poderosa voz em prol da mudança social. Seu trabalho sublinha a importância de entender o The Clash não apenas como músicos, mas como figuras influentes na luta contra a injustiça e a desigualdade.

The Clash, uma banda icônica do punk rock, é conhecida por sua música politicamente carregada e por sua postura aberta contra o fascismo. Suas canções, performances e declarações públicas refletiram consistentemente um ethos antifascista que ressoou com seu público e contribuiu para seu legado duradouro. Este artigo examina o envolvimento do *The Clash* com o antifascismo, explorando como sua música e ações refletiram e influenciaram o sentimento antifascista. Baseando-se na obra de Marcus Gray, *The Clash: Return of the Last Gang in Town*, e outras fontes acadêmicas, pode-se notar um *ethos* através da postura política da banda e seu impacto.

Desde sua criação, *The Clash* se posicionou como uma banda com a missão de desafiar sistemas opressivos e promover justiça social. De acordo com Marcus Gray, as experiências pessoais e os antecedentes dos membros da banda influenciaram significativamente suas visões políticas (Gray, 2004, p. 45). Crescendo na Grã-Bretanha pós-guerra, em meio a dificuldades econômicas e agitação social, eles estavam profundamente conscientes dos perigos das ideologias fascistas.

Joe Strummer, o vocalista da banda, era particularmente vocal sobre suas crenças antifascistas. Suas letras frequentemente abordavam exemplos históricos e contemporâneos de fascismo para fazer pontos mais amplos sobre resistência e solidariedade. A empatia de Strummer pelos oprimidos e seu desprezo pelo autoritarismo tornaram-se temas centrais na música do The Clash (Gray, 2004, p. 47).

Várias canções do The Clash abordam explicitamente temas de antifascismo e resistência. "*White Riot*", um de seus primeiros sucessos, é um chamado à ação contra a injustiça racial e econômica. Gray observa que a música foi inspirada pelos distúrbios do Carnaval de Notting Hill em 1976, onde jovens negros entraram em confronto com a polícia. O chamado de Strummer para um "*white riot*" foi uma declaração controversa,



mas incisiva, incitando os jovens brancos a se juntarem à luta contra a opressão sistêmica (Gray, 2004, p. 52).

Outra faixa significativa, "*Clampdown*", critica as estruturas autoritárias que suprimem as liberdades individuais e impõem a conformidade. As letras, "Let fury have the hour, anger can be power / Do you know that you can use it?", são um chamado direto para resistir e derrubar sistemas opressivos. Esta música encapsula a crença do The Clash no poder da ação coletiva e da resistência (Gray, 2004, p. 110).

Além de sua música, The Clash engajou-se ativamente em ações antifascistas e apoiou várias causas políticas. Eles se envolveram no *Rock Against Racism* (RAR), um movimento que surgiu em resposta ao aumento de grupos de extrema-direita no Reino Unido durante o final dos anos 1970. Gray destaca a importância da performance do The Clash no concerto do RAR em Victoria Park em 1978, que foi assistido por dezenas de milhares e solidificou a reputação da banda como ícones antifascistas (Gray, 2004, p. 160).

O envolvimento do The Clash com o RAR e sua oposição aberta a grupos como a Frente Nacional sublinharam seu compromisso em combater o fascismo tanto no palco quanto fora dele. Sua disposição de usar sua plataforma para defender justiça social e igualdade teve um impacto profundo em seus fãs e na comunidade punk rock mais ampla (Gray, 2004, p. 162).

A postura antifascista do The Clash deixou uma influência duradoura nas gerações subsequentes de músicos e ativistas. Sua música continua a inspirar movimentos antifascistas contemporâneos e permanece uma ferramenta poderosa para expressão política. Gray argumenta que a capacidade do The Clash de misturar música envolvente com mensagens políticas urgentes estabeleceu um padrão de como artistas podem se engajar com questões sociais e políticas (Gray, 2004, p. 200).

Nos tempos contemporâneos, à medida que ideologias fascistas ressurgem em várias partes do mundo, a mensagem do The Clash continua relevante. Suas canções servem como um lembrete da importância da vigilância, resistência e solidariedade diante



da opressão. O apelo duradouro de sua música evidencia a natureza universal e atemporal de sua mensagem antifascista.

O engajamento do *The Clash* com o antifascismo é um aspecto definidor de seu legado. Através de sua música, ações públicas e compromisso inabalável com a justiça social, eles deixaram uma marca indelével na luta contra o fascismo. A análise de Marcus Gray em *The Clash: Return of the Last Gang in Town* destaca o impacto profundo da banda tanto na indústria musical quanto no ativismo político. O legado do The Clash como músicos e ativistas continua a inspirar e ressoar, demonstrando o poder duradouro da música como ferramenta para mudança política e social.

O *The Clash*, marcou a história da música não apenas por sua inovação sonora, mas também por seu comprometimento político e social como dito acima. Sua música serviu como um veículo para comentários contundentes sobre questões como desigualdade, injustiça e autoritarismo. Com o surgimento dos podcasts, uma nova forma de comunicação em massa, a mensagem do Clash ganha uma nova dimensão, encontrando um espaço para continuidade e amplificação. Aqui podemos explorar a influência do Clash nos podcasts, destacando como essa ferramenta moderna se tornou um meio eficaz para o ativismo político e social. Antes foquemos em algumas considerações nos álbuns *Sandinista!* e *London Calling*.

The Clash, uma banda seminal do punk rock, é conhecida por sua música politicamente engajada e por sua profunda influência no gênero. Dois de seus álbuns mais significativos, *London Calling* (1979) e *Sandinista!* (1980), exemplificam seu engajamento com temas políticos e históricos. Esses álbuns não apenas refletem o clima sociopolítico de sua época, mas também oferecem uma crítica às injustiças sistêmicas e defendem mudanças. Este tópico buscou explorar como o The Clash abordou política e história nesses álbuns, utilizando como principal referência a obra de Marcus Gray, *The Clash: Return of the Last Gang in Town*.

London Calling é frequentemente aclamado como uma das obras-primas do The Clash, mesclando punk rock com uma variedade de outros gêneros e abordando uma ampla gama de questões políticas. Segundo Gray, o álbum foi lançado durante um



período de turbulência significativa na Grã-Bretanha, marcado por declínio econômico, aumento do desemprego e desilusão política (Gray, 2004, p. 142).

A faixa-título, "London Calling", serve como um poderoso comentário sobre o estado da nação. Ela faz referência ao acidente nuclear de *Three Mile Island*, ao aumento do nível do mar e aos distúrbios sociais, encapsulando uma sensação de desgraça iminente. As letras, "*London calling to the faraway towns / Now war is declared, and battle come down*", refletem um chamado às armas contra a apatia e um aviso sobre as consequências de ignorar os problemas sociais (Gray, 2004, p. 150).

Outra faixa significativa, "*Clampdown*", critica a exploração capitalista e a supressão da dissidência. As letras da música, "*The men in the factory are old and cunning / You don't owe nothing, so boy get running*", destacam os efeitos desumanizantes do trabalho industrial e a necessidade de resistência (Gray, 2004, p. 158). Através dessas canções, o The Clash articula uma visão de conscientização política e ativismo.

London Calling também explora eventos e figuras históricas para traçar paralelos com questões contemporâneas. "*Spanish Bombs*" reflete sobre a Guerra Civil Espanhola, conectando as lutas antifascistas do passado com a luta contínua contra o autoritarismo. Gray observa que essa faixa destaca a solidariedade do The Clash com movimentos históricos por justiça e seu compromisso em destacar histórias esquecidas ou negligenciadas (Gray, 2004, p. 163).

"*The Right Profile*", inspirado na vida do ator Montgomery Clift, serve como uma crítica à cultura de celebridades e seu impacto nos indivíduos. Esta música, junto com outras do álbum, ilustra a capacidade do The Clash de entrelaçar referências históricas e culturais em sua música, criando um rico tecido de significado que se estende além do contexto político imediato (Gray, 2004, p. 168).

Após o sucesso de London Calling, o The Clash lançou *Sandinista!*, um ambicioso álbum triplo que expandiu ainda mais seus horizontes políticos e musicais. Gray destaca que o título do álbum é uma referência direta ao movimento Sandinista na



Nicarágua, que derrubou a ditadura de Somoza, simbolizando o apoio do The Clash a causas revolucionárias em todo o mundo (Gray, 2004, p. 182).

Faixas como "*Washington Bullets*" abordam explicitamente o imperialismo americano e a intervenção na América Latina. As letras, "*For the very first time ever / When they had a revolution in Nicaragua / There was no interference from America*", criticam a política externa dos EUA e celebram o triunfo dos movimentos de resistência locais (Gray, 2004, p. 185). Esta música encapsula a perspectiva internacionalista do The Clash e sua oposição a estruturas de poder hegemônicas.

Sandinista! também aborda questões de raça, classe e justiça social. "*The Equaliser*" trata da discriminação racial e da brutalidade policial, enquanto "*The Call Up*" critica o militarismo e o recrutamento. Gray observa que essas músicas refletem o compromisso do The Clash em abordar a interconexão de várias formas de opressão e seu impacto em comunidades marginalizadas (Gray, 2004, p. 190).

Além disso, *Sandinista!* mostra a experimentação musical do The Clash, incorporando elementos de reggae, dub e hip-hop. Esta mistura de gêneros não apenas reflete a evolução artística da banda, mas também sua crença na diversidade cultural e na solidariedade. Gray argumenta que a disposição do The Clash em abraçar diferentes estilos musicais é indicativa de seu ethos político mais amplo, que valoriza a inclusividade e a resistência à homogeneização cultural (Gray, 2004, p. 196).

Isto posto, os álbuns *London Calling* e *Sandinista!* do The Clash são obras monumentais que combinam música com discurso político e histórico. Através desses álbuns, o The Clash articulou uma crítica às condições sociopolíticas contemporâneas, fez uso de referências históricas para contextualizar suas mensagens e defendeu a solidariedade e a justiça global. A análise de Marcus Gray em *The Clash: Return of the Last Gang in Town* ressalta o impacto profundo da banda tanto na indústria musical quanto no ativismo político. O legado do The Clash como músicos e ativistas continua a inspirar e ressoar, demonstrando o poder duradouro da música como ferramenta para mudança política e social.



O álbum *Sandinista!* do Clash personifica o conceito de "Radio Combate". Lançado em 1980, este trabalho multifacetado abordou uma ampla gama de questões políticas e sociais globais. Músicas como "*The Call Up*" e "*Washington Bullets*" trouxeram à tona temas como militarismo e imperialismo, provocando uma reflexão crítica sobre as políticas governamentais (Gray, 2004, p. 105). *Sandinista!* foi mais do que um álbum; foi uma ferramenta educacional disfarçada de entretenimento, destinada a despertar a consciência política de seus ouvintes.

A música punk sempre foi um reflexo dos tempos turbulentos e das questões sociais e políticas enfrentadas pela sociedade. No Brasil, a influência do The Clash, uma das bandas mais proeminentes do movimento punk, foi significativa não apenas musicalmente, mas também no ativismo político e social que inspirou. Este artigo explora como o The Clash deixou sua marca indelével no cenário punk brasileiro, abordando temas críticos, políticos e sociais em meio ao contexto histórico e cultural do país.

O surgimento do punk no Brasil ocorreu em um momento de intensa repressão política e social durante a ditadura militar (1964-1985). O movimento punk foi uma forma de resistência contra o regime autoritário, dando voz à juventude marginalizada e contestando as normas estabelecidas. Bandas como a Cólera, Olho Seco e Ratos de Porão foram pioneiras no cenário punk brasileiro, abordando temas como desigualdade, violência policial e alienação social em suas letras.

O The Clash teve uma influência seminal no punk brasileiro, tanto musicalmente quanto ideologicamente. Suas letras confrontacionais e seu ativismo político ressoaram profundamente entre os jovens brasileiros que buscavam expressar sua raiva e frustração em meio à opressão do regime militar. O álbum "*London Calling*" do The Clash, lançado em 1979, foi particularmente influente, abordando questões como desemprego, racismo e alienação urbana, que ecoaram as realidades vividas pelos jovens brasileiros na época.

Assim como o The Clash, as bandas *punk* brasileiras utilizavam suas músicas como uma forma de protesto e conscientização. Letras diretas e agressivas confrontavam a realidade brutal da ditadura militar, denunciando violações de direitos humanos e expondo a corrupção do regime. Músicas como "*Subúrbio Operário*" da banda Garotos



Podres³³ e "Pela Paz" da banda Cólera³⁴ se tornaram hinos para uma geração de jovens que se recusavam a se calar diante da opressão, da pobreza e da falta de oportunidades.

O legado do The Clash no punk brasileiro é evidente na persistência dos temas e ideais que eles defenderam. Mesmo após o fim da ditadura militar, as bandas *punk* continuaram a usar sua música como uma ferramenta de resistência e luta por justiça social. O ativismo político e social do The Clash inspirou uma geração de músicos brasileiros a levantar suas vozes contra a injustiça e a opressão, deixando um legado duradouro na história da música brasileira. O The Clash deixou uma marca indelével no punk brasileiro, não apenas por sua música, mas também por seu ativismo político e social. Em um contexto de repressão e opressão, suas letras desafiadoras e sua postura contestadora ressoaram entre os jovens brasileiros que buscavam uma saída para a injustiça e a desigualdade. O legado do The Clash vive através das bandas punk brasileiras que continuam a usar sua música como uma forma de protesto e resistência, mantendo viva a chama da luta por justiça social.

A influência do The Clash na música brasileira da década de 1980 é inegável, especialmente dentro do cenário punk e rock alternativo, onde diversas bandas adotaram o estilo sonoro e a atitude política do grupo britânico. Bandas como Inocentes e Garotos Podres foram profundamente influenciadas pelo The Clash, tanto na crítica social incisiva quanto na postura combativa que adaptaram ao contexto brasileiro, marcado pela repressão e pelas desigualdades sociais. O Inocentes³⁵, por exemplo, ecoou a abordagem

³³ Os Garotos Podres, formados em 1982 em Mauá, São Paulo, também são uma banda fundamental na história do punk rock brasileiro. Conhecidos por suas letras irônicas e satíricas, que frequentemente criticam a política e a sociedade, a banda se tornou popular com canções como "Johnny" e "Papai Noel Velho Batuta". Sua postura irreverente e contestadora consolidou os Garotos Podres como uma das vozes mais representativas do punk no Brasil.

³⁴ Fundada em 1979, em São Paulo, a banda Cólera é uma das mais importantes do punk rock brasileiro. Com letras que abordam temas políticos, sociais e ecológicos, a banda se destacou por sua postura engajada e sua influência na cena punk nacional. Seu álbum "Pela Paz em Todo Mundo" é considerado um clássico do punk brasileiro e reflete a visão de mundo crítica e pacifista do grupo.

³⁵ Inocentes: Banda formada em 1981, em São Paulo, é uma das pioneiras do punk rock brasileiro. Seus membros, inicialmente envolvidos com o movimento punk da periferia paulistana, utilizaram a música como um meio de crítica social e resistência, abordando temas como a violência urbana, a desigualdade social e a repressão política.



do The Clash ao utilizar o punk como uma ferramenta de resistência e crítica ao status quo, abordando questões relevantes ao público brasileiro.

Um exemplo claro dessa influência é a banda Camisa de Vênus³⁶, que chegou a fazer uma adaptação da música "Complete Control" do The Clash, transformando-a em "Controle Total". Essa adaptação é uma prova concreta de como o legado do The Clash foi absorvido e ressignificado no Brasil, com letras que falavam diretamente aos jovens brasileiros, lidando com a censura e a opressão no contexto da ditadura militar. Além disso, outras bandas como o Cólera também adotaram o espírito de contestação e a atitude ativista do The Clash, fazendo do punk uma plataforma para expressar a revolta da juventude e denunciar as injustiças sociais. Mesmo sem adaptações diretas, o ethos dessas bandas estava profundamente conectado à energia e à mensagem do The Clash, demonstrando o impacto duradouro da banda britânica no cenário musical brasileiro.

A música tem o poder de transcender fronteiras e atuar como uma poderosa ferramenta de engajamento social. Tanto no cenário internacional quanto no contexto brasileiro, artistas têm usado suas vozes para abordar questões sociais, políticas e culturais. Neste sentido, o The Clash, uma das bandas mais influentes do punk rock britânico, e Gilberto Gil, com sua "Música Punk da Periferia", são exemplos emblemáticos de como diferentes contextos culturais podem convergir na utilização da música como forma de resistência e conscientização. O The Clash, com suas letras incisivas e politicamente carregadas, desafiou o status quo da sociedade ocidental, enquanto Gil, ao adotar elementos da cultura punk, trouxe uma nova perspectiva de engajamento social para a música brasileira, abordando as lutas e as adversidades enfrentadas pelas comunidades periféricas. Esta análise busca comparar e contrastar o impacto e a relevância do engajamento social na obra desses dois gigantes da música,

³⁶ Camisa de Vênus: Banda de rock formada em 1980, em Salvador, conhecida por suas letras irreverentes e provocativas. Com forte influência do punk rock britânico, especialmente do The Clash, o Camisa de Vênus ganhou notoriedade no cenário musical brasileiro por sua postura rebelde e críticas sociais, adaptando músicas como "Complete Control" em sua versão "Controle Total".



evidenciando como suas produções artísticas refletem e influenciam os contextos sociais nos quais estão inseridas.

Já foi dito aqui que o The Clash foi uma banda britânica de punk rock formada em Londres no final da década de 1970. Conhecidos por suas letras provocativas e politicamente carregadas, o The Clash emergiu como uma voz poderosa contra injustiças sociais e políticas. Músicas como "London Calling" e "White Riot" abordavam temas como desemprego, desigualdade social e conflitos raciais, refletindo as tensões e preocupações da classe trabalhadora britânica na época. Além de suas letras, o The Clash também se engajou em atividades políticas, apoiando movimentos de esquerda e causas sociais.

Gilberto Gil, por sua vez, é um renomado músico brasileiro, conhecido por sua contribuição para a Tropicália e sua exploração de uma ampla gama de gêneros musicais, incluindo o rock, reggae e música eletrônica. Em sua obra, Gil incorporou temas sociais e políticos, oferecendo comentários sobre a condição humana e a realidade brasileira. Sua música "Punk da Periferia" é uma expressão de sua conexão com as comunidades marginalizadas e suas lutas diárias. Músicas como "Cérebro Eletrônico" e "Expresso 2222" também refletem as tensões e contradições de uma sociedade em transformação, abordando questões como urbanização, identidade cultural e desigualdade econômica.

Embora o The Clash e Gilberto Gil venham de contextos culturais distintos, ambos compartilham um compromisso com a música como forma de engajamento social. Enquanto o The Clash adotava uma postura mais direta e agressiva em suas letras e performances, expressando raiva e indignação diante das injustiças sociais, Gilberto Gil optava por uma abordagem mais sutil e poética, usando metáforas e simbolismos para transmitir suas mensagens. No entanto, ambos os artistas conseguiram capturar a essência de suas respectivas realidades sociais e políticas, proporcionando uma voz para os marginalizados e desfavorecidos.

O legado do The Clash e de Gilberto Gil como agentes de mudança social e cultural continua a ressoar até os dias de hoje. Suas músicas, com suas letras provocativas e engajadas, continuam a inspirar novas gerações de músicos e ativistas, lembrando-nos



da importância da música como ferramenta de expressão e mobilização social. Em um mundo cada vez mais complexo e desafiador, a música permanece como uma voz poderosa em meio ao caos, oferecendo esperança e inspiração para aqueles que buscam um mundo mais justo e igualitário.

O engajamento social na música, exemplificado pelo trabalho do The Clash e de Gilberto Gil, é um lembrete poderoso do potencial transformador da arte. Ao expressar preocupações sociais e políticas através de suas composições, esses artistas deram voz aos marginalizados e incentivaram a conscientização e a ação. Seu legado continua a inspirar e influenciar, destacando a importância contínua da música como uma força para o bem social.

Para compreender as transformações e os desafios do ensino de História no Brasil, é essencial integrar as discussões críticas sobre o Novo Ensino Médio com as práticas pedagógicas inovadoras, como o uso da música na sala de aula. A reforma do Ensino Médio tem sido criticada por seus impactos negativos nas disciplinas de Ciências Humanas, especialmente na História, evidenciando a precarização da formação, a diminuição da carga horária e a dualidade entre formação técnica para trabalhadores e uma educação integral para as elites. Essas críticas apontam para a necessidade de metodologias de ensino que engajem os estudantes e promovam uma compreensão crítica da realidade histórica e social.

Por fim, se a história é reveladora ou desveladora de um mundo no qual fazemos parte, e nele fazemos escolhas de forma passiva ou combativa. É a partir do uso de letras e audições de músicas, bem como da análise de letras e melodias do *The Clash*, que em ambas as situações buscará instigar a curiosidade e a empatia entre os estudantes e educadores envolvidos, no principal objetivo desse trabalho, que é a sequência dos seis *podcasts* que foram produzidos para a conclusão desse Mestrado Profissional em Ensino de História.



Capítulo 3: This Is Radio Clash³⁷

Neste capítulo, aprofundaremos a análise dos elementos que sustentam o propósito desta pesquisa, focando nas implicações práticas e pedagógicas do uso da música como ferramenta didática. A intenção de produzir uma sequência de *podcasts* como produto final será abordada em detalhes, destacando sua relevância para a compreensão da estética musical e lírica do *The Clash*. Por meio dessa análise, buscaremos ilustrar como a obra da banda pode ser abordada em sala de aula para promover discussões críticas e engajamento dos alunos, sempre fundamentados em autores amplamente reconhecidos na literatura acadêmica. Ao longo do texto, exemplificaremos boas práticas educativas que utilizam a música como ponto de partida para o ensino de História e outras disciplinas afins, evidenciando o potencial da música como uma ponte entre o conteúdo acadêmico e a vivência dos estudantes.

O *The Clash* marcou a história da música não apenas por sua inovação sonora, mas também por seu comprometimento político e social como dito acima. Sua música serviu como um veículo para comentários contundentes sobre questões como desigualdade, injustiça e autoritarismo. Com o surgimento dos podcasts, uma nova forma de comunicação em massa, a mensagem do *The Clash* ganha uma nova dimensão, encontrando um espaço para continuidade e amplificação. Aqui podemos explorar a influência do *The Clash* nos *podcasts*, destacando como essa ferramenta moderna se tornou um meio eficaz para o ativismo político e social. Antes foquemos em algumas considerações nos álbuns *Sandinista!* e *London Calling*.



The classic Clash line-up, 1978: Mick Jones, Joe Strummer, Paul Simonon, Topper Headon (Sheila Rock/Rex)

³⁷ Tradução: Esta é a Rádio Clash. Referência à música do *single* de mesmo nome, de 1981.



Com o advento dos podcasts, o legado do Clash como veículo de mudança social encontra uma nova expressão. Podcasts como "Pod Save the People" e "Democracy Now!" seguem o exemplo do Clash, usando a narrativa para mobilizar a ação política. Ao oferecer análises aprofundadas e perspectivas diversas sobre questões contemporâneas, esses podcasts inspiram os ouvintes a se engajarem ativamente na luta por justiça social (Gray, 2004, p. 200).

A influência do Clash nos podcasts é evidente não apenas nos temas abordados, mas também na abordagem de seus apresentadores. Programas como "Rebel Radio" exploram o papel da música como uma ferramenta de resistência e mudança social, ecoando o ethos do Clash (Gray, 2004, p. 200). Além disso, os podcasts oferecem uma oportunidade única para explorar o legado histórico do Clash e sua relevância nos dias de hoje. Episódios dedicados a álbuns como *London Calling* e *Sandinista!* proporcionam uma análise profunda das questões políticas e sociais abordadas pelo Clash, conectando o passado ao presente de maneira significativa.

O Clash deixou um legado duradouro não apenas na música, mas também no ativismo político e social. Com o surgimento dos podcasts, essa mensagem continua a ecoar, encontrando uma nova geração de ouvintes ávidos por mudança. Ao combinar música, política e tecnologia, o Clash exemplificou o poder transformador da arte. À medida que os podcasts se tornam cada vez mais populares como uma forma de comunicação em massa, é importante reconhecer e valorizar o papel do Clash na evolução desse meio. O trabalho de Marcus Gray em *The Clash: Return of the Last Gang in Town* oferece uma visão aprofundada do impacto duradouro do Clash, destacando sua importância contínua na era digital.

O The Clash, como uma banda seminal de rock inglesa formada em 1976, transcendeu os limites da música, tornando-se um emblema de comentário social, ativismo político e inovação estilística. Sua fusão de *punk rock* com *reggae*, *ska*, *dub* e *rockabilly*, juntamente com suas letras politicamente carregadas, desafiou o status quo e ressoou com uma geração desiludida pelas desigualdades sociais e agitação política. Este artigo explora o potencial da utilização de podcasts em aulas de história do ensino médio



para aprofundar o conceito musical e estético do The Clash, fomentando o pensamento crítico, a consciência histórica e a apreciação cultural entre os alunos.

A música do The Clash não era apenas uma experiência sonora; era um reflexo do clima sociopolítico do final do século XX. Suas canções abordavam questões como desemprego, desigualdade racial, brutalidade policial e imperialismo, muitas vezes através de uma lente de raiva justa e rebeldia. Musicalmente, eles desafiaram as convenções de gênero, incorporando diversas influências em seu som. Ritmos de reggae, metais ska e rockabilly coexistiam com a energia crua do punk rock, criando uma identidade sonora única que desafiava a categorização.

Esteticamente, o The Clash abraçou um ethos DIY³⁸, refletido em suas capas de álbuns, roupas e presença de palco. Eles rejeitaram o brilho e o glamour do rock *mainstream*, optando por um visual mais autêntico e sem polimento. Essa estética ressoou com sua base de fãs da classe trabalhadora, que viam no The Clash uma banda que falava sobre suas experiências e frustrações.

Os podcasts surgiram como uma poderosa ferramenta educacional, oferecendo uma maneira flexível e envolvente para os alunos acessarem informações e explorarem tópicos complexos. No contexto das aulas de história do ensino médio, os podcasts podem fornecer uma plataforma única para aprofundar o conceito musical e estético do The Clash, complementando os métodos tradicionais de ensino e promovendo uma compreensão mais profunda do significado histórico e cultural da banda.

Os podcasts podem ser usados para:

³⁸ O termo "DIY" (Do It Yourself), que significa "faça você mesmo", é um dos princípios fundamentais do movimento punk. Dentro desse contexto, o DIY representa a rejeição à dependência de grandes corporações e instituições para a produção e distribuição de música, arte e cultura. A filosofia DIY encoraja a autonomia e a autossuficiência, promovendo a ideia de que qualquer pessoa pode criar e divulgar seu próprio trabalho, seja música, fanzines, roupas ou qualquer outra forma de expressão artística, sem precisar de intermediários. Essa abordagem não apenas empodera os indivíduos, mas também fortalece a comunidade punk, valorizando a colaboração e o apoio mútuo.



- I- Analisar as letras do The Clash: Através de leituras e discussões aprofundadas de suas letras, os alunos podem explorar o comentário político e social da banda, conectando sua música a eventos e movimentos históricos.
- II- Examinar as influências musicais do The Clash: Ao ouvir e analisar os diversos gêneros musicais que influenciaram o The Clash, os alunos podem desenvolver uma apreciação mais profunda pelo som eclético da banda e sua importância cultural.
- III- Explorar a estética e a identidade visual do The Clash: Através da análise visual de capas de álbuns, fotografias e vídeos, os alunos podem obter insights sobre o ethos DIY da banda e sua rejeição à estética do rock mainstream.
- IV- Conectar a música do The Clash a contextos históricos e culturais mais amplos: Ao situar o The Clash no contexto mais amplo do movimento punk rock e do clima sociopolítico do final do século XX, os alunos podem entender o impacto da banda na música, moda e cultura jovem.
- V- Criar seus próprios podcasts: Ao produzir seus próprios podcasts sobre o The Clash ou tópicos relacionados, os estudantes podem desenvolver habilidades de pesquisa, escrita e comunicação, enquanto se envolvem criativamente com o material.

Ao nosso ver, seria importante buscar respaldo em autores consagrados para a academia a fim de retomar e concluir, ainda que de forma inconclusa, os desafios da diversificação nas aulas se utilizando de mecanismos tecnológicos como já sugerido nessa pesquisa aprofundando e problematizando um pouco mais nos conceitos do Novo Ensino Médio, ponderando sobre as expectativas determinadas na Base Comum Curricular (BNCC) e delineada pelas chamadas Metodologias Ativas, prática arcabouço como parâmetro do desenvolvimento pedagógico do professor ao utilizar recursos tecnológicos em sala de aula.



3.1 The Call Up³⁹

A educação contemporânea se transforma com as novas tecnologias, e o podcast emerge como uma ferramenta inovadora e versátil, alinhada às metodologias ativas e às diretrizes educacionais brasileiras, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio. Moran (2015) destaca a importância da integração de tecnologias digitais na educação, proporcionando novas formas de acesso ao conhecimento e de interação entre professores e alunos. O podcast, com sua flexibilidade e acessibilidade, permite que os alunos aprendam em qualquer lugar e a qualquer momento, revisando conteúdos e aprimorando a escuta ativa e a reflexão crítica (Ribeiro, 2018). Essa ferramenta pode ser utilizada para explorar diversos períodos e eventos históricos, facilitando a compreensão e contextualização dos conteúdos (Silva, 2020). Segundo Ribeiro:

Ao integrar o podcast em suas práticas pedagógicas, os educadores promovem uma aprendizagem mais significativa e envolvente, alinhada às necessidades dos estudantes do século XXI. A BNCC enfatiza competências como o pensamento crítico, a comunicação e a resolução de problemas, que podem ser apoiadas pelos podcasts ao proporcionar conteúdos que desafiam os alunos a analisar, refletir e debater temas históricos (Brasil, 2017). No contexto do Novo Ensino Médio, os podcasts desempenham um papel crucial na diversificação das práticas pedagógicas, oferecendo conteúdos que complementam o currículo e estimulam o interesse dos alunos (Silva, 2020). A utilização de podcasts no ensino de História contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades previstas na BNCC, como a capacidade de análise crítica de fontes históricas, a habilidade de argumentação fundamentada e a competência comunicativa.⁴⁰

Relatos de escolas que implementaram o uso de podcasts nas aulas de História mostram um aumento no engajamento dos alunos, na participação ativa e na compreensão dos conteúdos históricos (Silva, 2020). No entanto, a implementação de podcasts no ambiente escolar requer planejamento e recursos adequados, como microfones de boa

³⁹ Tradução: O Chamado. Referência à música do álbum Sandinista! de 1980.

⁴⁰ RIBEIRO, 2018



qualidade, softwares de edição de áudio e plataformas de hospedagem (Garcia, 2016). A formação continuada dos professores e o engajamento dos alunos na criação dos conteúdos são fundamentais para o sucesso da implementação (Ribeiro, 2018).

Desafios como a resistência à mudança, a falta de infraestrutura tecnológica e a desigualdade de acesso podem ser enfrentados com planejamento adequado, políticas de inclusão digital e apoio institucional (Valente, 2013). Em suma, os podcasts representam uma metodologia ativa poderosa, capaz de enriquecer o ensino de História e de alinhar-se às diretrizes da BNCC e do Novo Ensino Médio, promovendo uma aprendizagem mais significativa, envolvente e alinhada às necessidades e expectativas dos estudantes do século XXI. A utilização dessa ferramenta inovadora abre um leque de possibilidades para a educação, proporcionando aos alunos uma experiência de aprendizado dinâmica e engajadora, e aos professores, um recurso valioso para diversificar suas práticas pedagógicas e alcançar resultados mais efetivos.

A era digital revolucionou a maneira como aprendemos e ensinamos, e os podcasts emergem como uma ferramenta educacional promissora nesse cenário. As obras "Podcasts na Educação: Inovação e Práticas Pedagógicas" de Ana Maria Ribeiro (2018) e "O uso de podcasts na educação: reflexões e práticas" de Maria Clara Silva (2020) oferecem reflexões e práticas valiosas sobre o potencial transformador dos podcasts na educação, especialmente no ensino de História no Ensino Médio. Este artigo analisa criticamente ambas as obras, explorando os benefícios, desafios e perspectivas futuras do uso de podcasts na educação.

Ribeiro (2018) contextualiza o surgimento e a popularização dos podcasts como uma forma de mídia digital acessível e versátil, destacando seu potencial para a disseminação de conhecimento, entretenimento e informação em diversos campos, incluindo a educação. A autora argumenta que os podcasts podem promover uma aprendizagem mais ativa e significativa, explorando diferentes formas de utilização no contexto educacional, desde a criação de conteúdos próprios pelos professores até a integração de podcasts existentes em atividades de sala de aula.

Segundo Ribeiro (2018) os benefícios do uso de podcasts na educação, são diversos. Em suas palavras

A flexibilidade de acesso ao conteúdo permite que os alunos aprendam em seu próprio ritmo e tempo, enquanto a personalização do aprendizado



possibilita a adaptação do conteúdo às necessidades individuais dos alunos. Além disso, os podcasts promovem a autonomia e o protagonismo dos estudantes em sua própria aprendizagem, estimulando a criatividade, o pensamento crítico e a comunicação oral e escrita. Os podcasts oferecem uma plataforma para que os alunos expressem suas ideias e opiniões de forma colaborativa, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades essenciais para o século XXI.⁴¹

Silva (2020) aprofunda a discussão sobre o uso de podcasts na educação, destacando sua versatilidade para envolver os alunos de forma auditiva e estimular a imaginação. A autora enfatiza a importância de desenvolver conteúdos de qualidade e adaptados ao público-alvo, garantindo que os podcasts sejam educativos e relevantes. No contexto do ensino de História no Ensino Médio, Silva sugere diversas práticas recomendadas, como a produção de conteúdo específico sobre temas do currículo, a realização de entrevistas e debates, a integração com outras mídias e o estímulo à reflexão crítica. Essas práticas podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, tornando as aulas mais dinâmicas e engajadoras para os alunos.

Apesar dos benefícios evidentes, o uso de podcasts na educação também apresenta desafios. Ribeiro (2018) reconhece a necessidade de investimento em capacitação profissional, infraestrutura adequada e políticas educacionais que incentivem a inovação pedagógica. Além disso, é preciso garantir que os podcasts sejam acessíveis a todos os alunos, independentemente de suas condições socioeconômicas e de acesso à tecnologia. Silva (2020) complementa essa discussão, enfatizando a importância de criar conteúdos de qualidade e relevantes para o público-alvo, além de explorar as diversas formas de integrar os podcasts com outras mídias e atividades em sala de aula.

Superados os desafios, o futuro dos podcasts na educação é promissor. Com o avanço da tecnologia e a crescente popularidade dos podcasts, é esperado que essa ferramenta se torne cada vez mais presente nas salas de aula, contribuindo para uma educação mais inclusiva, participativa e centrada no aluno. A integração eficaz de podcasts nas aulas, especialmente no ensino de História no Ensino Médio, pode

⁴¹ RIBEIRO, 2018



enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, estimular o pensamento crítico e a criatividade dos alunos, e prepará-los para os desafios do mundo contemporâneo.

Em suma, as obras de Ana Maria Ribeiro (2018) e Maria Clara Silva (2020) oferecem um panorama abrangente sobre o potencial transformador dos podcasts na educação. Ao explorar os benefícios, desafios e práticas recomendadas para o uso de podcasts, as autoras contribuem para o debate sobre a inovação pedagógica e a integração das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem. Os podcasts, como uma ferramenta versátil e poderosa, podem enriquecer o ensino, tornando-o mais dinâmico, engajador e significativo para os alunos, preparando-os para os desafios do século XXI.

Tomando como base a aplicação das metodologias ativas na educação, base na obra organizada por Lilian Bacich e José Moran "Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática". A discussão foca na importância dessas metodologias para promover uma aprendizagem significativa e envolvente, destacando exemplos práticos e evidências teóricas. Este estudo também examina como essas abordagens podem ser integradas ao currículo escolar para atender às demandas da educação contemporânea.

Segundo Bacich e Moran:

Os alunos são estimulados a adotar uma nova postura, mais proativa, em que tenham ciência de que seu conhecimento será oriundo de sua própria dedicação, de seu esforço e da colaboração com os demais participantes do processo (gestores, professores, outros alunos e sociedade). Ativamente, os alunos identificam a necessidade da gestão do tempo e, conseqüentemente, de prepararem as leituras, assistirem aos vídeos, participarem dos fóruns organizados, ou seja, necessitam de organização prévia para que a aula ocorra, uma aula ativa, dialógica, prática, colaborativa e, essencialmente, significativa.

As metodologias ativas colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem, desafiando o paradigma tradicional onde o professor é a principal fonte de conhecimento. Segundo Bacich e Moran, essas metodologias incluem estratégias como a sala de aula invertida, aprendizagem baseada em projetos (ABP), aprendizagem colaborativa, criação



de jogos, entre outras. Essas abordagens incentivam a participação ativa dos alunos, promovendo a autonomia e a responsabilidade pelo próprio aprendizado. Sobre a sala de aula invertida, José Armando Valente afirma:

Na abordagem da sala de aula invertida, o conteúdo e as instruções recebidas são estudados on-line, antes de o aluno frequentar a aula, usando as TDIC⁴², mais especificamente, os ambientes virtuais de aprendizagem. A sala de aula torna-se o lugar de trabalhar os conteúdos já estudados, realizando atividades práticas como resolução de problemas e projetos, discussão em grupo e laboratórios. No entanto, o fato de as atividades que o estudante realiza on-line poderem ser registradas no ambiente virtual de aprendizagem cria a oportunidade para o professor fazer um diagnóstico preciso do que o aprendiz foi capaz de realizar, as dificuldades encontradas, seus interesses e as estratégias de aprendizagem utilizadas. Com base nessas informações, o professor, juntamente com o aluno, pode sugerir atividades e criar situações de aprendizagem totalmente personalizadas.⁴³

Sobre projetos, ainda segundo os autores:

É uma metodologia de aprendizagem em que os alunos se envolvem com tarefas e desafios para resolver um problema ou desenvolver um projeto que tenha ligação com a sua vida fora da sala de aula. No processo, eles lidam com questões interdisciplinares, tomam decisões e agem sozinhos e em equipe. Por meio dos projetos, são trabalhadas também suas habilidades de pensamento crítico e criativo e a percepção de que existem várias maneiras de se realizar uma tarefa, competências tidas como necessárias para o século XXI. Os alunos são avaliados de acordo com o desempenho durante as atividades e na entrega dos projetos.⁴⁴

⁴² TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) referem-se ao conjunto de ferramentas tecnológicas e plataformas digitais utilizadas para criar, compartilhar, armazenar e disseminar informações e conteúdos. Estas tecnologias abrangem uma variedade de dispositivos e aplicações, como computadores, smartphones, internet, redes sociais, softwares educacionais, entre outros, e desempenham um papel fundamental na transformação dos processos educativos, sociais e econômicos.

⁴³ VALENTE In: BACICH et al., 2018.

⁴⁴ MORAN, 2018.



A implementação das metodologias ativas requer uma mudança significativa na cultura escolar e nas práticas pedagógicas. Os autores ressaltam a importância da formação continuada dos professores, a adaptação dos espaços físicos e o uso de tecnologias que facilitem o aprendizado ativo. Para que as metodologias ativas sejam eficazes, é fundamental que os professores estejam preparados para atuar como facilitadores do aprendizado. Isso envolve não apenas o conhecimento das técnicas pedagógicas, mas também uma mudança de postura e a disposição para experimentar e inovar. Bacich destaca que "a formação continuada dos educadores é essencial para a transição bem-sucedida para práticas pedagógicas ativas"

Os espaços de aprendizagem devem ser adaptados para apoiar as atividades colaborativas e práticas. Marta de Oliveira Gonçalves Valdir Silva, no mesmo livro de Bacich e Moran sugere a criação de ambientes flexíveis, com móveis e tecnologia de apoio, que incentivem a interação e a participação ativa dos alunos.

O ambiente físico das salas de aula e da escola como um todo também precisa ser redesenhado dentro desta nova concepção mais ativa, mais centrada no aluno. As salas de aula podem ser mais multifuncionais, que combinem facilmente atividades de grupo, de plenário e individuais. Os ambientes precisam estar conectados em redes sem fio, para uso de tecnologias móveis, o que implica ter uma banda larga que suporte conexões simultâneas necessárias.⁴⁵

A tecnologia desempenha um papel crucial na implementação das metodologias ativas, facilitando o acesso a recursos educacionais e permitindo novas formas de interação e colaboração. Ferramentas como plataformas de aprendizagem online, aplicativos educacionais e recursos multimídia podem enriquecer o processo educativo. Como afirma Jordana Thadei, no mesmo livro de Bacich e Moran:

As mudanças, não só tecnológicas, mas também aquelas influenciadas pelas constantes renovações na tecnologia que ocorrem na sociedade, impõem a necessidade de transformação dos modelos cristalizados de escola e das formas tradicionais de ensinar, lançando novos desafios ao professor e à

⁴⁵ SILVA In: BACICH et al., 2018.



mediação realizada por ele. Assim, podemos dizer que a ideia de mediação permanece no modo beta (em constante construção). A cada dia, novas ações do professor podem integrar a mediação, conforme as mudanças sociais ocorridas, o que nos indica a inexistência de uma única forma de mediar e de uma fórmula para fazê-lo.⁴⁶

Os benefícios das metodologias ativas são amplamente documentados na literatura educacional. Bacich e Moran destacam que essas abordagens promovem um aprendizado mais profundo e significativo, aumentam o engajamento dos alunos e desenvolvem habilidades essenciais para o século XXI, como o pensamento crítico e a colaboração. As metodologias ativas envolvem os alunos de maneira mais profunda, permitindo que eles compreendam os conceitos de forma integrada e contextualizada. Isso leva a um aprendizado mais significativo, onde os alunos não apenas memorizam informações, mas as aplicam em situações reais.

Ao colocar os alunos no centro do processo de aprendizagem e envolvê-los ativamente nas atividades, as metodologias ativas aumentam o engajamento e a motivação. Os estudantes se sentem mais responsáveis pelo seu próprio aprendizado e mais interessados nos conteúdos estudados.

As metodologias ativas têm demonstrado um impacto significativo no engajamento dos alunos, ao promover uma participação mais intensa e significativa no processo de aprendizagem. Diferente dos métodos tradicionais, onde os estudantes assumem um papel passivo, as metodologias ativas colocam os alunos no centro do processo educativo, incentivando-os a se tornarem protagonistas de sua própria aprendizagem. Através de atividades como projetos colaborativos, estudos de caso, debates, e simulações, os estudantes são desafiados a aplicar conhecimentos, resolver problemas e trabalhar em equipe, o que não só reforça o entendimento dos conteúdos, mas também aumenta a motivação e o interesse pelo aprendizado. Este tipo de abordagem cria um ambiente de sala de aula mais dinâmico e interativo, onde os alunos sentem-se mais responsáveis pelo seu progresso e mais conectados com os temas estudados. Como resultado, o engajamento dos alunos tende a ser mais

⁴⁶ THADEI In: BACICH et al., 2018.



profundo e duradouro, promovendo uma aprendizagem mais significativa e preparando-os melhor para enfrentar desafios futuros tanto acadêmicos quanto profissionais.

As metodologias ativas desenvolvem habilidades essenciais para o século XXI, como o pensamento crítico, ao engajar os estudantes em processos de aprendizagem mais participativos e dinâmicos. Em contraste com as abordagens tradicionais de ensino, que muitas vezes se concentram na transmissão unidirecional de informações, as metodologias ativas incentivam os alunos a questionar, analisar e refletir sobre os conteúdos estudados. Essas práticas incluem atividades como estudos de caso, projetos colaborativos, debates, e a resolução de problemas reais, proporcionando aos alunos oportunidades de aplicar o conhecimento teórico em contextos práticos. Esse tipo de abordagem não apenas enriquece a compreensão dos conceitos, mas também estimula os alunos a desenvolverem uma postura investigativa e a capacidade de tomar decisões informadas e fundamentadas. Dessa forma, as metodologias ativas preparam os estudantes para enfrentarem os desafios complexos e dinâmicos do mundo contemporâneo, equipando-os com habilidades críticas que são altamente valorizadas em diversos campos profissionais e sociais.

Embora os benefícios das metodologias ativas sejam claros, sua implementação pode enfrentar vários desafios. Entre eles estão a resistência à mudança, a falta de recursos e a necessidade de capacitação contínua dos professores. Nesse sentido, Ivaneide Dantas da Silva e Elizabeth dos Reis Sanada discutem possíveis soluções para esses desafios, enfatizando a importância de um planejamento cuidadoso e de uma abordagem. A resistência à mudança é um dos maiores obstáculos à implementação das metodologias ativas. Os autores sugerem que uma comunicação clara sobre os benefícios e um suporte contínuo aos professores e alunos podem ajudar a superar essa resistência:

Essas inseguranças e resistências vão sendo desconstruídas paulatinamente, a partir do diálogo e do próprio processo de avaliação e autoavaliação, à medida que os alunos constatarem o que aprenderam ao longo do curso. Os professores também se aperfeiçoam nesse processo, buscando maneiras alternativas à aula



expositiva para consolidar os conhecimentos dos alunos e fugindo do engodo de se deixar tomar pela demanda dos alunos e se colocar no lugar de detentor absoluto do saber.⁴⁷

A falta de recursos pode representar um grande obstáculo à implementação eficaz das metodologias ativas no ambiente educacional. Essas abordagens pedagógicas muitas vezes exigem materiais didáticos específicos, tecnologias modernas, espaços físicos adequados e, principalmente, formação contínua dos professores. Em contextos onde há escassez de recursos financeiros e infraestrutura inadequada, a aplicação dessas metodologias pode ser comprometida, limitando a capacidade dos educadores de envolver os alunos de maneira ativa e dinâmica. A ausência de ferramentas tecnológicas, como computadores, acesso à internet e softwares educacionais, dificulta a realização de atividades interativas e colaborativas, essenciais para essas metodologias. Além disso, sem a devida capacitação dos professores, a transição para metodologias ativas pode se tornar ainda mais desafiadora, uma vez que estes profissionais podem não se sentir preparados ou confiantes para adotar novas práticas de ensino. Consequentemente, a falta de recursos pode perpetuar métodos de ensino tradicionais e menos eficazes, impactando negativamente a qualidade da educação e o desenvolvimento das competências essenciais para os alunos no século XXI.

A capacitação contínua dos professores é essencial para o sucesso das metodologias ativas. Programas de formação e desenvolvimento profissional devem ser disponibilizados para garantir que os educadores estejam preparados para implementar e sustentar essas abordagens. Mariana Lorenzin, Cristiana Mattos Assunção e Alessandra Bizerra, no mesmo livro de Bacich e Moran afirmam:

Considerando que somente é possível apropriar-se de uma nova proposta curricular a partir da atribuição de sentido a ela, a formação de professores é fundamental para a compreensão da necessidade de reorganização do currículo e de suas práticas, bem como para promover mudanças nas concepções sobre o ensino – especialmente quando o novo currículo transforma a estruturação

⁴⁷ SILVA e REIS. In: BACICH et al., 2018.



tradicional do conhecimento, passando da ordenação em sequências disciplinares rígidas a uma organização interdisciplinar e baseada em projetos de trabalho, ressignificando práticas previamente estabelecidas.⁴⁸

As metodologias ativas representam uma abordagem inovadora para a educação, centrada no aluno e focada no desenvolvimento de habilidades essenciais para o século XXI. Baseando-se na obra de Bacich e Moran, bem como dos colaboradores da obra, este tópico buscou destacar a importância dessas metodologias, os benefícios que elas trazem e os desafios que podem surgir em sua implementação. A adoção dessas metodologias pode transformar a educação, tornando-a mais relevante e significativa para os alunos.

Segundo as reflexões de Manuel Castells sobre a inclusão digital, destacando sua importância na construção de uma sociedade mais equitativa na era da informação. Com base em sua obra "A Sociedade em Rede", examinamos as definições, desafios, dimensões e estratégias de promoção da inclusão digital propostas por Castells. Ao abordar essas questões, buscamos oferecer insights relevantes para políticas públicas e práticas educacionais voltadas para a promoção da inclusão digital e social.

A sociedade contemporânea está profundamente marcada pela revolução digital, que tem transformado a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Nesse contexto, a inclusão digital emerge como um imperativo para garantir que todos os membros da sociedade possam participar plenamente dos benefícios proporcionados pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Manuel Castells, em sua obra seminal "A Sociedade em Rede", oferece insights valiosos sobre a inclusão digital e suas implicações para a construção de uma sociedade mais equitativa e justa.

Definição da Inclusão Digital: Castells define a inclusão digital como:

O acesso equitativo e efetivo às TICs, juntamente com as habilidades necessárias para utilizá-las de maneira significativa. Essa definição vai além

⁴⁸ Lorenzin, Assunção e Bizerra. In: BACICH et al., 2018.



do simples acesso à tecnologia, abrangendo também aspectos como alfabetização digital e acesso a conteúdo relevante. (Castells, 2010, p. 246)

Desafios da Exclusão Digital: O autor destaca os desafios da exclusão digital e suas ramificações sociais, enfatizando como a falta de acesso às TICs⁴⁹ pode agravar as desigualdades existentes na sociedade (Castells, 2010, p. 246). A exclusão digital pode perpetuar ciclos de pobreza e marginalização, limitando as oportunidades de educação, emprego e participação cívica.

Dimensões da Inclusão Digital: Castells explora as múltiplas dimensões da inclusão digital, incluindo não apenas o acesso à tecnologia, mas também o desenvolvimento de habilidades digitais, a disponibilidade de conteúdo relevante e o suporte técnico adequado. Essa abordagem holística reconhece a complexidade da inclusão digital e a necessidade de estratégias abrangentes para abordá-la.

Papel das Políticas Públicas: O autor analisa o papel das políticas públicas na promoção da inclusão digital, destacando a importância de iniciativas governamentais que garantam o acesso equitativo às TICs e promovam a alfabetização digital). Programas de capacitação e conscientização também são fundamentais para garantir que todos os membros da sociedade possam aproveitar os benefícios das tecnologias digitais.

Exemplos de Boas Práticas: Ao longo de sua obra, Castells cita exemplos de iniciativas bem-sucedidas de inclusão digital em diferentes contextos. Esses exemplos demonstram como a inclusão digital pode transformar comunidades e capacitar indivíduos para enfrentar os desafios da sociedade em rede.

Em "A Sociedade em Rede", Manuel Castells oferece uma análise profunda da inclusão digital como um elemento crucial na construção de uma sociedade mais justa

⁴⁹ As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) englobam todas as tecnologias utilizadas para a comunicação e a gestão da informação. Isso inclui computadores, internet, redes sociais, softwares, aplicativos, dispositivos móveis e outras ferramentas digitais que facilitam a criação, armazenamento, transmissão e manipulação de dados. As TICs têm um impacto significativo na educação, permitindo novas formas de ensino e aprendizagem, bem como na comunicação e colaboração em diversos contextos.



e igualitária. Suas reflexões destacam a importância do acesso equitativo às TICs, bem como o desenvolvimento de habilidades digitais para todos os membros da sociedade. Ao abordar essas questões, Castells nos desafia a repensar políticas públicas e práticas educacionais, buscando promover uma inclusão digital efetiva e construir um futuro mais inclusivo e sustentável.

A obra "A Sociedade em Rede" de Manuel Castells é uma referência fundamental para compreender as transformações sociais, econômicas e culturais provocadas pelas tecnologias da informação. Este ensaio visa relacionar os conceitos apresentados por Castells com o uso de podcasts como metodologia ativa nas aulas de História, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio. Exploraremos como a sociedade em rede influencia a educação e de que maneira os podcasts podem ser integrados às práticas pedagógicas para enriquecer o ensino de História. Manuel Castells define a sociedade em rede como:

Uma estrutura social baseada em redes digitais de comunicação e informação, que reconfiguram todas as esferas da vida humana, incluindo a economia, a cultura, a política e a educação. Ele argumenta que a transformação digital altera profundamente as formas de interação e organização, criando novas oportunidades e desafios. Essa nova estrutura social é caracterizada pela flexibilidade, adaptabilidade e interconexão contínua, aspectos que são fundamentais para a compreensão do impacto das tecnologias da informação no contexto educacional. As tecnologias da informação, segundo Castells, não são apenas ferramentas, mas forças motrizes que moldam a estrutura e o funcionamento da sociedade contemporânea. Elas possibilitam a criação de redes que superam as limitações de tempo e espaço, promovendo a globalização e a interconexão. Na educação, essas redes permitem a troca de conhecimento e experiências de forma rápida e abrangente, ampliando o alcance e a profundidade do aprendizado. (CASTELLS, 2010, p. 21).

Na sociedade em rede, a educação precisa adaptar-se aos novos paradigmas de comunicação e interação. A integração das tecnologias digitais no ambiente educacional é essencial para preparar os estudantes para um mundo interconectado e em constante mudança. As metodologias ativas, como a sala de aula invertida e a aprendizagem baseada em projetos, são potencializadas pelo uso de tecnologias digitais. Estas



metodologias promovem uma aprendizagem mais participativa e colaborativa, em oposição aos modelos tradicionais centrados no professor, como algumas já abordadas no tópico anterior.

Os podcasts podem ajudar a desenvolver habilidades específicas em História, como a capacidade de analisar fontes históricas, compreender contextos e narrativas históricas, e formular argumentos fundamentados. Isso contribui para uma compreensão mais profunda e crítica dos eventos históricos. Diversas escolas têm utilizado podcasts para enriquecer as aulas de História. Relatos de sucesso incluem o aumento do engajamento dos alunos, a melhoria na compreensão dos conteúdos e a promoção de habilidades de comunicação e argumentação). Estudos mostram que o uso de podcasts pode melhorar a retenção de informações e a motivação dos alunos. Ao permitir que os alunos acessem os conteúdos em seu próprio ritmo, os podcasts promovem uma aprendizagem mais autônoma e personalizada. A produção de podcasts envolve etapas como a escolha de temas, a preparação de roteiros, a gravação e a edição de áudio. É importante envolver os alunos em todo o processo para que desenvolvam habilidades técnicas e de comunicação (GARCIA, 2016, p. 49). Para a produção de podcasts, são necessários equipamentos básicos como microfones de boa qualidade e softwares de edição de áudio. Ferramentas como Audacity⁵⁰ e GarageBand⁵¹ são opções acessíveis para a edição de episódios. Vale ressaltar que neste trabalho foi usado o recurso tecnológico para elaboração de trabalho pedagógico a ferramenta gratuita tecnológica Spotify para Podcasters⁵², conforme destacado em anexo. A capacitação dos professores é crucial para a implementação bem-sucedida de podcasts na educação. Programas de

⁵⁰ Audacity: Software de código aberto para edição de áudio, amplamente utilizado por podcasters, músicos e produtores de áudio. Oferece uma variedade de ferramentas para gravação, edição e mixagem de faixas de som, sendo acessível tanto para iniciantes quanto para usuários experientes.

⁵¹ GarageBand: Aplicativo de criação e edição de áudio desenvolvido pela Apple, popular entre músicos e produtores amadores. Ele permite gravar, mixar e editar faixas musicais de maneira intuitiva, oferecendo uma ampla gama de instrumentos virtuais, efeitos e loops, disponível exclusivamente para dispositivos da Apple, como Mac e iOS.

⁵² Spotify for Podcasters é uma plataforma oferecida pelo Spotify que permite aos criadores de conteúdo de áudio gravar, distribuir, gerenciar e analisar seus podcasts. Com recursos de hospedagem, estatísticas detalhadas e ferramentas de monetização, a plataforma facilita a conexão dos podcasters com seu público e a ampliação do alcance de seus programas.



formação contínua podem ajudar os educadores a desenvolver as competências necessárias para utilizar essa ferramenta de maneira eficaz.

Nota-se que os principais desafios para a implementação de podcasts incluem a falta de infraestrutura tecnológica e a resistência à mudança. Soluções incluem a busca por financiamento para equipamentos, o desenvolvimento de políticas de inclusão digital e a promoção de uma cultura de inovação e experimentação nas escolas (VALENTE, 2013, p. 78). A sociedade em rede, como descrita por Castells, promove a ideia de que a comunicação e a informação são centrais na constituição da sociedade moderna. A educação, nesse contexto, não pode permanecer alheia a essas transformações. O uso de podcasts como metodologia ativa nas aulas de História exemplifica como as práticas pedagógicas podem e devem se adaptar para melhor atender às necessidades e expectativas dos estudantes no século XXI. Através dos podcasts, é possível proporcionar uma experiência educacional mais dinâmica, inclusiva e alinhada com as competências demandadas pela sociedade contemporânea. Os podcasts representam uma metodologia ativa poderosa que pode enriquecer o ensino de História, alinhando-se às diretrizes da BNCC e do Novo Ensino Médio. Ao integrar essa ferramenta nas práticas pedagógicas, os educadores podem promover uma aprendizagem mais significativa, envolvente e alinhada às necessidades e expectativas dos estudantes do século XXI.

Sendo assim, A obra de Manuel Castells, "A Sociedade em Rede", oferece uma perspectiva valiosa sobre as transformações provocadas pela revolução da tecnologia da informação e suas implicações para a educação. Integrar as tecnologias digitais e adotar metodologias ativas são passos fundamentais para preparar os alunos para os desafios da sociedade contemporânea. Os podcasts, como ferramenta educacional, exemplificam como essas tecnologias podem ser utilizadas para promover uma aprendizagem mais dinâmica, participativa e significativa. Ao alinhar-se com os princípios da sociedade em rede, a educação pode tornar-se um motor de inclusão, inovação e desenvolvimento humano.



3.2 Lost In The Supermarket⁵³

Pierre Lévy, em sua seminal obra "Cibercultura" (1999), explora as profundas transformações culturais e sociais promovidas pela revolução digital. Central a essas mudanças está o conceito de inteligência coletiva, que se refere à capacidade das comunidades humanas de evoluir para formas de coordenação e cooperação mais eficazes através das tecnologias da informação e comunicação. No entanto, juntamente com as oportunidades proporcionadas pela cibercultura, surgem desafios significativos que precisam ser enfrentados. Este ensaio discute a ideia de inteligência coletiva e analisa os riscos associados à era digital conforme delineados por Lévy.

Lévy define inteligência coletiva como "uma inteligência distribuída por toda parte, constantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências" (LÉVY, 1999, p. 28). Na era digital, a inteligência não está mais centralizada em indivíduos ou instituições, mas dispersa entre todos os membros de uma comunidade, permitindo que as habilidades e conhecimentos de cada pessoa sejam aproveitados para o benefício coletivo. A internet e as redes digitais são os principais facilitadores desse fenômeno, permitindo que informações e ideias circulem rapidamente e sejam acessíveis a um número vasto de pessoas.

A inteligência coletiva transforma-se em um recurso valioso e poderoso na era digital. Plataformas online como fóruns, redes sociais e wikis exemplificam como o conhecimento pode ser acumulado, compartilhado e aprimorado continuamente através da colaboração entre indivíduos de diferentes origens e com diversas habilidades. Lévy argumenta que essas plataformas possibilitam "uma forma de pensamento que é simultaneamente mais rica e mais integrada do que a soma das inteligências individuais" (LÉVY, 1999, p. 29).

No contexto educacional, a inteligência coletiva oferece oportunidades para criar ambientes de aprendizagem mais dinâmicos e interativos. O Novo Ensino Médio, com sua ênfase na flexibilização curricular e no desenvolvimento de competências

⁵³ Tradução: Perdido no Supermercado. Referência à música do álbum *London Calling*, de 1979.



socioemocionais e digitais, pode se beneficiar enormemente da utilização da inteligência coletiva. As tecnologias digitais facilitam a aprendizagem colaborativa e o compartilhamento de conhecimento, permitindo que os alunos colaborem em projetos, troquem informações e aprendam uns com os outros, independentemente das barreiras geográficas. Isso não apenas enriquece a experiência educativa, mas também prepara os estudantes para trabalharem em um ambiente globalizado, onde a capacidade de colaborar com pessoas de diferentes culturas e disciplinas é crucial (BRASIL, 2017, p. 10).

Apesar dos benefícios, a era digital e a cibercultura trazem consigo desafios significativos que devem ser enfrentados. Um dos principais desafios é a sobrecarga de informações. A vastidão do ciberespaço significa que os usuários estão constantemente expostos a uma quantidade esmagadora de dados, tornando difícil distinguir entre informações confiáveis e não confiáveis. Lévy reconhece que "é necessário desenvolver novas habilidades de leitura e análise crítica para navegar pelo ciberespaço" (LÉVY, 1999, p. 120). Os educadores têm um papel crucial em ajudar os alunos a desenvolver essas habilidades, ensinando-os a avaliar criticamente as informações e a usar o conhecimento de forma ética e responsável.

Outro desafio significativo é a questão da inclusão digital. Embora as tecnologias da informação ofereçam oportunidades sem precedentes para a democratização do conhecimento, elas também podem perpetuar ou até exacerbar as desigualdades existentes. A desigualdade de acesso à tecnologia e à internet pode resultar em uma divisão digital, onde certos grupos são excluídos dos benefícios da cibercultura. Lévy destaca que "a inclusão digital é essencial para garantir que todos os membros da sociedade possam participar plenamente da inteligência coletiva" (LÉVY, 1999, p. 201). Políticas públicas voltadas para a inclusão digital são essenciais para democratizar o acesso ao conhecimento e às oportunidades oferecidas pela cibercultura.

A privacidade e a segurança também são preocupações críticas na era digital. A coleta massiva de dados pessoais por empresas e governos levanta questões sobre vigilância, controle e abuso de informações. Lévy alerta que "a proteção da privacidade e a segurança



dos dados são fundamentais para manter a confiança dos usuários nas tecnologias digitais" (LÉVY, 1999, p. 183). A regulamentação e a criação de políticas de proteção de dados são necessárias para proteger os direitos dos usuários e assegurar que a cibercultura se desenvolva de maneira ética e segura.

A educação desempenha um papel vital na preparação dos indivíduos para enfrentar os desafios da era digital. No contexto do Novo Ensino Médio e da BNCC, a promoção de uma cultura de participação e colaboração é essencial para o desenvolvimento de competências do século XXI. A inteligência coletiva, ao promover a colaboração e a participação ativa dos alunos, contribui para a formação de uma sociedade mais crítica e informada. Lévy argumenta que "a educação deve capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos ativos e críticos, capazes de contribuir para o bem comum" (LÉVY, 1999, p. 98).

Os educadores podem incentivar os alunos a participar de projetos colaborativos, discutir ideias em fóruns online e contribuir para wikis educacionais. Isso não apenas reforça o aprendizado individual, mas também contribui para o crescimento do conhecimento coletivo. Além disso, a promoção do pensamento crítico é fundamental para navegar pelos desafios da cibercultura. Os estudantes devem ser encorajados a questionar, discutir e validar informações, desenvolvendo uma postura crítica e analítica em relação ao mundo ao seu redor.

Lévy oferece uma análise detalhada das transformações culturais e sociais promovidas pelas tecnologias digitais, destacando como estas reconfiguram diversos aspectos da vida humana, incluindo a forma como compreendemos e narramos a história. Este ensaio explora as ideias de Lévy sobre a cibercultura e a reconfiguração da história, ressaltando a importância da inteligência coletiva e os impactos no campo educacional, particularmente no contexto do Novo Ensino Médio.

A cibercultura, segundo Lévy, altera profundamente a forma como a história é produzida, registrada e disseminada. Ele argumenta que a digitalização permite uma "memória ampliada" onde os arquivos digitais tornam-se vastos repositórios de informações acessíveis a qualquer momento (LÉVY, 1999, p. 37). Essa transformação



amplia as possibilidades de acesso ao conhecimento histórico, permitindo que um maior número de pessoas participe da construção e interpretação da história.

Também destaca que, na era digital, a produção histórica não é mais monopolizada por especialistas ou instituições tradicionais, como universidades e museus. Em vez disso, ela é democratizada através da participação ativa de indivíduos e comunidades online. Ferramentas digitais, como blogs, redes sociais e wikis, permitem que qualquer pessoa contribua com sua perspectiva e conhecimento, enriquecendo a narrativa histórica com uma diversidade de vozes e experiências. "A digitalização das fontes e a participação coletiva possibilitam uma reinterpretação constante da história, onde múltiplas perspectivas podem coexistir" (LÉVY, 1999, p. 40).

A ideia de inteligência coletiva é central para entender como a história é reconfigurada na cibercultura. Lévy define inteligência coletiva como "uma inteligência distribuída por toda parte, constantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências" (LÉVY, 1999, p. 28). Na produção histórica, isso significa que o conhecimento sobre o passado é continuamente construído e revisado através da colaboração entre diversos atores, não restritos ao meio acadêmico.

Por exemplo, projetos colaborativos como a Wikipédia⁵⁴ demonstram como a inteligência coletiva pode ser aplicada à historiografia. Qualquer pessoa pode editar e adicionar informações, sujeitas à revisão e correção por outros membros da comunidade, criando uma história que é dinâmica e constantemente atualizada. "A colaboração em massa possibilita uma forma de historiografia que é mais rica e integrada, refletindo uma pluralidade de perspectivas" (LÉVY, 1999, p. 44).

No contexto educacional, especialmente com as diretrizes do Novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a reconfiguração da história pela

⁵⁴ Wikipédia: Plataforma colaborativa online que funciona como uma enciclopédia de acesso livre. Os artigos são criados e editados por voluntários ao redor do mundo, e embora seja uma fonte útil para consultas iniciais, recomenda-se cautela em sua utilização acadêmica, dado que o conteúdo pode ser alterado e nem sempre é verificado por especialistas na área.



cibercultura apresenta novas oportunidades e desafios. A BNCC enfatiza a importância de desenvolver competências como pensamento crítico, colaboração e uso de tecnologias digitais (BRASIL, 2017, p. 10). Integrar essas diretrizes com a inteligência coletiva e as ferramentas digitais pode enriquecer o ensino de história.

Os professores podem utilizar plataformas digitais para promover projetos colaborativos onde os alunos pesquisam, discutem e produzem conteúdos históricos. Por exemplo, criar um wiki de sala de aula onde os estudantes podem postar artigos sobre eventos históricos, que são então revisados e comentados pelos colegas, promove não apenas o aprendizado individual, mas também a construção coletiva do conhecimento. Segundo o autor: A participação ativa dos alunos na produção de conhecimento histórico fomenta o pensamento crítico e a habilidade de trabalhar colaborativamente (LÉVY, 1999, p. 53)

Apesar das oportunidades, a cibercultura também apresenta desafios que devem ser abordados. A sobrecarga de informações e a dificuldade em distinguir entre fontes confiáveis e não confiáveis são problemas significativos. Lévy reconhece que "é necessário desenvolver novas habilidades de leitura e análise crítica para navegar pelo ciberespaço" (LÉVY, 1999, p. 120). No campo da história, isso significa que os educadores devem ensinar os alunos a avaliar criticamente as fontes digitais, a verificar a credibilidade das informações e a entender o contexto de onde elas provêm.

Outro desafio é a inclusão digital. A democratização da produção histórica através das tecnologias digitais requer que todos os alunos tenham acesso às ferramentas e recursos necessários. A desigualdade no acesso à tecnologia pode criar uma divisão digital, onde apenas alguns têm a oportunidade de participar plenamente da cibercultura. Políticas de inclusão digital são essenciais para garantir que todos os alunos possam se beneficiar das novas formas de aprender e construir a história.

A reconfiguração da história pela cibercultura também contribui para a formação de uma sociedade mais crítica e informada. Ao envolver os alunos em processos colaborativos de construção do conhecimento histórico, a educação pode promover a reflexão crítica e a análise. Os estudantes são encorajados a questionar, debater e validar



informações, desenvolvendo uma postura crítica em relação ao passado e ao presente. Lévy argumenta que "a educação deve capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos ativos e críticos, capazes de contribuir para o bem comum" (LÉVY, 1999, p. 98).

Neste sentido, a obra "Cibercultura" de Pierre Lévy revela como as tecnologias digitais transformam a maneira como a história é compreendida e produzida. A inteligência coletiva desempenha um papel crucial nesse processo, democratizando a produção histórica e enriquecendo as narrativas com múltiplas perspectivas. No contexto do Novo Ensino Médio, essas transformações oferecem oportunidades para criar ambientes de aprendizagem mais dinâmicos e colaborativos, enquanto também apresentam desafios que devem ser cuidadosamente gerenciados. Ao preparar os alunos para navegar na cibercultura, a educação pode promover uma sociedade mais crítica e informada, capaz de enfrentar os desafios do século XXI.

Na era digital, a história não é mais uma narrativa linear e centralizada, produzida e controlada por poucos historiadores ou instituições. Em vez disso, ela se torna uma construção coletiva e dinâmica, aberta à contribuição de uma multiplicidade de vozes. Lévy argumenta que "a cibercultura possibilita uma nova forma de memória coletiva, mais aberta, participativa e interativa" (LÉVY, 1999, p. 56). Isso significa que a história é constantemente revisitada e reinterpretada à luz de novas informações e perspectivas, refletindo a diversidade de experiências e conhecimentos dos indivíduos.

As tecnologias digitais permitem que qualquer pessoa com acesso à internet possa contribuir para o registro histórico. Blogs, redes sociais, wikis e outras plataformas digitais permitem que indivíduos compartilhem suas experiências e perspectivas, adicionando novas camadas à narrativa histórica. Lévy destaca que "a multiplicidade de fontes e a facilidade de publicação digital democratizam a produção histórica, mas também exigem novas habilidades críticas para avaliar a credibilidade e a relevância das informações" (LÉVY, 1999, p. 89).

A reconfiguração da história na era digital tem profundas implicações para a educação. No contexto do Novo Ensino Médio, que visa desenvolver competências como pensamento crítico, análise de fontes e argumentação, a abordagem à história deve



evoluir para refletir essas mudanças. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância de preparar os estudantes para serem cidadãos críticos e participativos em uma sociedade digital (BRASIL, 2017, p. 10).

Lévy sugere que:

"os educadores devem ensinar os alunos a navegar e interpretar a vasta quantidade de informações disponíveis online, desenvolvendo habilidades de leitura crítica e análise". Isso inclui a capacidade de identificar fontes confiáveis, entender contextos e perspectivas diversas e reconhecer a subjetividade nas narrativas históricas. A educação histórica deve, portanto, incorporar o uso de tecnologias digitais para acessar e analisar fontes primárias e secundárias, promover debates e discussões online, e criar projetos colaborativos que utilizem plataformas digitais para a produção e compartilhamento de conhecimento histórico. (LÉVY, 1999, p. 120)

A cibercultura também altera a natureza da memória coletiva. Tradicionalmente, a memória coletiva era preservada por meio de instituições como museus, bibliotecas e arquivos. No entanto, na era digital, essas instituições estão se adaptando para incluir acervos digitais e interativos. Além disso, a memória coletiva é cada vez mais formada por contribuições de indivíduos através de mídias sociais, blogs e outras plataformas online. Lévy afirma que: "a memória coletiva na era digital é fluida e em constante transformação, influenciada pelas interações contínuas entre os indivíduos" (LÉVY, 1999, p. 57).

Essa transformação exige uma nova abordagem para a preservação e interpretação da memória histórica. As instituições tradicionais precisam integrar tecnologias digitais para coletar, armazenar e apresentar informações de maneira acessível e interativa. Ao mesmo tempo, é necessário desenvolver estratégias para garantir a autenticidade e a preservação a longo prazo das informações digitais. Lévy alerta que "a preservação da memória digital é um desafio crucial, pois a obsolescência tecnológica e a fragilidade dos suportes digitais podem levar à perda de informações valiosas" (LÉVY, 1999, p. 203).

Embora a reconfiguração da história na era digital ofereça muitas oportunidades, também apresenta desafios significativos. A sobrecarga de informações e a proliferação



de fontes não verificadas podem dificultar a construção de narrativas históricas coerentes e precisas. Lévy reconhece que "a abundância de informações exige novas habilidades de curadoria e crítica para distinguir entre fatos, opiniões e desinformação" (LÉVY, 1999, p. 120). Além disso, a inclusão digital é uma preocupação importante. A desigualdade no acesso às tecnologias e à internet pode resultar em exclusão de certas vozes da narrativa histórica digital. É essencial garantir que todos os grupos tenham a oportunidade de contribuir para a memória coletiva e que suas perspectivas sejam representadas. Políticas de inclusão digital e educação para a cidadania digital são fundamentais para abordar essas desigualdades.

Em "Cibercultura", Pierre Lévy nos oferece uma visão transformadora sobre a reconfiguração da história na era digital. A inteligência coletiva e a democratização da produção histórica apresentam novas possibilidades para a construção e interpretação da memória coletiva. No entanto, esses avanços também trazem desafios significativos que exigem uma nova abordagem na educação histórica. O Novo Ensino Médio, com sua ênfase em competências críticas e colaborativas, está bem posicionado para integrar essas mudanças e preparar os estudantes para participarem ativamente na sociedade digital. Ao desenvolver habilidades de leitura crítica, análise e curadoria de informações, os educadores podem ajudar os alunos a navegar pelos desafios e oportunidades da cibercultura, contribuindo para uma compreensão mais rica e inclusiva da história.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) representa uma transformação significativa na educação brasileira, introduzindo novas diretrizes e objetivos para o ensino em todos os níveis. No contexto do Ensino Médio, a BNCC busca alinhar o currículo escolar às competências e habilidades necessárias para a formação integral dos estudantes, preparando-os para os desafios do século XXI. Este ensaio aborda os desafios e perspectivas para o ensino de História no Ensino Médio, conforme delineado pela BNCC, destacando os principais aspectos e implicações para a prática pedagógica.

A BNCC estabelece um conjunto de competências gerais que visam promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. Entre essas competências estão o pensamento crítico, a comunicação eficaz, a compreensão de diferentes contextos



culturais e históricos, e a capacidade de usar tecnologias digitais de maneira ética e responsável (BRASIL, 2017, p. 10). No ensino de História, essas competências são essenciais para ajudar os alunos a compreenderem o passado, analisarem o presente e refletirem sobre o futuro.

3.3 Time Is Tight⁵⁵

Os desafios para o ensino de História no Ensino Médio são múltiplos e complexos, refletindo as transformações sociais, culturais e políticas pelas quais a educação tem passado nas últimas décadas. Diante de um cenário de profundas mudanças no perfil dos estudantes e das exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de História enfrenta a necessidade de se reinventar para continuar relevante e significativo. Além disso, a redução das cargas horárias destinadas às disciplinas de ciências humanas, somada à crescente demanda por um ensino voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades específicas, impõe aos professores de História a tarefa de conciliar o rigor acadêmico com práticas pedagógicas mais dinâmicas e interdisciplinares. Ao mesmo tempo, o contexto contemporâneo, marcado pela disseminação de *fake news* e pela polarização ideológica, exige que o ensino de História atue como um espaço privilegiado para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Nesse sentido, entender e superar esses desafios é fundamental para garantir um ensino de História que não apenas prepare os estudantes para os exames e vestibulares, mas que também os capacite a interpretar e agir no mundo de maneira crítica e informada. Como complemento, destacamos algumas necessidades:

I. Flexibilização Curricular

Um dos principais desafios introduzidos pela BNCC é a flexibilização curricular. O Novo Ensino Médio permite que os alunos escolham itinerários formativos de acordo com seus interesses, o que pode resultar em uma menor carga horária dedicada às disciplinas tradicionais, incluindo História. Isso exige que os professores adaptem seus

⁵⁵ Tradução: O Tempo Está Apertado. Referência à música do EP (*extended play*) Black Market Clash (Mercado Negro Clash), de 1980



conteúdos e metodologias para garantir que os alunos ainda alcancem uma compreensão profunda e crítica da História, mesmo com menos tempo disponível (BRASIL, 2018, p. 12).

II. Integração de Tecnologias Digitais

A BNCC enfatiza a importância de integrar tecnologias digitais no ensino, promovendo a competência digital como uma das habilidades essenciais para os estudantes (BRASIL, 2017, p. 20). No entanto, a implementação dessa diretriz apresenta desafios, como a falta de infraestrutura tecnológica nas escolas e a necessidade de capacitação dos professores para usar essas ferramentas de maneira eficaz. A utilização de recursos digitais pode enriquecer o ensino de História, permitindo acesso a uma vasta gama de fontes históricas e promovendo metodologias ativas de aprendizagem, como projetos colaborativos e debates online.

III. Formação Continuada de Professores

A adoção da BNCC exige uma formação continuada dos professores para que possam entender e implementar as novas diretrizes curriculares. Muitos docentes precisam de apoio para desenvolver novas competências pedagógicas e tecnológicas, além de estratégias para promover o pensamento crítico e a análise histórica entre os alunos. Programas de formação continuada são essenciais para garantir que os professores estejam preparados para os desafios do Novo Ensino Médio e possam oferecer um ensino de História de alta qualidade (VALENTE, 2013, p. 78).

As perspectivas para o ensino de História apontam para um campo em constante transformação, marcado pela necessidade de adaptação às novas demandas educativas e sociais do século XXI. Com o advento das novas tecnologias e a expansão do acesso à informação, o ensino de História encontra-se diante de oportunidades inéditas para inovar e enriquecer o processo de aprendizagem. As metodologias ativas, o uso de recursos digitais, como podcasts, vídeos e plataformas interativas, e a incorporação de novas fontes e perspectivas históricas, incluindo vozes antes marginalizadas, oferecem caminhos promissores para engajar os estudantes de maneira mais significativa e crítica. Além disso, a crescente valorização da educação para a cidadania global e da



compreensão das interconexões históricas em um mundo cada vez mais interdependente reforça a importância de um currículo que seja ao mesmo tempo local e global, contemplando tanto as histórias nacionais quanto as narrativas transnacionais. No entanto, essas perspectivas positivas também vêm acompanhadas de desafios, como a necessidade de formação continuada dos professores, a integração das tecnologias em contextos de desigualdade de recursos e a resistência a mudanças curriculares. Ainda assim, o ensino de História tem a oportunidade de se posicionar como uma disciplina central na formação de sujeitos críticos, capazes de interpretar o passado e atuar de forma consciente e transformadora no presente e no futuro. Para tanto, podemos destacar:

I. Enriquecimento do Conteúdo Curricular

A BNCC oferece uma oportunidade para enriquecer o conteúdo curricular de História, incorporando uma abordagem mais interdisciplinar e contextualizada. A interdisciplinaridade permite que os alunos façam conexões entre diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma compreensão mais holística dos eventos históricos e suas implicações. Além disso, a contextualização dos conteúdos históricos pode tornar o ensino mais relevante e interessante para os alunos, ajudando-os a ver a História como uma disciplina viva e dinâmica (BACICH, TANZI NETO & TREVISANI, 2015, p. 92).

II. Desenvolvimento de Competências Críticas

O enfoque da BNCC no desenvolvimento de competências críticas é particularmente relevante para o ensino de História. A análise crítica de fontes históricas, a interpretação de diferentes narrativas e a reflexão sobre as consequências dos eventos passados são habilidades essenciais que podem ser desenvolvidas através de metodologias ativas de aprendizagem. Essas metodologias incluem a utilização de estudos de caso, debates, projetos de pesquisa e a análise de documentos históricos, que incentivam os alunos a questionarem e a refletirem sobre as informações apresentadas (HERRINGTON & OLIVER, 2000, p. 23-48).

III. Promoção da Cidadania e da Consciência Histórica



A BNCC também enfatiza a importância de promover a cidadania e a consciência histórica entre os alunos. O ensino de História deve ajudar os estudantes a entenderem as complexidades da sociedade contemporânea, reconhecendo a diversidade cultural e as dinâmicas de poder que moldam o mundo. Ao desenvolver uma consciência histórica, os alunos se tornam cidadãos mais informados e engajados, capazes de participar ativamente na construção de uma sociedade mais justa e democrática (FREIRE, 1996, p. 45).

A BNCC representa tanto desafios quanto oportunidades para o ensino de História no Ensino Médio. A flexibilização curricular, a integração de tecnologias digitais e a necessidade de formação continuada dos professores são questões que precisam ser abordadas para garantir a eficácia das novas diretrizes. No entanto, as perspectivas oferecidas pela BNCC, como o enriquecimento do conteúdo curricular, o desenvolvimento de competências críticas e a promoção da cidadania e da consciência histórica, têm o potencial de transformar a educação histórica, tornando-a mais relevante e significativa para os alunos. Para alcançar esses objetivos, é crucial que as escolas, os educadores e os formuladores de políticas trabalhem em conjunto para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades proporcionadas pela BNCC.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) representa uma transformação significativa na educação brasileira, introduzindo novas diretrizes e objetivos para o ensino em todos os níveis. No contexto do Ensino Médio, a BNCC busca alinhar o currículo escolar às competências e habilidades necessárias para a formação integral dos estudantes, preparando-os para os desafios do século XXI. Este tópico aborda os desafios e perspectivas para o ensino de História no Ensino Médio, conforme delineado pela BNCC, destacando os principais aspectos e implicações para a prática pedagógica.

A BNCC estabelece um conjunto de competências gerais que visam promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. Entre essas competências estão o pensamento crítico, a comunicação eficaz, a compreensão de diferentes contextos culturais e históricos, e a capacidade de usar tecnologias digitais de maneira ética e responsável (BRASIL, 2017, p. 10). No ensino de História, essas competências são essenciais para ajudar os alunos a compreenderem o passado, analisarem o presente e



refletirem sobre o futuro. Um dos principais desafios introduzidos pela BNCC é a flexibilização curricular. O Novo Ensino Médio permite que os alunos escolham itinerários formativos de acordo com seus interesses, o que pode resultar em uma menor carga horária dedicada às disciplinas tradicionais, incluindo História. Isso exige que os professores adaptem seus conteúdos e metodologias para garantir que os alunos ainda alcancem uma compreensão profunda e crítica da História, mesmo com menos tempo disponível (BRASIL, 2018, p. 12). A BNCC enfatiza a importância de integrar tecnologias digitais no ensino, promovendo a competência digital como uma das habilidades essenciais para os estudantes (BRASIL, 2017, p. 20). No entanto, a implementação dessa diretriz apresenta desafios, como a falta de infraestrutura tecnológica nas escolas e a necessidade de capacitação dos professores para usar essas ferramentas de maneira eficaz. A utilização de recursos digitais pode enriquecer o ensino de História, permitindo acesso a uma vasta gama de fontes históricas e promovendo metodologias ativas de aprendizagem, como projetos colaborativos e debates online.

A adoção da BNCC exige uma formação continuada dos professores para que possam entender e implementar as novas diretrizes curriculares. Muitos docentes precisam de apoio para desenvolver novas competências pedagógicas e tecnológicas, além de estratégias para promover o pensamento crítico e a análise histórica entre os alunos. Programas de formação continuada são essenciais para garantir que os professores estejam preparados para os desafios do Novo Ensino Médio e possam oferecer um ensino de História de alta qualidade (VALENTE, 2013, p. 78). A BNCC oferece uma oportunidade para enriquecer o conteúdo curricular de História, incorporando uma abordagem mais interdisciplinar e contextualizada. A interdisciplinaridade permite que os alunos façam conexões entre diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma compreensão mais holística dos eventos históricos e suas implicações. Além disso, a contextualização dos conteúdos históricos pode tornar o ensino mais relevante e interessante para os alunos, ajudando-os a ver a História como uma disciplina viva e dinâmica (BACICH, TANZI NETO & TREVISANI, 2015, p. 92).

O enfoque da BNCC no desenvolvimento de competências críticas é particularmente relevante para o ensino de História. A análise crítica de fontes históricas,



a interpretação de diferentes narrativas e a reflexão sobre as consequências dos eventos passados são habilidades essenciais que podem ser desenvolvidas através de metodologias ativas de aprendizagem. Essas metodologias incluem a utilização de estudos de caso, debates, projetos de pesquisa e a análise de documentos históricos, que incentivam os alunos a questionarem e a refletirem sobre as informações apresentadas (HERRINGTON & OLIVER, 2000, p. 23-48). A BNCC também enfatiza a importância de promover a cidadania e a consciência histórica entre os alunos. O ensino de História deve ajudar os estudantes a entenderem as complexidades da sociedade contemporânea, reconhecendo a diversidade cultural e as dinâmicas de poder que moldam o mundo. Ao desenvolver uma consciência histórica, os alunos se tornam cidadãos mais informados e engajados, capazes de participar ativamente na construção de uma sociedade mais justa e democrática (FREIRE, 1996, p. 45). A BNCC representa tanto desafios quanto oportunidades para o ensino de História no Ensino Médio. A flexibilização curricular, a integração de tecnologias digitais e a necessidade de formação continuada dos professores são questões que precisam ser abordadas para garantir a eficácia das novas diretrizes. No entanto, as perspectivas oferecidas pela BNCC, como o enriquecimento do conteúdo curricular, o desenvolvimento de competências críticas e a promoção da cidadania e da consciência histórica, têm o potencial de transformar a educação histórica, tornando-a mais relevante e significativa para os alunos. Para alcançar esses objetivos, é crucial que as escolas, os educadores e os formuladores de políticas trabalhem em conjunto para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades proporcionadas pela BNCC.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio representam iniciativas importantes para a reformulação da educação brasileira, introduzindo novas diretrizes e objetivos pedagógicos para promover o desenvolvimento integral dos estudantes. No entanto, a implementação desses programas enfrenta inúmeros desafios, especialmente no que diz respeito à disciplina de História. Este ensaio explora os principais problemas e obstáculos associados à aplicação da BNCC e do Novo Ensino Médio na realidade da educação brasileira, destacando as implicações para o ensino de História.



A aplicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Novo Ensino Médio tem enfrentado diversos problemas que impactam diretamente o ensino de História e outras disciplinas das Ciências Humanas. Entre os principais desafios, destaca-se:

I. Desigualdades Regionais e Infraestrutura

Um dos maiores desafios para a implementação da BNCC e do Novo Ensino Médio é a grande disparidade de infraestrutura entre as diferentes regiões do Brasil. Escolas em áreas urbanas desenvolvidas geralmente possuem melhores recursos tecnológicos, bibliotecas bem abastecidas e acesso a formações continuadas para professores. Em contraste, muitas escolas em regiões rurais ou em áreas urbanas periféricas carecem de recursos básicos, como laboratórios de informática e internet de qualidade (VALENTE, 2013, p. 78). Essa desigualdade impacta diretamente a capacidade das escolas de aplicar as novas diretrizes de maneira eficaz e equitativa.

II. Formação e Capacitação de Professores

A implementação bem-sucedida da BNCC e do Novo Ensino Médio depende, em grande medida, da preparação e capacitação dos professores. No entanto, muitos docentes não receberam a formação necessária para entender e aplicar as novas diretrizes curriculares. A falta de programas de formação continuada adequados e a sobrecarga de trabalho dos professores dificultam a adoção de metodologias ativas e a integração de tecnologias digitais no ensino de História (RIBEIRO, 2018, p. 72).

III. Flexibilização Curricular e a Redução do Tempo para História

A flexibilização curricular proposta pelo Novo Ensino Médio permite que os alunos escolham itinerários formativos, o que pode resultar na redução do tempo dedicado às disciplinas tradicionais, incluindo História. Essa mudança coloca pressão adicional sobre os professores para condensar conteúdos amplos e complexos em um período mais curto, comprometendo a profundidade e a qualidade do ensino (BRASIL, 2018, p. 12).



IV. Resistência à Mudança e Adaptação Metodológica

Muitos professores e gestores escolares ainda resistem às mudanças propostas pela BNCC e pelo Novo Ensino Médio. A transição para novas metodologias de ensino, como a sala de aula invertida e a aprendizagem baseada em projetos, requer uma mudança significativa na prática pedagógica, o que pode gerar desconforto e insegurança entre os educadores (BACICH, TANZI NETO & TREVISANI, 2015, p. 92). A falta de apoio institucional e de recursos para facilitar essa transição agrava ainda mais a situação.

Neste sentido, tomamos a liberdade de elencar alguns desafios específicos para a disciplina de História no Ensino Médio:

I. Integração de Conteúdos Interdisciplinares

A BNCC promove a integração de conteúdos interdisciplinares como uma forma de enriquecer o currículo e promover uma compreensão mais holística dos temas estudados. No entanto, essa abordagem exige que os professores de História colaborem estreitamente com colegas de outras disciplinas, o que pode ser desafiador devido a diferentes formações acadêmicas e abordagens pedagógicas. A falta de tempo para planejamento colaborativo também dificulta a implementação dessa interdisciplinaridade (HERRINGTON & OLIVER, 2000, p. 23-48).

II. Desenvolvimento de Competências Críticas

O ensino de História, conforme proposto pela BNCC, deve ir além da memorização de fatos e datas, focando no desenvolvimento de competências críticas, como a análise de fontes históricas, a interpretação de diferentes narrativas e a reflexão sobre as consequências dos eventos passados (FREIRE, 1996, p. 45). No entanto, a formação inicial dos professores nem sempre prepara os educadores para desenvolver essas habilidades em seus alunos, exigindo um esforço adicional para requalificação e adaptação dos métodos de ensino.

III. Utilização de Tecnologias Digitais



A BNCC incentiva o uso de tecnologias digitais no ensino, o que pode potencializar a aprendizagem de História ao permitir o acesso a uma ampla gama de fontes históricas, vídeos, documentários e outros recursos multimídia. No entanto, a implementação efetiva dessa diretriz enfrenta obstáculos significativos, como a falta de infraestrutura tecnológica em muitas escolas e a necessidade de capacitar os professores para utilizar essas ferramentas de maneira eficaz (BRASIL, 2017, p. 20).

Para enfrentar os desafios mencionados, é crucial que haja um investimento significativo em infraestrutura educacional, especialmente nas áreas mais carentes. Além disso, a criação de programas de formação continuada específicos para os professores de História pode ajudar a prepará-los melhor para as novas demandas curriculares. Políticas públicas que incentivem a colaboração interdisciplinar e ofereçam apoio institucional para a adoção de metodologias ativas também são fundamentais.

A promoção de uma cultura de inovação e experimentação nas escolas pode ajudar a superar a resistência à mudança. Isso inclui a implementação de projetos-piloto, a troca de boas práticas entre escolas e a criação de redes de apoio entre educadores. Por fim, a participação ativa dos professores no processo de implementação da BNCC e do Novo Ensino Médio é essencial para garantir que as mudanças sejam adaptadas às realidades locais e às necessidades dos alunos.

A BNCC e o Novo Ensino Médio apresentam tanto desafios quanto oportunidades para a educação brasileira. No contexto do ensino de História, esses desafios incluem a desigualdade de infraestrutura, a necessidade de capacitação dos professores, a flexibilização curricular e a resistência à mudança. No entanto, com um investimento adequado em recursos e formação, além de políticas públicas que promovam a inovação e a colaboração, é possível transformar essas diretrizes em uma oportunidade para enriquecer o ensino de História e preparar melhor os estudantes para os desafios do século XXI.

O uso e a elaboração de podcasts nas aulas de História representam uma inovadora abordagem pedagógica que pode transformar a forma como o conhecimento é transmitido e absorvido pelos alunos. Ao integrar essa ferramenta tecnológica no currículo, os



professores oferecem uma alternativa dinâmica e envolvente para o ensino tradicional, permitindo que os estudantes se conectem com o conteúdo histórico de maneira mais pessoal e interativa. A produção de podcasts incentiva a pesquisa aprofundada, o pensamento crítico e a criatividade, ao mesmo tempo que promove habilidades práticas como a escrita e a comunicação oral. Além disso, ao explorar temas históricos através de um formato acessível e moderno, os podcasts podem ampliar a compreensão dos alunos sobre eventos e contextos, estimulando um maior engajamento e interesse pela História. Em última análise, essa abordagem não só enriquece a experiência educacional, mas também prepara os alunos para o uso eficaz de mídias digitais em suas futuras carreiras acadêmicas e profissionais.

Para tanto, a gravação de seis podcasts para a conclusão deste trabalho se justifica pela necessidade de oferecer uma abordagem diversificada e aprofundada sobre os temas explorados, utilizando um formato que alia criatividade e eficácia pedagógica. Cada podcast abordará uma faceta distinta da pesquisa, permitindo uma exploração detalhada de diferentes aspectos da influência do The Clash e a aplicação de suas músicas no ensino de História. Esta estratégia não apenas proporciona um meio inovador e envolvente para a apresentação dos resultados, mas também demonstra a capacidade de utilizar ferramentas tecnológicas modernas para enriquecer o aprendizado. Além disso, ao produzir múltiplos episódios, é possível abordar diversos temas com a profundidade necessária e alcançar um público mais amplo, incluindo professores e estudantes, que poderão se beneficiar das análises e discussões apresentadas. Em suma, a escolha de criar seis podcasts reflete um compromisso com a qualidade e a diversidade na apresentação dos conteúdos, contribuindo significativamente para a conclusão e a relevância do trabalho.

Competências e Habilidades da BNCC que podem ser exploradas ao trabalhar com as músicas:

1. "London Calling"

Competência Geral 1:

Habilidade (EM13CHS101): Analisar processos históricos, vivências culturais e dinâmicas geográficas relevantes em escalas locais, regionais e mundiais.



- "London Calling" pode ser usada para analisar crises políticas e sociais globais dos anos 1970 e 1980, bem como a ameaça de catástrofes ambientais e nucleares.

Competência Geral 5:

Habilidade (EM13CHS503): Relacionar as transformações dos espaços urbanos e rurais às mudanças nas formas de produção, circulação e consumo, e a seus impactos sobre as paisagens e os territórios.

- A música permite explorar a urbanização e os problemas sociais nas grandes cidades, como Londres.

2. "Spanish Bombs"

Competência Geral 2:

Habilidade (EM13CHS202): Analisar os impactos das guerras e dos conflitos na formação das sociedades contemporâneas, compreendendo suas causas e consequências.

- "Spanish Bombs" discute a Guerra Civil Espanhola, permitindo uma análise das causas e consequências desse conflito.

Competência Geral 5:

Habilidade (EM13CHS502): Identificar as permanências e as mudanças nas relações de poder, de trabalho e de gênero nas sociedades, relacionando-as com as lutas sociais por direitos civis e sociais.

- A música pode ser usada para discutir a luta pela democracia e os direitos civis na Espanha.

3. "The Magnificent Seven"

Competência Geral 6:

Habilidade (EM13CHS601): Analisar os impactos das transformações tecnológicas, científicas e culturais nas relações sociais e nas condições de vida das populações.

- "The Magnificent Seven" critica a alienação no trabalho e a rotina monótona dos trabalhadores urbanos, explorando a relação entre trabalho, tecnologia e sociedade.

Competência Geral 7:

Habilidade (EM13CHS703): Avaliar as implicações sociais, políticas e econômicas das políticas públicas voltadas para o trabalho, a educação, a saúde e a segurança.

- A música facilita a discussão sobre as mudanças nas relações de trabalho e suas implicações sociais e econômicas.



4. "Guns of Brixton"

Competência Geral 8:

Habilidade (EM13CHS802): Avaliar a diversidade das manifestações culturais e as dinâmicas das identidades sociais, culturais e étnicas, valorizando o respeito às diferenças.

- "Guns of Brixton" aborda temas de opressão, resistência e identidade cultural, incentivando discussões sobre diversidade e respeito às diferenças.

Competência Geral 9:

Habilidade (EM13CHS902): Analisar as práticas de poder e dominação nas sociedades, bem como as formas de resistência e os movimentos sociais.

- A música pode ser usada para discutir as práticas de resistência e as relações de poder nas sociedades.

5. "Washington Bullets"

Competência Geral 10:

Habilidade (EM13CHS1001): Analisar as relações de poder e dominação nas dinâmicas globais, compreendendo as intervenções e influências das grandes potências nas questões internacionais.

- "Washington Bullets" critica o imperialismo americano e as intervenções nos assuntos internos de outros países, promovendo a reflexão sobre política internacional.

Competência Geral 9:

Habilidade (EM13CHS903): Compreender os processos históricos de colonização e descolonização, avaliando suas consequências para as sociedades contemporâneas.

- A música oferece um ponto de partida para discutir o imperialismo e suas consequências históricas e contemporâneas.

6. "Know Your Rights"

Competência Geral 5:

Habilidade (EM13CHS505): Analisar os documentos históricos fundamentais para a construção dos direitos humanos e as lutas sociais em torno de sua efetivação.

- "Know Your Rights" promove a discussão sobre os direitos humanos e a importância de conhecê-los e defendê-los.

Competência Geral 6:



Habilidade (EM13CHS605): Compreender a importância da cidadania ativa e das lutas sociais na garantia dos direitos civis, políticos e sociais.

A música pode ser usada para explorar a cidadania ativa e as lutas sociais por direitos civis.

Links para ouvir os podcasts

London Calling:

<https://open.spotify.com/episode/64UJcJ6rFpBreYnYPxLJ6Y?si=14fb76fb8dcb4141>

The Guns of Brixton:

<https://open.spotify.com/episode/0MgmhqFox1Zq11k7f6AsqG?si=7266861dc7c249c6>

Spanish Bombs:

<https://open.spotify.com/episode/6NMiXyExjNtr3Q6m4JdKXa?si=0bf286540ee8403d>

The Magnificent Seven:

<https://open.spotify.com/episode/2ZiFuiduKfSnMN7a6wHXpt?si=e20e482b3c4a44af>

Washington Bullets:

<https://open.spotify.com/episode/5AfVACMW2puhMyAOUXUHEV?si=ffc67c9c934041ff>

Know Your Rights:

<https://open.spotify.com/episode/7B9Yc4rbWKFEHtzQSVw91U?si=9c0a4ebcc9d644de>



Letras das músicas trabalhadas nos podcasts, com suas respectivas traduções

04/06/2024, 10:02

LONDON CALLING (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

London Calling The Clash



London Calling	Londres Chamando
London calling to the faraway towns Now war is declared and battle come down	Londres chamando as cidades distantes Agora a guerra foi declarada e a batalha começou
London calling to the underworld Come out of the cupboard, you boys and girls	Londres chamando o submundo Saíam do armário, garotos e garotas
London calling, now don't look to us	Londres chamando, agora não olhe para a gente
Phony Beatlemania has bitten the dust London calling, see we ain't got no swing 'Cept for the ring of that truncheon thing	A falsa Beatlemania está enterrada Londres chamando, veja, não temos ritmo Exceto pelo ressoar de cassetetes
The ice age is coming, the Sun's zooming in	A era do gelo está chegando, o Sol se aproximando
Meltdown expected, the wheat is growing thin Engines stop running, but I have no fear	Derretimento esperado, e o trigo crescendo ralo Motores param de funcionar, mas não sinto medo
Cause London is drowning, and I live by the river	Londres está inundando e eu moro perto do rio
London calling to the imitation zone Forget it, brother, you can go it alone London calling to the zombies of death Quit holding out and draw another breath London calling and I don't wanna shout But while we were talking I saw you nodding out London calling, see we ain't got no high Except for that one with the yellowy eyes	Londres chamando para a zona de imitação Esqueça, irmão, você pode ir sozinho Londres chamando os zumbis da morte Pare de esperar e recupere o fôlego Londres chamando e eu não quero gritar Mas enquanto a gente conversava te vi cochilar Londres chamando, veja, nós não temos drogados Exceto por aquele com os olhos amarelados
The ice age is coming, the Sun's zooming in	A era do gelo está chegando, o Sol se aproximando
Engines stop running, the wheat is growing thin A nuclear error, but I have no fear	Motores param de funcionar e o trigo crescendo ralo Um acidente nuclear, mas não sinto medo



4/06/2024, 10:02

LONDON CALLING (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

Cause London is drowning and I, I live by the river	Londres está inundando e eu, eu moro perto do rio
The ice age is coming, the Sun's zooming in	A era do gelo está chegando, o Sol se aproximando
Engines stop running, the wheat is growing thin	Motores param de funcionar e o trigo crescendo ralo
A nuclear error, but I have no fear	Um acidente nuclear, mas não sinto medo
Cause London is drowning and I, I live by the river	Londres está inundando e eu, eu moro perto do rio
Now get this	Agora saca só
London calling, yes, I was there too	Londres chamando, sim, eu estava lá também
And you know what they said? Well some of it was true	E sabe o que disseram? Bem, uma parte era verdade
London calling at the top of the dial	Londres chamando do topo do relógio
And after all this, won't you give me a smile?	Depois de tudo isso, não vai sorrir para mim?
London calling	Londres chamando
I never felt so much a'like, a'like, a'like	Nunca me senti tão parecido, parecido, parecido

Composição: Joe Strummer / Mick Jones



04/06/2024, 10:56

SPANISH BOMBS (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

Spanish Bombs

The Clash



Spanish Bombs

Spanish songs in Andalucia
The shooting sites in the days of '39
Oh, please, leave the ventana open
Federico Lorca is dead and gone
Bullet holes in the cemetery walls
The black cars of the Guardia Civil
Spanish bombs on the Costa Rica
I'm flying in on a DC 10 tonight

Spanish bombs, yo te quiero y finito
Yo te querda, oh mi corazón
Spanish bombs, yo te quiero y finito
Yo te querda, oh mi corazón

Spanish weeks in my disco casino
The freedom fighters died upon the hill
They sang the red flag
They wore the black one
But after they died it was Mockingbird Hill
Back home the buses went up in flashes
The Irish tomb was drenched in blood
Spanish bombs shatter the hotels
My senorita's rose was nipped in the bud

Spanish bombs, yo te quiero y finito
Yo te querda, oh mi corazón
Spanish bombs, yo te quiero y finito
Yo te querda, oh mi corazón

The hillsides ring with: Free the people
Or can I hear the echo from the days of '39?
With trenches full of poets

Bombas Espanholas

Canções espanholas em Andaluzia
Os locais de tiroteio nos dias de 1939
Oh, por favor, deixe a janela aberta
Fedrico Lorca está morto e já era
Buracos de bala nos muros do cemitério
Os carros pretos da Guarda Civil
Bombas espanholas na Costa Rica
Estou voando num DC-10 esta noite

Bombas espanholas, eu te quero e pronto
Eu te amo, oh meu coração
Bombas espanholas, eu te quero e pronto
Eu te amo, oh meu coração

Semanas espanholas na minha discoteca
cassino
Os combatentes da liberdade morreram
sobre o morro
Eles entoavam a bandeira vermelha
Eles vestiam a bandeira negra
Mas depois que eles morreram, se tornou
Mockingbird Hill
De volta para casa os ônibus foram em
instantes
O túmulo irlandês estava banhado em
sangue
Bombas espanholas despedaçam os hotéis
Minha senhorita Rosa foi cortada pela raiz

Bombas espanholas, eu te quero e pronto
Eu te amo, oh meu coração
Bombas espanholas, eu te quero e pronto
Eu te amo, oh meu coração

As encostas ressoam: Libertem o povo
Ou eu ouço o eco dos dias de 1939?
Com trincheiras cheias de poetas



04/06/2024, 10:56

SPANISH BOMBS (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

The ragged army, fixin' bayonets to fight the other line Spanish bombs rock the province I'm hearing music from another time Spanish bombs on the Costa Brava I'm flying in on a DC 10 tonight	O exército esfarrapado calando baionetas para lutar nas linhas inimigas Bombas espanholas agitam a província Eu estou ouvindo música de outros tempos Bombas espanholas em Costa Brava Estou voando num DC-10 esta noite
Spanish bombs, yo te quiero y finito Yo te querda, oh mi corazón Spanish bombs, yo te quiero y finito Yo te querda, oh mi corazón Oh mi corazón, oh mi corazón	Bombas espanholas, eu te quero e pronto Eu te amo, oh meu coração Bombas espanholas, eu te quero e pronto Eu te amo, oh meu coração Oh meu coração, oh meu coração
Spanish songs in Andalucia, Mandolina, oh mi corazon Spanish songs in Granada, oh mi corazon Oh mi corazón, oh mi corazón Oh mi corazón, oh mi corazón	Canções espanholas na Andaluzia, Mandolina, oh meu coração Canções espanholas em Granada, oh meu coração Oh meu coração, oh meu coração Oh meu coração, oh meu coração

Composição: Joe Strummer / Mick Jones



04/06/2024, 10:58

THE GUNS OF BRIXTON (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

The Guns Of Brixton

The Clash



The Guns Of Brixton	As Armas de Brixton
When they kick at your front door How you gonna come? With your hands on your head Or on the trigger of your gun?	Quando eles arrombarem a sua porta Como você vai reagir? Com as mãos na cabeça Ou com o dedo no gatilho da sua arma?
When the law break in How you gonna go? Shot down on the pavement Or waiting in death row?	Quando a polícia invadir Como você vai morrer? Baleado na rua Ou esperando no corredor da morte?
You can crush us You can bruise us But you'll have to answer to Oh, the guns of Brixton	Você pode nos esmagar Você pode nos machucar Mas terá que se entender com Oh, as armas de Brixton
The money feels good And your life you like it well But surely your time will come As in heaven, as in hell	O dinheiro é bom E da sua vida você gosta bastante Mas sem dúvida sua vez chegará Da mesma forma no céu do que no inferno
You see, he feels like Ivan Born under the Brixton Sun His game is called survivin' At the end of The Harder They Come	Você verá, ele se sente como Ivan Nascido sob o Sol de Brixton Seu jogo é chamado sobreviver No final de um filme de crime
You know it means no mercy They caught him with a gun No need for the Black Maria Goodbye to the Brixton Sun	Você sabe que não há misericórdia Eles o pegaram com uma arma Sem necessidade da viatura da polícia Adeus para o Sol de Brixton
You can crush us You can bruise us But you'll have to answer to Oh, the guns of Brixton	Você pode nos esmagar Você pode nos machucar Mas terá que se entender com Oh, as armas de Brixton
When they kick at your front door How you gonna come? With your hands on your head	Quando eles arrombarem a sua porta Como você vai reagir? Com as mãos na cabeça



04/06/2024, 10:58

THE GUNS OF BRIXTON (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

Or on the trigger of your gun? Ou com o dedo no gatilho da sua arma?

You can crush us	Você pode nos esmagar
You can bruise us	Você pode nos machucar
Yes, even shoot us	Sim, até mesmo atirar
But oh, the guns of Brixton	Oh, as armas de Brixton

Shot down on the pavement	Baleado na rua
Waiting in death row	Esperando no corredor da morte
This game was called survivin'	Esse jogo era chamado sobreviver
As in heaven, as in hell	Da mesma forma no céu do que no inferno

You can crush us	Você pode nos esmagar
You can bruise us	Você pode nos machucar
But you'll have to answer to	Mas terá que se entender com
Oh, the guns of Brixton	Oh, as armas de Brixton

Oh, the guns of Brixton	Oh, as armas de Brixton
Oh, the guns of Brixton	Oh, as armas de Brixton
Oh, the guns of Brixton	Oh, as armas de Brixton

Composição: Paul Simonon



04/06/2024, 11:04

THE MAGNIFICENT SEVEN (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

The Magnificent Seven

The Clash



The Magnificent Seven

Ring! Ring! It's 7 A.M.!
Move y'self to go again
Cold water in the face
Brings you back to this awful place
Knuckle merchants and you bankers, too

Must get up an' learn those rules
Weather man and the crazy chief
One says sun and one says sleet
A.M., the F.M. the P.M. too
Churning out that boogaloo
Gets you up and gets you out
But how long can you keep it up?

Gimme Honda, Gimme Sony
So cheap and real phony
Hong Kong dollars and Indian cents
English pounds and Eskimo pence

You lot! What?
Don't stop! Give it all you got!
You lot! What?
Don't stop! Yeah!

Working for a rise, better my station

Take my baby to sophistication
She's seen the ads, she thinks it's nice
Better work hard, I seen the price
Never mind that it's time for the bus
We got to work an' you're one of us
Clocks go slow in a place of work
Minutes drag and the hours jerk

When can I tell 'em wot I do?

Os Sete Magníficos

Ring! Ring! São 7 da manhã!
Mova-se para ir outra vez
Água fria no rosto
Traz você de volta para esse lugar terrível
Junta de comerciantes e vocês bancários,
também

Devem levantar e aprender aquelas regras
Homens do tempo e o chefe louco
Um diz que é o Sol e outra que é a geada
De manhã, a FM, à tarde também
Agitando esse ritmo latino
Levanta você e te bota pra fora
Mas quanto tempo você pode se manter pra
cima?

Dê-me Honda, dê-me Sony
Tão barato e realmente falso
Dólares de Hong Kong e centavos da Índia
Libras inglesas e moedas de um centavo dos
Esquimós

Vocês todos! Quê?
Não parem! Deem tudo que vocês tem!
Vocês todos! Quê?
Não parem! Sim!

Trabalhar para um aumento, melhorar minha
estação

Levar meu amor para a sofisticação
Ela viu os anúncios, ela pensa que são bons
Melhorar trabalhar duro - eu vi o preço
Esqueça, que é hora do ônibus
Nós temos que trabalhar e você é um de nós
O relógio vai devagar no local de trabalho
Minutos se arrastam e as horas se
empurram

Quando eu posso dizer para eles o que eu
faço?



04/06/2024, 11:04

THE MAGNIFICENT SEVEN (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

In a second, maaan, a'right Chuck!	Um segundo, cara
Wave bub-bub-bub-bye to the boss It's our profit, it's his loss But anyway lunch bells ring	Acena tch-tch-tch-tchau para o chefe É o nosso lucro, é prejuízo dele Mas de qualquer maneira o sinal do almoço toca
Take one hour and do your thanng! Cheesesboiger!	Leve uma hora e faça suas coisas X-Burger!
What do we have for entertainment? Cops kickin' Gypsies on the pavement Now the news - snap to attention! The lunar landing of the dentist convention	O que nós temos para se entreter? A polícia juntando os ciganos da calçada Agora, as notícias - Preste atenção! A aterrissagem na Lua da convenção de dentista
Italian mobster shoots a lobster Seafood restaurant gets out of hand	O gangster italiano atira em uma lagosta O restaurante de frutos do mar sai do controle
A car in the fridge Or a fridge in the car? Like cowboys do - in T.V. land	Um carro em uma geladeira Ou uma geladeira em um carro? Como os caubóis fazem na terra da TV
You lot! What? Don't stop Huh?	Vocês todos! O Quê? Não parem! Oh?
So get back to work an' sweat some more The sun will sink an' we'll get out the door	Então voltem para trabalhar e suar mais Vai anoitecer e nós vamos sair pela a porta Não é bom para um homem trabalhar em gaiolas
It's no good for man to work in cages Hits the town, he drinks his wages You're frettin', you're sweatin' But did you notice you ain't gettin'? Don't you ever stop long enough to start? To take your car outta that gear Don't you ever stop long enough to start? To get your car outta that gear Karlo Marx and Fredrich Engels Came to the checkout at the 7-11 Marx was skint - but he had sense Engels lent him the necessary pence	Chega na cidade, ele bebe seu salário Você esta irritando, você esta suando Mas você percebe que não está lucrando? Você nunca para o suficiente para começar? Pra tirar o seu carro daquela oficina Você nunca para o suficiente para começar? Pra pegar o seu carro daquela oficina Karl Marx e Fredrich Engels Vieram para a verificação no 7-11 Marx era pobre - mas teve razão Engels emprestou as moedas necessárias
What have we got? Yeh-o, magnificence! Luther King and Mahatma Gandhi	O que nós ganhamos? Yeah, magnificência! Luther King e Mahatma Gandhi Foram ao parque verificar o jogo



04/06/2024, 11:04

THE MAGNIFICENT SEVEN (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

Went to the park to check on the game
But they was murdered by the other team

Who went on to win 50-nil
You can be true, you can be false
You be given the same reward

Socrates and Milhous Nixon
Both went the same way through the kitchen

Plato the Greek or Rin Tin Tin
Who's more famous to the billion millions?

News Flash: Vacuum Cleaner Sucks Up
Budgie
Oooohh

Bub-bye

Magnificence!

Fucking long, innit?

Mas eles foram assassinados pelo outro time
Que foram para ganhar 50-zero
Você pode ser verdadeiro, Vvcê pode ser
falso
Você vai ganhar a mesma recompensa
Sócrates e Milhous Nixon
Ambos entraram da mesma forma - pela
cozinha
Platão da Grécia ou Rim Tim Tim
Quem é o mais famoso para os bilhões de
milhões?
Flash de notícia: O aspirador sugou os
passarinhos

Composição: Joe Strummer / Mick Jones / Topper Headon / The Clash



04/06/2024, 11:30

Washington Bullets (tradução) - The Clash - VAGALUME

Washington Bullets

The Clash

Oh! Mamãe, mamãe olha lá!	Oh! Mama, Mama look there!
Seus filhos estão jogando em que rua novamente	Your children are playing in that street again
Você não sabe o que aconteceu lá?	Don't you know what happened down there?
Um jovem de 14 foi baleado por lá	A youth of fourteen got shot down there
As armas Kokane da Cidade Jamdown	The Kokane guns of Jamdown Town
Os palhaços matando, os homens Blood Money	The killing clowns, the blood money men
estão atirando aquelas balas Washington novamente	Are shooting those Washington bullets again

Como cada célula no Chile dirá	As every cell in Chile will tell
Os gritos dos homens torturados	The cries of the tortured men
Lembre Allende, e os dias antes	Remember Allende, and the days before,
Antes do exército veio	Before the army came
Por favor, lembre-se de Víctor Jara	Please remember Víctor Jara,
No Estádio Santiago	In the Santiago Stadium,
Es verdad - os Washington Bullets novamente	Es verdad - those Washington Bullets again

E na Baía dos Porcos, em 1961	And in the Bay of Pigs in 1961,
Havana lutou o playboy no sol cubano	Havana fought the playboy in the Cuban sun,
Para Castro é uma cor	For Castro is a colour,
É um mais vermelho que o vermelho	Is a redder than red,
Essas balas Washington quer Castro morto	Those Washington bullets want Castro dead
Para Castro é a cor	For Castro is the colour...
Isso você vai ganhar um spray de chumbo	...That will earn you a spray of lead

Para a primeira vez sempre	For the very first time ever,
Quando eles tiveram uma revolução na Nicarágua	When they had a revolution in Nicaragua,
Não houve interferência da América	There was no interference from America
Os direitos humanos na América	Human rights in America

Bem, as pessoas lutou contra o líder	Well the people fought the leader,
--------------------------------------	------------------------------------

E se ele voou	And up he flew...
Sem balas de Washington o que mais ele poderia fazer?	With no Washington bullets what else could he do?

'N' se você pode encontrar um rebelde afegão	'N' if you can find a Afghan rebel
Que as balas de Moscou perdeu	That the Moscow bullets missed
Pergunte a ele o que ele pensa do voto comunista	Ask him what he thinks of voting Communist...
Pergunte o Dalai Lama nas montanhas do Tibete	...Ask the Dalai Lama in the hills of Tibet,
Quanto monges que os chineses começaram?	How many monks did the Chinese get?
Em um pântano devastado pela guerra parar qualquer mercenário	In a war-torn swamp stop any mercenary,
	'N' check the British bullets in his armoury
	Que?
	Sandinista!

'N' verificar as balas britânicas em seu arsenal
Que?
Sandinista!



04/06/2024, 11:35

KNOW YOUR RIGHTS (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

Know Your Rights

The Clash



Know Your Rights	Conheça Seus Direitos
This is a public service announcement	Este é um anuncio de utilidade pública
With guitar	Com guitarra!
	Conheça seus direitos, todos os três
Know your rights	
All three of them	Número 1
	Você tem o direito de não ser morto
Number one	Assassinato é um crime!
You have the right not to be killed	A não ser que seja feito por um
Murder is a crime!	Policia! ou aristocrata
Unless it was done	Conheça seus direitos
By a policeman or aristocrat	
Know your rights	E número 2
	Você tem o direito a dinheiro para
And number two	alimentação
You have the right to food money	Proporcionando, é claro, se você
Providing of course	Não se importa, uma pequena
You don't mind a little	Investigação, humilhação
Investigation, humiliation	E se você cruzar os dedos
And if you cross your fingers	Reabilitação
Rehabilitation	
	Conheça seus direitos
Know your rights	Estes são seus direitos
These are your rights	Wang
Wang	
	Conheça estes direitos
Know these rights	
	Número 3
Number three	Você tem o direito de livre expressão
You have the right to free speech	Enquanto você não for burro o suficiente
As long as you're not dumb enough to	Para realmente tentar
actually try it	
	Conheça seus direitos
Know your rights	Estes são seus direitos
These are your rights	Todos os três
All three of 'em	Foi sugerido em alguns bairros
	Que isto não é o suficiente!
It has been suggested in some quarters	Bem
That this is not enough!	Saia das ruas



04/06/2024, 11:35

KNOW YOUR RIGHTS (TRADUÇÃO) - The Clash (Impressão)

Well-	Saia das ruas
	Corra
Get off the streets	Você não tem uma casa para ir
Get off the streets	Esmague
Run	
	Finalmente, em seguida, vou ler os seus direitos
	Você tem o direito de permanecer em silêncio
	Vocês foram avisados de que qualquer coisa que
	Disser e será tomado
	E utilizadas como provas contra você
	Ouçã isto
	Corra

Composição: Mick Jones / Joe Strummer



A interdisciplinaridade também se destaca ao utilizar as letras de músicas do The Clash no ensino de História. Ao trabalhar com as letras, os educadores têm a oportunidade de explorar conexões com outras disciplinas, como a literatura, a sociologia, os estudos culturais e a língua inglesa. No contexto da língua inglesa, os professores podem aproveitar as letras para aprimorar a compreensão dos alunos quanto ao vocabulário e expressões idiomáticas, além de oferecer uma imersão cultural autêntica no inglês da época. Esse diálogo entre História e Língua Inglesa é enriquecedor, pois permite que os alunos não só reflitam sobre os temas históricos e sociais abordados nas músicas, como também desenvolvam suas habilidades linguísticas em um contexto significativo. Além disso, a análise das letras oferece uma oportunidade de comparar as construções discursivas e culturais entre o inglês britânico e o inglês americano, promovendo um estudo mais aprofundado das diferenças culturais entre esses contextos.



Considerações Finais

O conceito musical e estético do The Clash oferece uma plataforma rica e envolvente para explorar questões históricas, sociais e culturais nas aulas de história do ensino médio. Ao incorporar podcasts ao currículo, os educadores podem criar um ambiente de aprendizado dinâmico e interativo que promova o pensamento crítico, a consciência histórica e a apreciação cultural. Como o próprio Strummer proclamou, *"O Clash era uma banda que fazia algo que as pessoas podiam ouvir, dançar e se inspirar."* Através de podcasts, essa inspiração pode continuar a ressoar com novas gerações de alunos, despertando um interesse duradouro em história, música e justiça social.

A conclusão deste trabalho representa um marco significativo em minha trajetória acadêmica e profissional, e é importante refletir sobre os desafios e conquistas ao longo desse percurso. Um dos maiores desafios enfrentados foi conciliar o trabalho como professor em duas escolas com a escrita da dissertação. A rotina intensa de planejamento de aulas, correção de provas e acompanhamento dos alunos frequentemente deixava pouco tempo disponível para a pesquisa e redação. Esse equilíbrio entre as demandas profissionais e acadêmicas exigiu uma gestão de tempo meticulosa e um esforço considerável para manter o foco e a qualidade do trabalho. O ritmo acelerado e a carga de trabalho substancial se mostraram obstáculos constantes, mas a experiência também trouxe valiosas lições sobre resiliência e organização.

Outro desafio significativo foi a impossibilidade de criar a sequência de podcasts com a participação dos estudantes. Inicialmente, planejei envolver meus alunos na produção dos podcasts como uma atividade prática que os integrasse ao projeto e promovesse um aprendizado mais dinâmico. No entanto, a falta de tempo e a burocracia associada à organização de atividades extracurriculares impediram a concretização dessa ideia. Em vez disso, os podcasts foram elaborados exclusivamente por mim, o que, embora tenha proporcionado um controle completo sobre o conteúdo e a qualidade, também trouxe uma carga adicional de trabalho. Apesar das dificuldades, essa experiência de produção individual permitiu uma maior flexibilidade na abordagem dos temas e no desenvolvimento dos episódios.



A satisfação de utilizar autores renomados nos campos da História do Ensino de História, da Cultura Digital, da História e da Sociologia foi um aspecto enriquecedor deste trabalho. A pesquisa aprofundada e a integração de teorias e conceitos desses campos não apenas fortaleceram a base teórica da dissertação, mas também proporcionaram uma compreensão mais abrangente dos temas abordados. A capacidade de conectar as análises teóricas com a prática pedagógica, especialmente no contexto da utilização da música do The Clash no ensino de História, foi um dos pontos altos da pesquisa e um testemunho da relevância e aplicabilidade dos estudos realizados.

A expectativa de concluir o Mestrado Profissional em Ensino de História representa um passo significativo para minha carreira. Este mestrado não apenas enriqueceu minha formação acadêmica, mas também ofereceu novas perspectivas e ferramentas para aprimorar minha prática docente. A conquista desse título é um reconhecimento do esforço e dedicação investidos, e abre novas possibilidades para futuras pesquisas e práticas pedagógicas. A conclusão desta dissertação é, portanto, não apenas um encerramento de um capítulo acadêmico, mas também um ponto de partida para a aplicação dos conhecimentos adquiridos e para a continuação do desenvolvimento profissional na área de Ensino de História.

Além dos desafios enfrentados na conciliação entre a docência e a escrita da dissertação, é importante destacar o impacto positivo que esse processo teve em minha prática pedagógica. A reflexão contínua sobre as metodologias ativas e o uso de recursos como os podcasts trouxe uma nova dimensão ao meu ensino. A busca por integrar a música e outras mídias no contexto educacional não apenas revitalizou as aulas de História, mas também despertou um maior engajamento e interesse por parte dos alunos. A aplicação prática dos conceitos discutidos ao longo da pesquisa permitiu observar de perto os benefícios de uma abordagem mais dinâmica e interativa, reforçando a importância de adaptar as práticas pedagógicas às necessidades e interesses dos estudantes.

Por fim, a conclusão deste mestrado não só marca o término de um ciclo acadêmico, mas também reafirma o compromisso com a educação e a busca constante



por inovação no ensino. O processo de elaboração da dissertação e dos podcasts trouxe uma nova perspectiva sobre como utilizar ferramentas digitais e culturais para enriquecer a prática docente. A experiência adquirida ao longo deste percurso acadêmico me proporciona uma base sólida para enfrentar novos desafios e explorar oportunidades na área de Ensino de História. Com uma visão mais crítica e atualizada sobre as metodologias e recursos educacionais, estou preparado para contribuir de maneira significativa para a formação de futuros historiadores e para o avanço da educação em minha prática profissional.



Fontes

<https://www.dw.com/pt-br/projeto-do-novo-ensino-m%C3%A9dio-pode-estar-fadado-ao-fracasso/a-65090984>

<https://www.camara.leg.br/noticias/1012689-projeto-do-governo-federal-redefine-diretrizes-do-ensino-medio-no-pais/>

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/10/24/apos-criticas-e-consulta-publica-sobre-reforma-mec-apresenta-proposta-para-novo-ensino-medio.ghtml>

<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/rodrigo-ratier/2023/10/25/um-desastre-grupo-ajuda-escolas-a-resistir-a-reforma-do-ensino-medio.htm>

<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2023/10/5131695-novo-ensino-medio-passara-por-mudancas-apos-criticas-entenda.html>

<https://profhistoria.com.br/articles>

<https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>

<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>

<https://xienpeh.ufrj.br/historico-enpeh/>

https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=419

<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ>

<https://www.scielo.br/j/rbh/>

<https://revistabizz.blogspot.com/p/todas-as-edicoes.html>

<https://acervopunk.com.br/>

<https://open.spotify.com/search/the%20clash/albums>

<https://www.youtube.com/@theclash/videos>

<https://www.youtube.com/@theclashVEVO>

<https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/index.htm#topp>

<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>



The Clash - bbc4 documentary: https://www.youtube.com/watch?v=k_HszocRxSq

The Clash: London Calling | Music Documentary | Don Letts | John Robb | Pat Gilbert:
https://www.youtube.com/watch?v=T--wP6UKI6Q&t=272s&ab_channel=THESTREAM-MoviesandMore

The Clash: Westway to the World
https://www.youtube.com/watch?v=hE5bMJ8psXQ&t=1453s&ab_channel=margauxfsr

A Brief History of The Clash
https://www.youtube.com/watch?v=ljG63a0aiV8&ab_channel=TheBeatGoesOn

Punk: Attitude | Full Documentary | Qwest TV
https://www.youtube.com/watch?v=TwL2gDrU8sA&ab_channel=QwestTV

The Clash Ultimate Review | Music Documentary | Mick Jones | Joe Strummer | Paul Simonon | Don Letts
https://www.youtube.com/watch?v=cOKKnMvyY8c&ab_channel=THESTREAM-MoviesandMore

The Clash - Documentary https://www.youtube.com/watch?v=YPI-HdMOPx4&list=PLiAu4u5TIpZBR-I0KshLG08FguJ-RZrN2&ab_channel=LiquidLifeTV

<https://www.theclash.com/>

<https://2mce.org/podcast/the-clash-sandinista/>

<https://acervopunk.com.br/>

<https://www.letras.mus.br/the-clash/>

<https://open.spotify.com/intl-pt>

<https://podcasters.spotify.com/>

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/09/20/interna_internacional,1086914/desligado-ultimo-reator-de-central-nuclear-dos-eua-onde-ocorreu-grave.shtml

When Reggae & Punk Music United To Create Britain's Rock Against Racism Movement
https://www.youtube.com/watch?v=wJXwvLY_-p8&ab_channel=lilmikesf

<https://jacobin.com.br/2020/10/por-que-the-clash-importa/>



Joe Strummer - The Future is Unwritten

https://www.youtube.com/watch?v=JgfEGDwUtYA&ab_channel=JohnGresham

BOTINADA (The Rise of Punk Rock in Brazil) - directed by Gastão Moreira

https://www.youtube.com/watch?v=trlAXkc003k&ab_channel=KazaGast%C3%A3o

O punk no Brasil

https://www.youtube.com/watch?v=K_DuamUWZPc&ab_channel=PesquisaFAPESP



Referências Bibliográficas

ABUD, Katia Maria. **Registro e representação do cotidiano**: a música popular na aula de história. Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 67, p. 309-317, dez. 2005.
<https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000300004>

AZAMBUJA, Luciano; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **“Aprendi a pensar que a música também é história” a canção vai à Escola**: Perspectivas da Educação histórica. Revista História e Ensino, Londrina, v. 01, p. 89-112, 2012.
<https://doi.org/10.5433/2238-3018.2012v18n1p89>

BACICH, L.; MORAN, J. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARUFFI, Pedro Paulo. **O Novo Ensino Médio empresariado e o ensino de História**: desafios da atualidade. Revista Professare, ISSN: 2238-9172, Caçador, v.12, n. 1, p. e3075-e3075, 2023
<https://doi.org/10.33362/professare.v12i1.3075>

BENTIVOGLIO, Júlio. **A música como documento histórico**: abordagens interdisciplinares. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016. p. 233-250.

BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Repensando o ensino)
<https://doi.org/10.5433/2238-3018.2003v9n0p223>

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Novo Ensino Médio: Diretrizes**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.pp. 13-25; 184-192.

BURKE, P. A comunicação na História.In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart e HERSCHMANN, Micael (orgs.) **Comunicação e História**: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X:Globo Universidade, 2008.



CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CHACON, Paulo. **O que é Rock**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982

CHARTIER, Roger. **A História cultural-entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1993.

COELHO, Fernando Mendes. **Rebeliões urbanas em Londres através das músicas do The Clash**, Oficina do historiador, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 202; e-ISSN: 2178-3748, site:<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/oficinadohistoriador/article/view/38952/26986>, acessado em 10-07-2022.
<https://doi.org/10.15448/2178-3748.2021.1.38952>

DÂNGELO, Newton. **Ouvindo o Brasil**: o ensino de História pelo rádio – décadas de 1930/40. In: REVISTA Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Humanitas, v. 18, n. 36, 1998.(citar também os outros livros sobre Uberlândia – Vozes da Cidade e sobre o Rádio Educativo – Escolas sem professores)
<https://doi.org/10.1590/S0102-01881998000200009>

DAVID, Célia Maria. **Música e ensino de história, uma proposta**. (Caderno de formação: formação de professores didática de conteúdos para o curso de pedagogia da UNIVESP), São Paulo, v. 8, p. 108-123, 2012.

DUQUE, Luís Guilherme Rita. **Na trilha sonora da História**: a canção brasileira como recurso didático- pedagógico na sala de aula. In: Revista História Hoje, v 6, nº11, p.295-314. 2017
<https://doi.org/10.20949/rhhj.v6i11.322>

FICO, Carlos. **A historiografia brasileira nos últimos 20 anos**: tentativa de avaliação. Varia História, Belo Horizonte, nº 13, Junho/94, p.147-163

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas, Papirus, 1993

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast na Educação Brasileira**: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação. 2013. Doutorado, Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.

GARCIA, L. A. S. **Produção de podcasts em educação**. São Paulo: Cortez, 2016.

GARCIA, L. A. S. **Produção de podcasts educacionais**: guia prático. São Paulo: Educare, 2016.

GILBERT, Pat. **Passion Is A Fashion**: The Real Story of The Clash. London: Aurum Press, 2005.



GRAY, Marcus. **The Clash: Return of the Last Gang in Town**. Londres: Helter Skelter Publishing, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Brasília: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade**. In: SILVA, Thomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. 2.ed. São Paulo, SP: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006.

HERRINGTON, Jan; OLIVER, Ron. **An instructional design framework for authentic learning environments**. *Educational Technology Research and Development*, v. 48, n. 3, p. 23-48, 2000.
<https://doi.org/10.1007/BF02319856>

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX. 1941-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUYSEN, ANDREAS. **Culturas do Passado – Presente**: Modernismos, Artes Visuais, Políticas da Memória. Editora Contraponto, Rio de Janeiro, 2014.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Ed. Spcione, 1990. Apud GONÇALVES, Eleide Castilho. *O Ensino da Música no Contexto Escolar*. São Paulo: Rev. Online v.2, n.2, p.181-192, fev. 2001.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LORITTE, JAIME. **Os 40 anos de ‘London Calling’**: como o The Clash mudou o rock para sempre e, de quebra, deu voz aos derrotados. Reportagem: São Paulo 2019, site: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/13/cultura/1576230607_110942.html, acessado em 11-07-22.

MANOEL, Diogo Silva. **Música para historiadores**: [Re] pensando canção popular como documento e fonte histórica. In: *Anais do XIX Encontro Regional de História*, Juiz de Fora: Anpuh MG, jul. 2014. p. 1-10.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. pp. 228-257; 308-334.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. **A história ensinada**: algumas configurações do saber escolar. *História & Ensino*, Londrina, v. 9, p. 9-35, Out. 2003.



<https://doi.org/10.5433/2238-3018.2003v9n0p9>

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música:** canção popular e conhecimento histórico. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v.20, nº39, p.203-221.2000
<https://doi.org/10.1590/S0102-01882000000100009>

MORAES, José Geraldo Vinci de; SALIBA, Elias Thomé. (orgs). **História e Música no Brasil.** São Paulo: Alameda, 2010.

MORAN, J. M. **Mudando a educação com metodologias ativas.** In Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Coleção Mídias Contemporâneas. 2015.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos:** novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. **Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969).** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música popular:** Um mapa de leituras e questões. Revista História, 2º semestre, p. 153-171, 2007.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i157p153-171>

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história:** Sobre o uso de fontes na sala de aula. Revista anos 90. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008.
<https://doi.org/10.22456/1983-201X.7961>

RIBEIRO, Ana Maria. **Podcasts na educação:** inovação e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

ROCHA, HELENICE; MAGALHÃES, MARCELO; GONTIJO, REBECA. **A Escrita da Memória Escolar: Memória e Historiografia,** Editora FGV, São Paulo - SP, 2009.

RODRIGUES, Magna Abrantes. **História, ensino e música:** o rock brasileiro na década de 1980. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional Em Ensino de História) - Curso de Pós-Graduação em Ensino de História, Campus de Araguaína, 2016.

SCHMIDT, Maria, A. M. dos S. **História Do Ensino De História No Brasil:** Uma Proposta De Periodização Revista História da Educação - RHE Porto Alegre v. 16 n. 37, 2012

SILVA, Marcos Antônio da e FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de história hoje:** errâncias, conquistas e perdas. Revista Brasileira de História, v. 30, n. 60, p. 13-33, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a02v3060.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2023.



<https://doi.org/10.1590/S0102-01882010000200002>

SILVA, M. C. **O uso de podcasts na educação:** reflexões e práticas. São Paulo: Editora Escolar, 2020.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992
SOUZA, Antonio Marcus Alves de. **Cultura Rock e Arte de Massa.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

SOUZA, Raone Ferreira de. **Uso e possibilidades do uso de podcast no ensino de história.** 2016. Dissertação (Mestrado Profissional Em Ensino de História) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Rio de Janeiro, 2016.

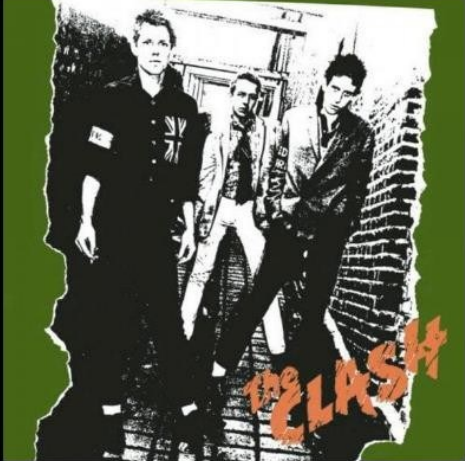
VALENTE, J. A. **Educação e tecnologias digitais:** reflexões sobre a prática docente. São Paulo: Papirus, 2013.

VALENTE, José Armando. **Formação de Educadores para a Inovação Educacional.** Campinas: Papirus, 2013.



Anexos

Discografia da banda (somente os álbuns)



The Clash
April 8, 1977

This album was the first major punk record to be released in the UK. It was later released in the US on July 23rd 1979.

Iconic artwork, alongside themes of Britain's disaffected youth, unemployment, drugs, rioting and oppressive policing acted as a blueprint for the burgeoning punk genre.

The album's cover version of Junior Murvin's Police & Thieves established an early connection between punk and militant reggae music.

*Tradução livre: Este álbum foi o primeiro grande disco punk a ser lançado no Reino Unido. Mais tarde, foi lançado nos EUA em 23 de julho de 1979.

Obras de arte icônicas, juntamente com temas da juventude insatisfeita da Grã-Bretanha, desemprego, drogas, tumultos e policiamento opressivo, serviram de modelo para o florescente gênero punk.

A versão cover de Police & Thieves de Junior Murvin estabeleceu uma conexão inicial entre o punk e o reggae militante.



Give 'Em Enough Rope

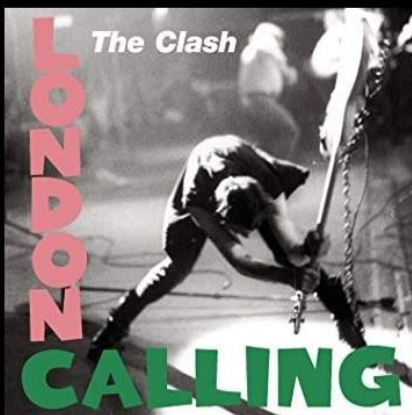
November 10, 1978

The first LP to feature drummer Topper Headon, this record was produced by Blue Oyster Cult's mentor Sandy Pearlman.

Voted 'Album of the Year' by Sounds (UK), Rolling Stone (US) and Time Magazine (US) the record explores themes of Third World conflict, European terrorism and London inner-city desolation.

*Tradução livre: O primeiro LP com a participação do baterista Topper Headon, este disco foi produzido pelo mentor do Blue Oyster Cult, Sandy Pearlman.

Eleito o 'Álbum do Ano' pela Sounds (Reino Unido), Rolling Stone (EUA) e Time Magazine (EUA), o disco explora temas do conflito do Terceiro Mundo, do terrorismo europeu e da desolação do centro da cidade de Londres.



London Calling

December 14, 1979

Originally released as a double LP, London Calling was recorded with maverick producer Guy Stevens.

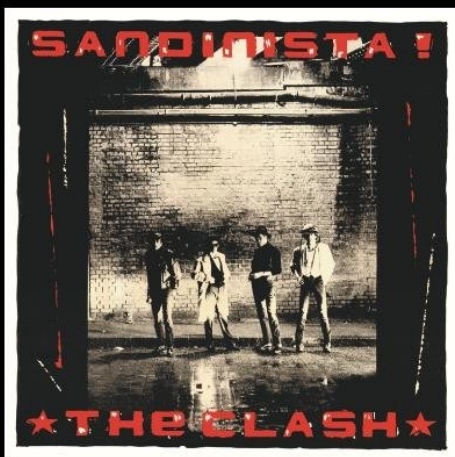
Voted by Rolling Stone as best album of the 1980's, London Calling presented the group's rapidly evolving sound in the aftermath of punk, reflecting their love of reggae, soul, rockabilly, funk, rhythm & blues, as well as channeling their recent experiences touring America.

The US release came a month later, on January 10th 1980.

*Tradução livre: Originalmente lançado como um LP duplo, London Calling foi gravado com o produtor independente Guy Stevens.

Eleito pela Rolling Stone como o melhor álbum da década de 1980, London Calling apresentou o som em rápida evolução do grupo após o punk, refletindo seu amor pelo reggae, soul, rockabilly, funk, ritmo e blues, além de canalizar suas experiências recentes em turnês pela América.

O lançamento nos EUA veio um mês depois, em 10 de janeiro de 1980.



Sandinista!

December 12, 1980

Controversially released as a 'triple' on three vinyl discs, the record shows the group on a creative roll, adding dub, rap and jazz to an already diverse musical palette.

Taking its name from Nicaragua's left-wing rebel force, the album tackles subjects including US foreign policy, Vietnam, and Cold War tensions.

Recorded in Jamaica, London and most significantly New York, where the growing hip-hop scene inspired The Clash to write the first ever UK rap record, The Magnificent Seven.

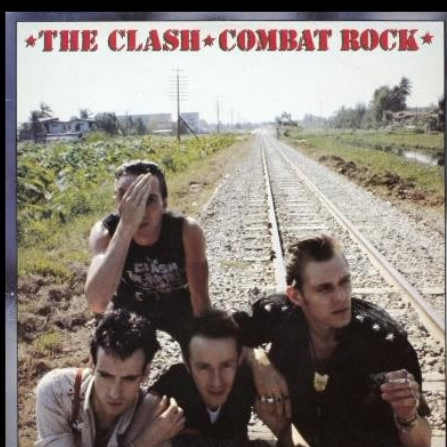
Voted album of the year by the Village Voice (US).

*Tradução livre: Controversamente lançado como 'triplo' em três discos de vinil, o disco mostra o grupo em um ritmo criativo, agregando dub, rap e jazz a uma paleta musical já diversificada.

Tomando o nome da força rebelde de esquerda da Nicarágua, o álbum aborda assuntos que incluem a política externa dos EUA, o Vietnã e as tensões da Guerra Fria.

Gravado na Jamaica, Londres e, mais significativamente, em Nova York, onde a crescente cena hip-hop inspirou The Clash a escrever o primeiro disco de rap do Reino Unido, The Magnificent Seven.

Eleito álbum do ano pelo Village Voice (EUA).



Combat Rock

May 14, 1982

Originally conceived as a double album, Combat Rock was edited down to a single together with legendary producer Glyn Johns.

Recorded in New York, this album soaked up the atmosphere of the city's vibrant hip-hop and graffiti art scenes, mixing funk, rock, hip-hop and reggae.

Combat Rock featured a cameo from beat poet Allen Ginsberg and paid homage to the Scorsese film Taxi Driver.

This record was the last to feature the classic Strummer-Jones-Simonon-Headon line-up.

*Tradução livre: Originalmente concebido como um álbum duplo, Combat Rock foi editado em single junto com o lendário produtor Glyn Johns.



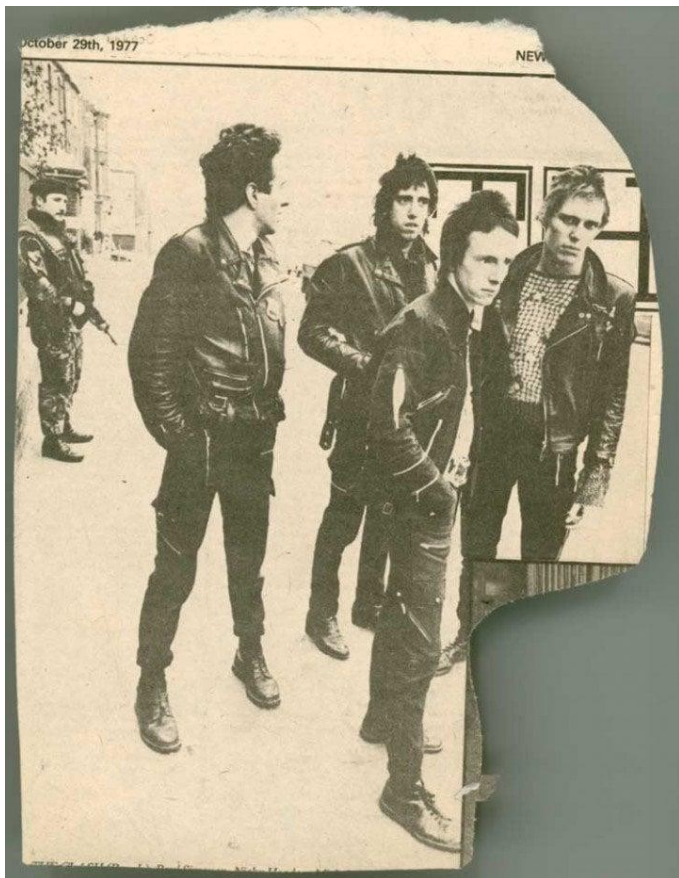
Gravado em Nova York, este álbum absorveu a atmosfera vibrante do hip-hop e do graffiti da cidade, misturando funk, rock, hip-hop e reggae.

Combat Rock contou com uma participação especial do poeta beat Allen Ginsberg e prestou homenagem ao filme de Scorsese, Taxi Driver.

Este disco foi o último a apresentar a formação clássica Strummer-Jones-Simonon-Headon.



Algumas imagens da banda



NME – October 1977

* Tradução livre do texto publicado: CLASH VISITA BELFAST PARA SESSÃO DE FOTOS, para a revista britânica New Musical Express. Infelizmente o texto está incompleto, visto que só consegui encontrar uma página da revista nas pesquisas. Fiz questão de incluir, pois além desta foto constar no site oficial da banda, o texto fragmentado remonta não só apreensão das autoridades, bem como o clima de tensão social na capital da Irlanda do Norte, devido ao conflito histórico entre protestantes e católicos.

CINCO PRISÕES, TRÊS JANELAS QUEBRADAS e algumas centenas de fãs furiosos são tudo o que resta para o Clash ao visitar Belfast

O grupo deveria se apresentar no Ulster Hall de Belfast, a única casa de rock ainda de pé no centro da cidade bombardeada, na quinta-feira (20). No final das contas, eles nunca conseguiram se apresentar. Poly Ents, o lado musical da Polytechnic da Irlanda do Norte em Jordanstown estava apresentando o show como parte de um programa de inverno de dois shows que esperançosamente verá The Runaways no mesmo local nesta quinta-feira (27). The Stranglers, sob um promotor diferente, será lançado no dia 8 de novembro.

Os fãs do Clash, resplandecentes em couro rasgado e polietileno retorcido, começaram a se reunir do lado de fora do Ulster Hall na hora do chá. Foi o primeiro comício punk que Belfast já viu.

Poucos minutos depois, espalharam-se os primeiros rumores de que o show havia sido cancelado. A multidão esfarrapada e a essa altura enfurecida, cerca de duzentas pessoas, marchou prontamente para onde se dizia que o grupo estava hospedado no Belfast Europa, o mais bombardeado hotel do mundo.

Um segurança surpreso, vendo o grupo de punks sair das sombras, imediatamente chamou o...



There were 100,000' ... the Clash at the Rock Against Racism free concert in 1978. Photograph: Val Wilmer/Redferns

*Tradução livre: Em 1978, dezenas de milhares de fãs de música assistiram a um concerto antifascismo no East End de Londres.

Rock contra o Racismo foi a maior manifestação antifascista desde a Segunda Guerra Mundial.⁵⁶



Promo do documentário White Riot, de 2019, sobre o evento em 1978

⁵⁶ <https://www.bbc.co.uk/sounds/play/p00g589q>



London Calling – Press Shot





Spanish Tour Poster



Press photo